

O Dia do Senhor

Não Veio dos Católicos nem dos Pagãos

*Uma Resposta aos Adventistas
do Sétimo Dia Sobre o Assunto*

Por

REV. D. M. CANRIGHT

Pastor Emérito da Berean Baptist Church, Grand Rapids, Mich.,

Autor de “Seven-Day Adventism Renounced”,

“Adventism Refuted in Ten Tracts”, “Bible from Heaven”, etc.

”Procuro colocar-me no lugar do homem que não
sabe todas as coisas que eu sei” – Pres. Woodrow Wilson

“Nós também estamos rodeados de uma tão grande
nuvem de testemunhas” – Hebreus. 12:1

SEGUNDA EDIÇÃO

1915

Tradução
Marcos Simas Iozzi Dias
marcossimas@gmail.com
2013

MINHA POSIÇÃO ATUAL

Quando um homem proeminente deixa uma igreja ou partido, e se une a um de oposição apresentando suas razões para isto, ele pode esperar que seus antigos companheiros se manifestarão contra ele. Não esperava uma exceção no meu caso quando renunciei ao Adventismo; portanto, não fiquei despondido. A grande maioria dos meus antigos irmãos têm permanecido bastante amigável e me tratam gentilmente. Uns poucos, muito poucos, têm agido de outra forma. Seu objetivo é neutralizar minha influência contra aquilo que eles consideram ser obra de Deus. Esses poucos começaram a divulgar que me arrependi de ter deixado o Adventismo, que eu disse isso, que tentei retornar para eles, que confessei que o meu livro era falso; e alguns disseram que eu estava na miséria, física e mentalmente destroçado, sem nenhuma esperança de salvação, etc. Esses relatos foram recebidos por irmãos honestos como se fossem verdadeiros, e repetidos tantas vezes que foram aceitos por muitos Adventistas em todo o mundo. Eu os tenho negado de todas as formas possíveis, mas ainda continuam sendo cridos e repetidos, e sem dúvida alguma continuarão sendo. Deixo Deus julgar entre nós.

Eu aqui e agora, pela centésima vez afirmo solenemente diante de Deus que renunciei ao Adventismo porque entendi ser ele um erro. Jamais me arrependi por ter agido assim, nunca confidenciei a ninguém que o meu último desejo era voltar para aquele povo. Teria sido impossível para mim desejar tal coisa e ser um homem honesto. Estou agora (1915) bem de corpo e mente; possuo uma casa avaliada em \$10,000 ou \$12,000 e tenho quatro filhos crescidos, dos quais qualquer homem iria se orgulhar.

Ao deixar o Adventismo filiei-me à Igreja Batista em Otsego, Mich., e tornei-me seu pastor até que ela se transformou em uma próspera igreja. Eles têm sido meus amigos calorosos até o dia de hoje. Há vinte anos atrás mudei-me para Grand Rapids, Mich., assumindo uma nova missão e edificando-a; organizei-a como igreja, vindo a ser uma das mais fortes da cidade, com centenas de membros e um belo templo. Por duas vezes fui seu pastor, e sempre um membro ativo. Atualmente leciono numa grande classe Bíblica de adultos em cada dia do Senhor, e frequentemente prego para a congregação. Sempre estive em perfeita harmonia com a igreja; eles me honram como seu pai, consultam-me em todas as questões de importância e se ressentem com indignação pelos boatos tolos que circulam sobre mim.

Das dezenas de testemunhos impressos a meu respeito, selecionei apenas uns poucos que falam por si mesmos:

“Grand Rapids, Mich., 1 de novembro de 1907.

A quem interessar possa:

Tendo recebido muitas cartas de todas as partes dos Estados Unidos, de pessoas que têm sido informadas pelos Adventistas de que o Rev. D. M. Canright não era membro de uma igreja Batista e muitas outras coisas relacionadas com o seu caráter, condenamos enfaticamente qualquer uma dessas declarações e afirmamos que ele é agora, e tem sido por muitos anos, um membro ativo da Berean Baptist Church, localizada nesta cidade, e que foi seu pastor por duas vezes; um homem acima de censura, e, acima de tudo, um nobre Cristão.

Respeitosamente, W. H. Andrews, ex-secretário e membro fundador da igreja mencionada acima.

Pela presente, certifico o que foi dito acima.

Rev. Robert Gray,
Pastor da Berean Church.”

“Grand Rapids, Mich., 9 de abril de 1910.

A quem interessar possa, em todo o mundo.

Caros irmãos,

O motivo desta carta é para dizer que o Rev. D. M. Canright é reconhecido há muitos anos pelos abaixo assinados como um homem Cristão zeloso e consagrado; um verdadeiro ministro de Jesus Cristo. Por meio de seus livros e tratados ele tem sido por muitos anos uma 'testemunha fiel e verdadeira' contra os erros dos Adventistas do Sétimo Dia.

Oliver W. Van Osdel, Moderador da Grand River Valley Association;

Alexander Dodds, Presidente da City Baptist Mission Society;

W. I. Coburn, Presidente da Conferência de Ministros Batistas.

O povo Batista não é o único que pensa bem a respeito do Rev. Sr. Canright. Um ministro Congregacional acrescenta suas palavras:

“Com esta certifico que estou familiarizado com o Rev. D. M. Canright desta cidade por mais de quarenta e cinco anos. Pelo menos vinte anos desse tempo ele foi um pregador Adventista, e durante aqueles anos sua reputação como um homem Cristão e como pregador de rara habilidade foi a da mais elevada distinção. Seu nome entre o povo Adventista de seu estado era um sinônimo de justiça e caráter, e ele era um hábil defensor da sua fé.

Quando deixou a denominação Adventista, todos os que o conheciam, se estivessem imbuídos com o espírito Cristão, deveriam admitir que a mudança pela qual passou foi devida a uma convicção sincera da conscientização daquilo que acreditava ser o correto. Não poderia haver outro motivo no seu caso, pois ele obteve êxito superior ao de muitos de seus irmãos e era honrado por eles no grau mais elevado. Por pelo menos vinte anos ele e sua amada família vivem nesta cidade, e ele manteve a mesma reputação que tinha como um Cristão honrado e cidadão respeitável. O que escrevi é do conhecimento pessoal do Rev. D. M. Canright e da denominação Adventista neste estado.

J. T. Husted,

Pastor da Wallin Congregational Church, Grand Rapids, Mich., 12 de abril de 1910.”

Os pastores Metodistas acrescentam sua homenagem, como segue:

“Por termos recebido muitos questionamentos vindos de diferentes membros da associação, relacionados com o caráter e a posição do Rev. D. M. Canright, a reunião regular mensal da Associação dos Ministros Metodistas de Grand Rapids, Mich., adotou, por unanimidade de votos, a seguinte expressão da sua confiança e consideração pelo valor pessoal e utilidade ministerial do Irmão Canright:

O Rev. D. M. Canright, antigo ministro na denominação Adventista do Sétimo Dia, e mais recentemente um ministro na denominação Batista desta cidade, é conhecido pessoal de alguns do nosso corpo de membros por vários anos, e todo o nosso conhecimento e informação a seu respeito são do tipo mais favorável.

Quaisquer questionamentos sobre seu caráter como homem, esposo, cidadão ou Cristão não possuem fundamento, e, na verdade, são refutados por todos os fatos conhecidos por pessoas de seu relacionamento íntimo. Ele é honrado entre os irmãos, respeitado em sua própria comunidade e louvado

por nós como digno de confiança e crédito. Ele teve um ministério honrado e profícuo, e de forma alguma é merecedor dos ataques promovidos contra ele.

Lavrado em Grand Rapids, Mich., neste décimo-primeiro dia de abril de 1910, por autoridade da Associação dos Ministros Metodistas de Grand Rapids.

John R. T. Lathrop, Superintendente do Distrito.

Charles Nease, Presidente.

J. R. Wooten, Secretário.”

“É com sincero prazer que escrevo a respeito do caráter e integridade do Rev. D. M. Canright. Conheço a ele e sua família por uns bons anos, e não hesito em dizer que eles são pessoas muito estimadas e possuem a confiança de seus vizinhos e amigos da comunidade.

Considero o Sr. Canright um Cristão amável em cada sentido da palavra; um homem da mais elevada integridade e de quem se espera, em qualquer projeto com o qual esteja envolvido, fazer da justiça o seu guia de ação.

Ele fez negócios com o nosso banco por muitos anos. Pessoalmente tive a oportunidade de testar sua integridade, e manifesto de forma inequívoca a minha expressão de confiança nele.

Sinceramente,

Charles W. Garfield”

(O Sr. Garfield é presidente de um banco com \$2,000,000)

Os Adventistas costumam dizer que eu os deixei quatro ou cinco vezes. Retirei-me daquela igreja apenas uma vez, não mais, a qual foi definitiva. Seus registros na igreja em Battle Creek e Otsego mostrarão isto. Por alguns anos estive em tribulação com dúvidas sobre algumas de suas doutrinas, e por três vezes parei de pregar por um curto período, mas permaneci um membro em boa posição.

Durante um grande encontro campal fui persuadido a engolir minhas dúvidas, a assumir o trabalho novamente, confessar que estive em trevas e seguir adiante. Cedi meu julgamento às súplicas de meus irmãos e pelo amor que nutria por antigos companheiros, e disse aquilo que logo me arrependi. Achei-me em uma luta terrível para romper com o que havia me prendido por longo tempo.

Desde que os deixei eles tentam fazer parecer que, de qualquer forma, eu não fiz muita coisa. “Uvas verdes”, disse a raposa para o delicioso fruto que não conseguiu alcançar! Como refutação de suas detrações, ver o Capítulo II do meu livro (Seventh-day Adventism Renounced). Irei expor aqui brevemente apenas alguns fatos.

Durante dois anos, 1876 e 1877, fui um dos três membros do comitê da conferência geral que mantinha o controle de todos os seus trabalhos no mundo. Não existe autoridade mais elevada na denominação. Como poderia ocorrer de ser colocado naquele ofício, se eu não fosse um de seus melhores homens? Ano após ano fui eleito em conselhos assumindo responsabilidades nas suas instituições mais importantes, tais como a Casa Publicadora, o Colégio, o Sanatório, a Associação da Escola Sabatina, etc., etc. Como prova disso, ver seus anuários impressos, onde meu nome aparece constantemente.

Fui empossado professor de teologia em seu colégio, presidente de uma conferência estadual, editor associado de um periódico, etc. Preparei e organizei o curso de interpretação que todos os seus ministros devem seguir, e fui enviado para a conferência estadual anual, a fim de examinar os pregadores em seus estudos, sua teologia e qualificações para o ministério. Tal trabalho é usualmente designado para um homem inferior?

Mas foi como escritor de seus periódicos, como autor de numerosos tratados, panfletos e livros cobrindo praticamente todos os pontos controvertidos da sua fé; como palestrante e debatedor na defesa

de suas doutrinas, que eu me tornei conhecido durante os últimos quinze anos que estive com eles. Nessas fileiras nenhum homem entre eles se posicionou de forma tão proeminente quanto eu. Todos os que são familiarizados com o seu trabalho durante aquele período sabem que nesta questão eu digo apenas a simples verdade. Eles também sabem disso. Pelos meus escritos a organização me pagou uma vez \$500 em cheque, e quantias diferentes muitas outras vezes. Após vinte e sete anos eles ainda publicam e utilizam vários dos meus tratados como sendo o de melhor que foram capazes de produzir desde então.

Meu conhecimento amplo e profundo do Adventismo e de todos os seus argumentos preparou-me para responder-lhes como ninguém mais poderia. Centenas de ministros de todas as partes escreveram seus agradecimentos pelo auxílio que meu livro lhes tem dado no contato com o Adventismo. Será que Deus em sua providência não me preparou para esta obra? Humildemente acredito que sim, e isso me apazigua com as experiências longas e amargas que tive naquela escravidão. Se Deus e a verdade forem honrados, eu me contento.

A única pergunta é: eu conheço suas doutrinas bem o suficiente para apresentá-las com clareza e tenho a habilidade para refutá-las plenamente? Deixe que a minha obra seja a resposta.

Desde que me retirei os Adventistas publicaram cinco ou seis tratados diferentes visando eliminar minha influência. Se eu significasse tão pouco, por que todo esse esforço? O que eles fazem contradiz o que dizem. Deus preservou-me para sobreviver a quase todos os ministros Adventistas com os quais comecei a trabalhar. Aos setenta e cinco anos estou cheio de fé em Deus e da esperança de vida eterna por meio do nosso Senhor Jesus Cristo.

Eu ainda amo aqueles irmãos e sei que a maioria deles são pessoas Cristãs honestas, mas estão no erro em muitas de suas crenças. Serei grato se puder ajudá-los.

D. M. Canright

Pastor Emérito da Berean Baptist Church

Grand Rapids, Michigan.

A Berean Baptist Church foi estabelecida pelo Ancião Canright e organizada em 5 de Junho de 1892, com cinquenta membros. Desde então, foram batizados quatrocentos e cinquenta na igreja. Sua membresia atual é de trezentos e trinta e um e continua crescendo. Sua localização é uma das melhores da nossa cidade de 120.000 habitantes. Ela possui um bom templo com todas as conveniências modernas e está livre de débitos. Na cidade e no estado ela é reconhecida como uma dentre as igrejas evangélicas Batistas mais fervorosas e dinâmicas.

A igreja sempre reconheceu com gratidão o trabalho que o Ancião Canright fez sob a orientação de Deus, ao iniciá-la sobre uma fundação Escritural sólida, que tem sido sempre zelosamente mantida.

A. J. Bush, Secretário da Igreja.

Berean Baptist Church,

23 de setembro de 1915.

PREFÁCIO

Uma das principais coisas que os Adventistas do Sétimo Dia insistem com mais veemência é que a observância do Domingo se originou com os Romanos pagãos. Posteriormente teria sido trazida para a Igreja Romana e então o Papa, ou o Papado, a impôs sobre a totalidade do mundo Cristão. Deste modo o Domingo seria apenas um dia pagão, um dia papal.

Eles afirmam isso de forma tão enfática e repetida, que as pessoas mal informadas são coagidas a abandonarem o Dia do Senhor em favor do Sábado Judaico. Este é um assunto sobre o qual as pessoas geralmente não têm esclarecimento. Mesmo aqueles que são mais bem instruídos sobre tópicos gerais conhecem pouco ou nada sobre o tema em particular, ao mesmo tempo em que os indivíduos comuns não conhecem absolutamente nada sobre ele.

Conhecer os fatos reais exige muita pesquisa cuidadosa sobre a história da Igreja e do Estado através dos vários séculos da Igreja primitiva, e poucas pessoas têm o tempo, os meios à disposição ou o interesse para fazer tal pesquisa. Até ministros altamente preparados não dedicam muita reflexão sobre o tema, porque não tiveram oportunidade para tal. Assim, quando subitamente se defrontam com os Adventistas nesta questão eles se veem despreparados e tampouco possuem algum material à mão para fazer uma consulta rápida. Desse modo, as declarações enfáticas dos Adventistas ficam com frequência sem resposta. Em um auditório normal de centenas de pessoas, provavelmente não haverá uma única que saberia dizer como os pagãos Romanos consideravam o Domingo, ou se o Papado teve ou não alguma coisa a ver com ele. Assim elas são facilmente enganadas. Não quero dizer que acuso os Adventistas de enganarem propositadamente; eu mesmo ensinei dessa forma por muitos anos enquanto estava com eles. Eu aceitava aquilo que a nossa própria “História do Sábado” dizia, e a citava de forma conclusiva. Assim foi, até que eu vi como ela era unilateral.

O Rev. John J. Husted, Congregacional, foi íntimo com os Adventistas por cinquenta anos; o Rev. O. W. Van Osdel, Doutor em Divindade, Batista, confrontou-se muitas vezes com seus argumentos; o Rev. M. H. McLeod, Presbiteriano, publicou uma discussão travada com um proeminente defensor do Adventismo.

O Rev. W. H. Phelps, Metodista, foi por muitos anos pastor da M. E. Church, em Battle Creek, Michigan, certa ocasião esteve em um debate com um pastor Adventista. Logo todos são bem qualificados para julgar sobre a matéria contida em meu manuscrito. Leiam suas recomendações na página anterior.

Em seguida escolhi um ministro Adventista do Sétimo Dia, um dos estudantes mais críticos da sua área. Ele gentilmente consentiu em criticar meus manuscritos. Fez um trabalho meticuloso, eliminando ou adicionando palavras ou frases ou destacando aquilo que pensava ser declarações questionáveis. De boa vontade aceitei quase todas as críticas que fez e omiti algumas coisas que questionou. Valorizei muito sua revisão do meu trabalho. Não esperava que ele concordasse com todas as minhas conclusões, nem que recomendasse o livro; ele não poderia fazer tal coisa e continuar um Adventista do Sétimo Dia. Suas críticas foram todas feitas num tom amigável, mostrando que a amabilidade de espírito não está toda em um único lado.

De minha parte, após minuciosa pesquisa estou profundamente satisfeito pelo fato de a Igreja Cristã estar correta em observar o Dia do Senhor. Escrevi esta obra com uma oração constante para que eu

fosse justo e bondoso em minhas declarações. Tenho uma alta estima por meus irmãos Adventistas e o sentimento mais amável em relação a eles. Sei que são sinceros, mas estou seguro de que estão errados em suas interpretações sobre o Sábado e o Dia do Senhor. Suas campanhas agressivas e mui difundidas sobre este assunto resultarão em um melhor entendimento dos mesmos.

Este livro não foi escrito para converter Adventistas, mas sim para defender a nossa própria fé. Se eles deixassem os nossos membros em paz, não diríamos nada; mas estaríamos sendo desleais ao nosso dever se nos mantivéssemos impassíveis enquanto eles nos acusam publicamente de sermos pagãos e papistas, para depois irem de casa em casa entre os nossos membros Cristãos com a sua literatura e estudos da Bíblia, para convertê-los às suas crenças errôneas.

O futuro do Adventismo do Sétimo Dia – qual será ele? Isto é um enigma. Aparentemente três dificuldades intransponíveis se colocam diante deles em um futuro próximo.

Primeira. Eles estão agora, em 1915, colocando tremenda ênfase sobre suas afirmações de que o fim deve chegar, e chegará na geração iniciada em 1844, neste momento há setenta e um anos atrás. Eles dizem que estão agora “terminando a obra”, “já entrando à porta”. Isto gera grande entusiasmo, ofertas enormes e sacrifícios imensos. Mas se a geração passar, se algumas décadas vierem e se forem, então o quê? Sim, então o quê? Não seguirá uma triste catástrofe?

Segunda. Desde o início eles têm dito que a sua “mensagem” ajuntará os 144.000 de Apoc. 7:1-4, 14:1-5, e então virá o fim. Mas agora eles são 122.000. Da forma como estão progredindo, em mais dois ou três anos completar-se-á o número pretendido. E então o que? Suponhamos que após alguns anos eles somem 200.000, 56.000 a mais do que pretendiam; então o quê?

Terceira. Outra questão os confronta: uma nova geração está se levantando naquela Igreja; mais bem instruída, mais capacitada, mais culta e mais tolerante com as outras Igrejas. Eles adotarão cada vez mais as maneiras e métodos das Igrejas históricas. Estes homens jovens estão aos poucos se distanciando da Sra. White e criando um pensamento independente para si mesmos. Serão eles fortes o suficiente para deixar o corpo ou irão dividir a Igreja baseados em alguma nova questão, agora que a Sra. White está morta?

Depois de deixá-los, naturalmente meus irmãos Adventistas esperavam que o olhar severo de Deus me seguisse, por me opor à sua “mensagem”. Sendo assim, desde então se diz entre eles que me tornei um desequilibrado físico e mental, pobre arruinado em desespero espiritual, etc. Mas o fato é que na idade de setenta e cinco anos estou em perfeita saúde, possuindo a mesma forte fé e esperança em Deus como sempre tive. Financeiramente estou em melhores condições do que já estive. Quanto às minhas condições mentais, deixe que respondam estas páginas.

Tenho sobrevivido a quase todos os ministros Adventistas que laboraram junto comigo. O Ancião White faleceu com a idade precoce de sessenta anos; um da minha idade, com quem trabalhei, morreu insano há alguns anos atrás; outro companheiro de trabalho morreu na carruagem; outro afogou-se e muitos mais morreram bem jovens. Tivesse algo disso acontecido comigo, seria considerado como julgamento de Deus. Assim a minha extraordinária preservação e prosperidade deveriam ser creditadas às bênçãos de Deus. Creio firmemente deste modo.

Cada página desta obra foi escrita com a mais fervorosa oração para que o afetuoso Espírito do Mestre possa soprar através delas. Nenhum de nós é infalível; todos estamos sujeitos a cometer erros. Consequentemente precisamos ser compassivos com aqueles que têm o infortúnio de estarem enganados.

CONTEÚDO

CAPÍTULO I. ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA – O QUE? DE ONDE? PARA ONDE?

Origem com o Millerismo em 1844 – Sincero – Sra. White sua profetisa – O fim em 22 de Set/Out de 1844 – Cristo contradizendo – Dez erros – Endosso do Millerismo – Chamar as Igrejas de Babilônia – Provação concluída em 1844 – Adoção do Sábado Judaico – Proselitismo – Exclusivismo – União da Igreja com o Estado – Triunfo predito – O dano que o Adventismo faz.

CAPÍTULO II. O ESPANTALHO DA “LIBERDADE RELIGIOSA”.

Perseguição predita – Pena de morte em todo o mundo – Liderança dos Estados Unidos – Todas as nações guardando o Domingo – Teoria impossível – Toda tendência para outra direção – Perseguição até à morte – Sra. White os ordena guardar o Domingo – Leis Dominicais não afetam a liberdade religiosa – Afeta apenas a liberdade civil – Ilustração – Eles usam métodos políticos mundanos.

CAPÍTULO III. OS ADVENTISTAS AFIRMAM QUE A IGREJA CATÓLICA MUDOU O SÁBADO, MAS QUAL IGREJA CATÓLICA?

Afirmações Adventistas – Igreja Romana – Reivindicação de origem com os apóstolos – Data do primeiro Papa – Igreja Católica, Igreja Romana e Papado totalmente diferentes – Verdadeira Igreja Católica Apostólica – Esta não é a Igreja Romana, mas sim a Igreja geral – A Igreja Grega do Leste, e não Roma, é a Igreja Mãe.

CAPÍTULO IV. OS CATÓLICOS SITUAM A MUDANÇA DO SÁBADO COM OS APÓSTOLOS.

Essa é a doutrina da Igreja Romana – Concílio de Trento – Bíblia Católica – Delegado Papal – Cardeal Gibbons – Arcebispo da Irlanda – Enciclopédia Católica – Dicionário Católico – Testemunho escrito de dois sacerdotes Católicos – Catecismo – Sacerdotes Missionários – Desafios Católicos.

CAPÍTULO V. OS PAGÃOS ROMANOS E GREGOS NÃO POSSUÍAM NENHUM DIA SEMANAL DE DESCANSO, OU DE FESTIVAL, OU DE ADORAÇÃO.

Teoria Adventista – Alegam que os pagãos guardavam o Domingo como um festival – o papado o introduziu na Igreja – A teoria falsa – Testemunho do Museu Britânico – Instituto Smithsonian – Universidade de Harvard – Universidade de Winsconsin – Livro-texto do Festival Romano, de Fowler – Dicionário Padrão – Webster – Max Muller – Tertuliano – Enciclopédias – Dr. Schaff – Reconhecimento pelos próprios Adventistas – Nenhuma nação pagã jamais guardou o Domingo – O Dia do Senhor não se originou com os pagãos, mas sim com os Cristãos.

CAPÍTULO VI. EVIDÊNCIA HISTÓRICA DE QUE O DIA DO NOSSO SENHOR FOI OBSERVADO DESDE O TEMPO DOS APÓSTOLOS.

Carta de Plínio – Barnabé – Ensinos dos Apóstolos – Justino Mártir – Bardesanes – Clemente – Tertuliano – Orígenes – Constituições Apostólicas – Cipriano – Atanásio – Laodicéia – Agostinho – A Igreja Grega – Ciclopédias – O Sábado Judaico não mantido.

CAPÍTULO VII. OBSERVÂNCIA DO DOMINGO ORIGINADA COM A IGREJA DO LESTE, OU IGREJA GREGA, NÃO COM ROMA, NO OESTE.

A Igreja começou no Leste, não em Roma, no Oeste; a mãe é a igreja Oriental – Roma a Filha – Testemunho do Bispo Rafael – Catecismo Grego – Evangelho levado dos Gregos para Roma – Leste para Oeste, não de Roma para o Leste – Igreja Grega mais ampla, mais influente por séculos – Roma sem nenhuma influência no Leste – Trinta fatos a favor – Cinco grandes memoriais do Evangelho – Controvérsia da Páscoa.

CAPÍTULO VIII. LEI DE CONSTANTINO SOBRE O DOMINGO, 321 D. C.

Os pais Cristãos de Constantino – Sua conversão em 312 – Seu edito nove anos depois – Prova – Apenas uma lei civil – Primeira lei civil para o descanso no Domingo – Eusébio – Política de Constantino – Resumo – Testemunho dos Adventistas.

CAPÍTULO IX. O DIA DO SENHOR NOS CONCÍLIOS DE NICÉIA, 325 D. C., E DE LAODICÉIA, 364 D. C.

O Dia do Senhor reconhecido pelo primeiro concílio geral – Importância do concílio – Sábado ignorado – Sábado Judaico condenado em Laodicéia e o Dia do Senhor mantido – Aquele foi um concílio totalmente Grego, não Romano.

CAPÍTULO X. O PAPADO E O DIA DO SENHOR.

Afirmações Adventistas – O Papado uma instituição totalmente Ocidental – Nenhuma autoridade por séculos depois de Cristo – Testemunho das enciclopédias – Dos próprios Adventistas – O Dia do Senhor observado séculos antes do Papado ser estabelecido – Não possui influência no Leste – Nenhum Papado no Leste – Reconhecimento dos Adventistas – Igreja Oriental oposta à Roma – O espírito do Papado.

CAPÍTULO XI. A MARCA DA BESTA – O QUE É ISTO?

Os Adventistas dizem que é a guarda do Domingo – O absurdo da teoria – A Marca do Papado é a supremacia do Papa.

CAPÍTULO XII. OS DEZ MANDAMENTOS NÃO FORAM MUDADOS PELOS CATÓLICOS – OS ADVENTISTAS DECAPITARAM O DECÁLOGO.

Como os Adventistas tentam comprovar isto – Catecismos Protestante e Católico comparados – Catecismo Luterano – Adventistas decapitaram o Decálogo – Palavras introdutórias sobre importantes partes da lei e designação do Autor da mesma.

CAPÍTULO I

ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA – O QUE? DE ONDE? PARA ONDE?

Conhecer o Adventismo melhor do que os próprios Adventistas conhecem! Esta não é uma afirmação pequena e o leitor deve julgar se ela está bem colocada. Creio na doutrina da Segunda Vinda de Cristo e a amo; e juntamente comigo muitos outros têm a esperança de que ela está próxima, mas apenas desejo resguardar-me contra falsas teorias relacionadas a ela.

Tendo gasto vinte e oito dos melhores anos da minha vida entre um povo que iniciou essa forma de fé, ou a desposou, e tendo dado meu serviço para eles e por eles por todo aquele período de tempo, modestamente afirmo que tenho um conhecimento daquilo que doravante falarei.

Nota: Neste capítulo achei por bem dar apenas um breve esboço do Adventismo do Sétimo Dia, o qual permitirá ao leitor compreender por que este livro foi escrito. Para uma explicação mais completa e detalhada desse dogma de fé e para uma resposta aos argumentos reivindicados por eles a partir da Bíblia, veja meu outro livro, como anunciado na página anterior (ver *Seventh-day Adventism Renounced* e *Life of Mrs. Ellen G. White – Her Claims Refuted.*)

Todos os fatos declarados concisamente neste capítulo podem ser encontrados nos livros que ostentam a aprovação do próprio Adventismo do Sétimo Dia. Ver “Primeiros Escritos”, da Sra. White; “Vida de Miller”; “Vida do Ancião White”; “O Grande Conflito”, da Sra. White e seu “Year Book” para qualquer ano. Todos podem ser adquiridos nas casas publicadoras Adventistas.

ORIGEM DA OBSERVÂNCIA DO DIA DO SENHOR.

Os adeptos do Adventismo do Sétimo Dia são elogiados por sua forte fé em Deus, no Salvador e na Bíblia. Eles são exemplos pelos grandes sacrifícios que alegremente fazem por sua fé e por seu zelo, pois acreditam firmemente possuir a única mensagem para a sua geração. Entre eles possuo muitos bons amigos.

Suas interpretações equivocadas, seu zelo excessivo por estas visões e a sua condenação geral dos outros por não aceitá-las, neutralizam amplamente o bem que de outra forma poderiam realizar. Estas coisas e alguns dos métodos que empregam para divulgar suas doutrinas fazem com que se tornem bastante inoportunos para os demais Cristãos igualmente devotados como eles. Sinto em dizer que, embora desconhecido pela grande maioria do seu próprio povo, seus líderes dissimularam o que diz respeito ao seu passado equivocado e a sua dependência da “inspiração” da Sra. White. Os leigos, especialmente os convertidos em terras estrangeiras, nada sabem quanto a isso e nunca creditarão nisso.

Ao mesmo tempo em que sustentam e ensinam os fundamentos das doutrinas Cristãs, junto com estas eles misturam um grande número de erros. Em suas obras eles dão muito mais proeminência a essas teorias errôneas, enfatizando-as como sendo o teste vigente da aceitação por parte de Deus. Isto causa grande dano. É apenas contra esses falsos ensinamentos que eu desejo replicar. Eles fundamentam sua “mensagem” especial sobre a sua própria interpretação particular das diferentes linhas de profecias simbólicas, com as quais não concordam nenhum dos demais expositores. Este é um campo onde eles poderiam facilmente estar errados, da mesma forma como estiveram durante toda a sua história passada.

Como premissa, a Sra. White foi apontada como uma profetisa, e todos os seus escritos e ensinamentos são considerados tão divinamente inspirados quanto os escritos dos profetas da Bíblia. Publicamente eles tentam suavizar este fato, mas, privativamente, ensinam isso com toda a veemência. Não é tolerado entre eles nenhum ministro ou editor que questione isso. Para o seu próprio povo eles citam a Sra. White como “inspiração”, como a “voz do Senhor” para tudo o que desejam realizar, porque ela sempre tem uma revelação pronta para se aplicar ao caso. Nos panfletos de suas igrejas ela é muito mais citada do que a Bíblia. Aqui está um exemplo retirado do Lake Union Herald, 01/Nov/1914. Ele diz: “Leiam cuidadosamente o seguinte escrito através da pena da inspiração”. A seguir segue-se uma citação da Sra. White. Novamente: “Como foi com os antigos profetas, a fala é feita pelo Espírito Santo através de seus órgãos vocais. Os profetas falaram movidos pelo Espírito Santo, 2 Ped. 1:21” (Review and Herald, 05/Out/1914). Não poderia ter sido dado um aval mais enfático possível sobre a sua inspiração. Ela mesma, através de todos os seus escritos, centenas de vezes, faz a mesma reivindicação. Ouçam-na: “É Deus, não um mortal sujeito a erros, quem falou” (Testimonies, III, pág. 257; Testemunhos para a Igreja Vol. III (Espanhol), pág. 148, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=117&p=148>); “É Deus, e não um falho mortal, quem fala para salvá-los da ruína” (Testemunhos Seletos, Vol. 2, pág. 292, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=24&p=292>).

A Sra. White se relaciona com o Adventismo do Sétimo Dia da mesma forma como o Papa para o Catolicismo ou como a Sra. Eddy para a Ciência Cristã. Se você se tornar um Adventista do Sétimo Dia, cedo ou tarde terá de aceitar os testemunhos da Sra. White como a voz de Deus ou sair. Ela escreveu vinte volumes; eles impulsionam a venda de todas as formas possíveis, através de seus panfletos, catálogos; pelos ministros, distribuidores, colportores, etc. Contudo, eles não têm uma única pessoa especialmente empenhada ou trabalhando para vender Bíblias. Isto é significativo.

Durante os últimos anos muitos ministros e leigos foram expulsos da Igreja porque se recusaram a aceitar os testemunhos da Sra. White como revelações inspiradas. Pela mesma razão muitas Igrejas foram dissolvidas para se livrarem dos incrédulos na Sra. White, os quais não poderiam ser excomungados de nenhuma outra forma. Dois panfletos foram recentemente publicados por esses “Expurgados”.

É notável que ao longo do tempo um grande número tenha deixado o corpo em virtude da descrença nos Testemunhos da Sra. White. Isso inclui muitos de seus mais talentosos ministros, editores, escritores, professores de colégios, médicos e gerentes de negócios. Eu poderia encher diversas páginas com a lista de seus nomes. A cada ano vê-se novos nomes adicionados à lista. A julgar pelo passado, daqui a dez anos alguns que são atualmente proeminentes naquela Igreja estarão fora e se opondo a ela. Muitos dos que não possuem uma fé real na inspiração da Sra. White continuam lá por suas posições oficiais, pela fé em outras partes da doutrina e pelo temor do ostracismo religioso experimentado por seus antigos associados. Eu estive lá e sei.

Os Adventistas atuais de todas as ramificações se originaram com William Miller, um fazendeiro idoso, leigo, Cristão sincero, mas um visionário. Dele registra a Schaff-Herzog Encyclopedia: “Limitado em seus dons educacionais e fazendeiro de ocupação, ele, contudo, tinha a pretensão de interpretar profecia”. A mesma referência, no artigo “Adventistas”, diz: “Adventistas, ou seguidores de William Miller, um estudante fanático que datou o Segundo Advento de Cristo para o ano de 1843”. A opinião unânime do mundo Cristão atual concorda com essas características de Miller. Desde então o “Millerismo” tornou-se um sinônimo de rejeição. Os próprios Adventistas se envergonham disso, mas mesmo assim essa foi a sua origem.

Miller rejeitou todos os comentários bíblicos; ele simplesmente tomou a Bíblia e sem nenhum auxílio confiou integralmente nos seus próprios pontos de vista. Ele decidiu que todos os períodos proféticos terminariam em 1843. Um gráfico foi preparado com tudo terminando naquela data e todos os sinais se cumprindo até lá. Os próprios Adventistas comprovaram a falibilidade de Miller, porque encontraram muitas profecias não cumpridas até hoje, ao passo em que ele ensinou que todas elas seriam positivamente cumpridas em 1843-1844.

Logo alguns ministros juntaram-se a ele na pregação daquela marcação de data. Um número bastante grande foi convertido àquela visão. Mas o ano de 1843 passou e, é claro, suas predições falharam. Não aprendendo a lição, os Adventistas dataram 22/Out/1844 para o fim do mundo. Centenas e centenas saíram “pregando” sobre aquele “tempo”. Panfletos foram publicados e livros e tratados foram distribuídos amplamente. Inicialmente o trabalho estava confinado a uns poucos na Nova Inglaterra, espalhando-se pelos estados adjacentes. Em toda parte o movimento foi considerado como fanatismo religioso, e ainda é visto

desse modo. Por um certo período, possivelmente quarenta ou cinquenta mil ao todo acreditaram na marcação do tempo.

À medida que se aproximava o dia, predominou grande entusiasmo. Os negócios cessaram, bens foram doados, safras foram deixadas espalhadas; reuniões eram constantemente suspensas e todos estavam esperando pelo fim. Nem mesmo a comida foi providenciada para o dia seguinte. A profecia, é claro, falhou novamente. Cinco anos depois Miller morreu como um velho homem desapontado. Quase todos os que tomaram parte daquela ocasião já morreram; mas o fanatismo custa a morrer e seus tristes frutos ainda estão presentes.

Jesus, na linguagem mais simples possível, alertou repetidas vezes exatamente contra aquilo que os Adventistas fizeram em 1843 e novamente em 1844 – marcar um tempo definido para a vinda do Senhor. Ouçam-no: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai”. “Não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor”. “O Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis” (Mat. 24:36, 42, 44; também Mat. 25:13). Novamente: “Não sabeis quando é o tempo” (Marc. 13:33; ver também Atos 1:7).

A passagem da sua marcação de tempo comprovou a loucura do Adventismo para todo o mundo. Eis o que eles profetizaram para acontecer em 22/Out/1844:

Cristo viria nas nuvens do céu;
Todos os anjos viriam com ele;
A trombeta de Gabriel soaria;
A provação iria terminar;
Os santos mortos ressuscitariam;
Os santos vivos seriam transformados;
Os ímpios mortos ressuscitariam;
A terra seria purificada pelo fogo;
Os ímpios seriam destruídos;
Os santos iriam herdar a nova terra.

Nada disso aconteceu – tudo falhou. Agora leiamos Deut. 18:22 – “Quando o profeta falar em nome do Senhor, e essa palavra não se cumprir, nem suceder assim; esta é palavra que o Senhor não falou”. Por esta regra de aferição comprova-se não vir de Deus a pregação do Advento de 1844.

Como era de se esperar, seguiu-se grande confusão e todo o tipo de fanatismo. Os Adventistas, então, se dividiram em diversas facções diferentes, opondo-se mutuamente e continuando suas divisões até o dia de hoje. Atualmente existem sete delas, e todas são resultado daquela marcação de tempo. Tais ramificações de erros e heresias, como resultado do Millerismo, não podem ser encontradas na história da Igreja.

Tomemos a questão da marcação do tempo: alguns desses diferentes partidos de Adventistas marcaram a data do fim do mundo para 1843, 1844, 1847, 1850, 1852, 1854, 1855, 1863, 1866, 1867, 1868, 1877 e assim por diante, até que se fique enjoado de tanto marcar. Não aprendendo nada com o passado, eles ficavam cada vez mais confiantes do que antes.

Essa obra fanática trouxe desgraça para a doutrina do Segundo Advento, de tal modo que já não é mais realçada em outras Igrejas tanto como antigamente. O estudo das profecias foi desonrado pela imprudente maldição dos Adventistas. Nenhum homem sensato pode falhar em ver isto.

Em seu favor poderia ser dito que desde 1844 os Adventistas do Sétimo Dia não acreditam mais na marcação do tempo (nota do tradutor: No Brasil, até meados da década de 80, os Adventistas ainda continuavam marcando datas para a segunda vinda de Cristo, com uma profecia falhando após a outra); mas naquela época todos os seus líderes estavam envolvidos na marcação específica de tempo e a defendiam. Ellen White se engajou nas marcações de tempo de 1843 e 1844. Dessa forma seus líderes eram marcadores de tempo. A Sra. White, sua profetisa, também estava engajada na marcação de tempo de 1843 e 1844.

Os Anciãos Bates, Andrews, Rhodes e todo o primeiro escalão dos Adventistas do Sétimo Dia estavam juntos na marcação de tempo de 1843 e 1844, e estes Adventistas ainda defendem aquilo como correto e aprovado por Deus. Eles simplesmente afirmam ter levado adiante o mesmo trabalho que Miller iniciou. Em todos os seus livros e sermões, eles indicam 1844 como a sua origem e endossam o trabalho dos Milleristas. A seguinte declaração da Sra. White decide a questão: “Tenho visto que o diagrama de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor, e que ele não deve ser alterado; que as figuras eram o que Ele desejava que fossem, e que Sua mão estava presente e ocultou um engano em alguma figuração” (Early Writings, pág. 64; Primeiros Escritos, pág. 74, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=74>). Com esta declaração ela defende o seu trabalho e joga sobre Deus a culpa pelo seu erro estúpido! Será visto que nas suas revelações “inspiradas” a Sra. White concorda firmemente com as visões de Miller para 1843-1844. Todos os atuais Adventistas do Sétimo Dia têm de respeitar e defender esse entendimento – sempre – devem agora, e deverão no futuro.

Assim, todo o sistema Adventista repousa sobre as visões de um velho fazendeiro que viveu há setenta anos atrás e das visões de uma jovem rude, e isto na sua adolescência! Um alicerce muito duvidoso. Brotando dessa confusão surgiu o Adventismo do Sétimo Dia.

Todos os seus líderes estiveram entusiasticamente engajados nas marcação das duas datas. Essas pessoas afirmavam que as marcações de tempo de 1843 e 1844 eram corretas e que vinham de Deus; mas depois disseram que em 22/Out/1844, Cristo, ao invés de vir para a terra, como haviam pregado, começou o julgamento do mundo no céu! Agora eles colocaram a coisa onde ninguém poderia ir e debater sobre fatos concretos, e assim ficaram seguros para especular sobre novas teorias.

Como todas as Igrejas se opuseram ao seu trabalho, eles, por sua vez, acusaram a todos de serem decaídos, rejeitados de Deus, apóstatas e “Babilônia”. E isso eles têm pregado intensamente desde então. Com grandes letras rotulam todas as outras Igrejas de “Babilônia”, e bradam: “Saí do meio dela!”

Assim fala a Sra. White: “Como as Igrejas se recusassem a receber a mensagem do primeiro anjo [a obra de Miller], rejeitaram a luz do céu, e caíram do favor de Deus” (Early Writings, pág. 101; Primeiros Escritos, pág. 237, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=237>). Novamente diz a Sra. White: “Vi que, havendo Jesus deixado o lugar santo e entrado para dentro do segundo véu, as igrejas têm-se tornado esconderijo de toda espécie de ave imunda e detestável. Vi nas igrejas grande iniquidade e vileza; contudo, os seus membros professam ser Cristãos. Sua profissão, suas orações e exortações constituem uma abominação aos olhos de Deus” (Primeiros Escritos, pág. 274, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=274>). E que coisa horrível elas fizeram para decaírem dessa forma? Foi porque Miller disse que o mundo iria acabar em 1844, e as Igrejas disseram que não ia. Ele estava errado, e elas certas; mas Deus rejeitou a elas e apoiou os Milleristas!

Eles ainda sustentam essa visão sobre todas as Igrejas. Por conseguinte, é óbvio, não possuem comunhão com elas. Por isso eles são tão zelosos para converter um membro devoto de uma igreja como são para pregar aos ímpios.

PROVAÇÃO CONCLUÍDA EM 1844.

Os Adventistas adotaram o entendimento de que a provação para os pecadores e para todo o mundo não convertido terminou em 1844. A Sra. White estabelece o fato desta forma: “Depois de passado o tempo de expectativa, em 1844, os Adventistas ainda acreditavam estar muito próxima a vinda do Salvador. Eles afirmavam que a obra de Cristo, como intercessor do homem diante de Deus, havia terminado. Tendo dado o alerta do julgamento próximo, sentiram que a sua obra estava concluída, e perderam seu encargo para a salvação das almas dos pecadores. Tudo isso confirmou-lhes a crença de que a provação terminou, ou, como eles então se expressaram, 'a porta da misericórdia se fechou’” (Great Controversy, pág. 268 edição de 1844). Esta declaração da própria Sra. White é suficiente para resolver a questão de que os Adventistas acreditam que a “porta da misericórdia foi fechada” em 1844. Enquanto Miller e todos os outros Adventistas logo abandonaram essa teoria, os Adventistas do Sétimo Dia continuaram a crer e a ensiná-la com insistência por muitos anos depois, ou até 1851.

Aqui estão as palavras da própria Sra. White:

“24 de março de 1849... Foi-me mostrado que os mandamentos de Deus, e o testemunho de Jesus Cristo relacionado com o fechar da Porta não podiam ser separados... Vi que misteriosos sinais, maravilhas e falsos avivamentos iriam aumentar e se espalhar. Os avivamentos que me foram mostrados não eram avivamentos do erro para a verdade, mas do mal para o pior, pois aqueles que professaram uma mudança de coração

apenas o haviam embrulhado em uma roupagem religiosa, a qual cobriu a iniquidade de um coração ímpio. Alguns pareceram estar realmente convertidos para enganar o povo de Deus, mas se os seus corações pudessem ser vistos iriam se mostrar tão negros como sempre. Meu anjo acompanhante mandou-me olhar para o trabalho pelas almas dos pecadores, como costumava ser. Eu olhei, mas não podia vê-lo, pois o tempo para a sua salvação é passado” (Present Truth pág. 21-22, publicado em Agosto, 1849).

Aqui temos o fechar da porta e nenhuma misericórdia para os pecadores, tão claro quanto a linguagem pode expressar. Cada leitor sincero sabe o que isso ensina.

O “Present Truth”, editor James White, Oswego, N. Y. Maio, 1850, possui um artigo escrito pelo editor sobre o “Santuário, 2.300 Dias, e a Porta Fechada”. O Ancião White diz: “Naquele ponto do tempo [1844] o grito da meia noite foi dado, a obra pelo mundo foi encerrada e Jesus passou para o lugar mais sagrado... Quando chegamos a este ponto do tempo toda a nossa compaixão, responsabilidade e orações pelos pecadores terminou, e o sentimento e testemunho unânimes foi de que o trabalho pelo mundo estava concluído para sempre”. Qualquer homem honesto pode ver que a “porta fechada” significa que não há mais salvação para os pecadores, e isto é o que o Ancião White e sua esposa ensinaram até 1851. O Adventismo do Sétimo Dia nasceu nessa monstruosa ilusão de que a provação para o mundo terminou em 1844, há setenta anos atrás. Deus enviaria alguém para pregar um erro tão terrível como este? Se eles cometeram erros tão horríveis no passado, é seguro seguir-lhes agora? Se alguma das revelações da Sra. White veio de Deus, então o ensino do fim da provação dos pecadores em 1844 também veio, pois ela afirma isso nos termos mais enfáticos muitas e muitas vezes, durante vários anos, ou seja, de 1844 até 1851. Suas revelações escritas para aqueles anos estão cheias disso. Suas declarações são muito claras para serem negadas. Neste momento tenho todas elas aqui comigo. Mas atualmente nem ela ou o seu povo acreditam nessa teoria. Isto é uma prova definitiva de que Deus nunca lhe falou aquilo que ela disse que Ele havia falado naquela época. Se ela estava enganada e errada naquela época, nunca foi confiável desde então. Toda a mensagem do Adventismo do Sétimo Dia está tão inseparavelmente ligada às suas revelações que ambas têm de permanecer ou cair juntas.

Em 1846 o Ancião White e esposa se casaram, ambos jovens, ela com apenas dezenove anos, muito doente e afirmando ter “visões”. Logo os Anciãos Bates, Holt, Rhodes, Edson e Andrews uniram-se a eles. Todos estes estiveram no movimento das marcações do tempo de 1843-1844. À sua teoria do advento eles gradualmente acrescentaram outras visões como sendo revelações divinas – o Sábado Judaico, o sono dos mortos, aniquilação dos ímpios, lava-pés, pagamento do dízimo, uma dieta alimentar radical, uso de vestido curto com calças para as mulheres (bloomer dress) e outras peculiaridades. Atualmente eles afirmam que foram levantados por Deus para pregar as três mensagens de Apoc. 14:6-14. O Sábado Judaico é o item principal; ele é o “selo de Deus”, com o qual os 144.000 de Apocalipse 7 serão selados para a trasladação quando Cristo vier, o que está iminente, às portas. Esses 144.000, todos Adventistas do Sétimo Dia, serão os únicos então vivos sobre a terra que serão salvos. Todos os outros, Batistas, Metodistas, Presbiterianos, não importa o que eles professem, a menos que se juntem a eles antes do tempo, estarão perdidos. Consequentemente e necessariamente eles se opõem a todas as outras Igrejas chamando-as de “Babilônia”. Não se unirão com nenhuma delas de forma alguma, mas zelosamente fazem proselitismo em todas elas, de todos os modos possíveis, tanto nas casas como em todos os campos missionários de terras pagãs. Uma grande porcentagem dos seus “convertidos” vêm de outras Igrejas. Nesta jornada eles produzem muita confusão, especialmente nos campos missionários estrangeiros entre as mentes simples dos nativos convertidos. Missionários estrangeiros relatam que isso tem se tornado um dos maiores obstáculos com os quais se defrontam. Tenho cartas de missionários que estão em todo o mundo e todos concordam com isto.

Uma carta de 09/Abr/1914, do Bispo William Burt, Buffalo, N. Y., diz: “Na Europa e especialmente na Itália os Adventistas têm sido muito problemáticos. Após termos tirado o povo do pecado e da superstição, eles se achegam para perturbá-los com suas doutrinas”.

Igreja Metodista Episcopal, Inayat Bagh, Lucknow, Índia.

Caro Irmão.

Conheci os Adventistas do Sétimo Dia em casa, e soube que há muitos deles por aqui. É minha opinião que seus métodos são piores no campo estrangeiro do que em nosso país. Os novos convertidos nunca tinham ouvido as coisas que eles ensinam e ficaram confusos antes de descobrirmos que estavam enviando secretamente suas literaturas e seus obreiros entre o povo.

Fraternalmente,

Frank W. W. Arne, Bispo Missionário, Índia Meridional.

Honolulu, T. H., março, 1911.

Caro Irmão,

Os Adventistas do Sétimo Dia são mais proselitistas do que missionários. Aqui no Havaí eles concentraram seus esforços para trabalhar entre o povo branco e Cristão, japoneses e chineses, com os quais nossos missionários trabalham há anos e cujas mentes se tornaram muito confusas por causa da propaganda feita entre os convertidos.

Sinceramente,

John W. Wadman.

Supt. Hawaii Mission, M. E. Church.

Caro Irmão,

O trabalho dos Adventistas do Sétimo Dia no Japão e Coreia é proselitismo. Eles dividiram algumas Igrejas e paralisaram outras, e isso tem causado muito dano. Devo declarar com tristeza que alguns de seus missionários estão conscientes disso.

Sinceramente,

Bispo Harris, Missionário para o Japão e Coreia.

Buenos Aires, 16 de maio de 1911.

Caro irmão,

Parece que aqui os Adventistas do Sétimo Dia não fazem muito trabalho entre os não convertidos, os Romanistas ou os incrédulos, mas se empenham numa ativa propaganda de si mesmos especialmente entre aqueles que já estão na igreja evangélica.

Fraternalmente,

Samuel P. Craver.

Cidade de Nova York, 14 de junho de 1910.

Caro irmão,

Os Adventistas do Sétimo Dia são propagandistas persistentes quanto às suas crenças particulares; e eu muitas vezes gostaria que eles dessem menos da sua força para questões não essenciais à salvação e se unissem na grande demanda espiritual para a salvação em Jesus Cristo.

Sinceramente,

Joseph C. Hartzell, Bispo da África, M. E. Church.

Os próprios Adventistas reportam o mesmo que esses outros missionários: “Um amigo meu foi ao culto jovem no Tabernáculo e ouviu uma missionária que havia retornado da África contar como ela começou sua missão perto de uma capela Metodista, e como, na época devida, conquistou cada um dos membros para a verdade e obrigou o ministro a fechar as portas e recomeçar em outro lugar. Aqui o mesmo fato se repete com os seus missionários e os nossos” (Rev. W. H. Phelps, M. E. Pastor, Battle Creek, Mich.).

O relato seguinte vem do South African Sentinel, um jornal Adventista missionário.

“Sinto dizer que tenho encontrado amarga oposição de uma das Igrejas. Seis dos nossos indivíduos mais promissores que pertenciam e frequentavam aquela Igreja guardaram o Sábado por algum tempo, mas ao final desistiram por causa dos esforços feitos pelos ministros e através da leitura do livro de Canright condenando o Adventismo”.

Vê-se que eles conseguem seus membros tirando-os de outras Igrejas, e depois reclamam da “amarga oposição” das Igrejas.

Lagoa da Pérola, Nicarágua.

Caro senhor,

O seu método de trabalho aqui é provavelmente o mesmo que em toda parte. Eles tentam conquistar membros da nossa própria Igreja. Lamento profundamente terem vindo para cá, pois ainda temos que lidar com o paganismo e os Adventistas semeiam desconfiança contra nós. Missionários da nossa Igreja têm laborado nesta costa desde quando ela era quase desconhecida pelo resto do mundo.

Afetuosamente,

H. Schubert.

Vemos que os Adventistas não são bem-vindos em nenhum campo missionário Cristão.

A Sra. White e seus líderes prescreveram para o seu povo o mesmo sistema exclusivo que os Católicos Romanos ensinam aos seus membros. Ouçam-na:

“Foi-me mostrada a necessidade dos que crêem estarmos de posse da última mensagem de misericórdia, de se separarem dos que estão diariamente absorvendo novos erros. Vi que nem jovens e nem velhos devem assistir às suas reuniões. Deus se desagrada de nós, quando vamos escutar o erro sem sermos obrigados a fazê-lo” (Early Writings, páginas suplementares 37, 38; Primeiros Escritos, pág. 124, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=124>).

Seus editores enfatizam os mesmos ensinamentos. Assim diz o Ancião Uriah Smith: “Não se misturem... O sistema de crença ao qual chamamos de 'Presente Verdade' possui esse aspecto peculiar, que é o de não se misturar com mais nada. É uma doutrina cortante, clara e decisiva; ela não admite redução, coparticipação ou acordo” (Replies to Canright, pág. 112).

As colocações acima são semelhantes à linguagem de um sacerdote Católico Romano aos seus membros, e ambas são de obediência implícita. Assim, como regra eles só participam de seus próprios encontros, ouvem apenas seus próprios ministros e leem apenas sua própria literatura religiosa. Como resultado, acreditam sinceramente que são os únicos que possuem a verdade; os únicos que desfrutam dos favores especiais de Deus! A Sra. White se arvora em possuir as chaves do céu tão tenazmente como faz o Papa. Rejeite a sua inspiração, seus ensinamentos, e você nunca entrará no céu! Eles ensinam que o Domingo é apenas um dia pagão abominável à Deus, introduzido na Igreja pelo Papado Romano, e que é a marca da besta. Eles são chamados na atualidade para restaurar o antigo Sábado. Este é agora “o selo de Deus” (Apoc. 7:1-8), com o qual os 144.000 santos serão agrupados para fora da “Babilônia” e do mundo. O Sábado é agora o teste supremo de lealdade para com Deus. Eles são enviados para “testar” a todos por meio do Sábado. Isto fará sobressair os 144.000, todos santos perfeitos que serão vivificados e trasladados quando Jesus vier (Apoc. 14:1-5). De todos os milhões sobre a terra naquele tempo, nas Igrejas ou fora delas, nenhum deles será salvo, exceto esses 144.000, e todos estes serão guardadores do Sábado – Adventistas do Sétimo Dia! O “The Biblical Institute”, do Ancião Uriah Smith, pág. 240, diz: “Entendemos que antes do fim o mundo religioso será dividido em apenas duas classes: aqueles que guardam o Sábado e aqueles que se opõem a ele”. Isto explica o seu zelo no proselitismo. Esses 144.000 Adventistas serão privilegiados no céu, acima de todos os outros, como corpo de guarda especial de Cristo por toda a eternidade. Deles fala a “History of the Sabbath”, edição 1912, pág. 812: “Eles serão o corpo de guarda do Cordeiro!” A Sra. White diz:

“Os santos vivos, em número de 144.000, ouviram o dia e a hora da vinda de Jesus” (Early Writings, edição 1882, pág. 11; Primeiros Escritos, pág. 15, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=15>). A respeito do lugar mais glorioso no céu, Jesus disse: “Somente os 144.000 entram neste lugar” (pág. 14; Primeiros Escritos, pág. 19, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=19>). Lá, “os nomes dos 144.000

estavam gravados em letras de ouro” (pág. 15; Primeiros Escritos, pág. 19, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=19>). Novamente o anjo disse a ela que “Se fores fiel, juntamente com os 144.000 terás o privilégio de visitar todos os mundos e ver as obras das mãos de Deus” (pág. 33; Primeiros Escritos, pág. 40, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=40>). Esses Adventistas passarão a eternidade em viagens prazerosas por “todos os mundos”! Eles serão uma companhia muito seleta – tudo porque guardaram o Sábado, ao invés do Domingo! Os profetas, apóstolos e mártires não estarão com eles! O leitor pode julgar quanto a razoabilidade de tais viagens espirituais em gozo.

No “Great Controversy”, edição 1884, a Sra. White devota seis capítulos, 31 ao 37, ou 94 páginas, descrevendo em detalhes as terríveis coisas que acontecerão às vésperas do fim. O Espírito Santo batizará os Adventistas como fez em Pentecostes. Eles irão por toda parte com “alto clamor”, operação de milagres, de maravilhas, mostrando sinais; e cada verdadeiro Cristão em toda a terra irá “sair da Babilônia” e se juntar a eles. Estão Satanás virá pessoalmente em grande glória, andará entre eles, falará com eles de modo familiar, indo por toda a terra desse modo. Ele afirma ser o próprio Cristo, e é aceito como tal por todas as Igrejas e homens de Estado. Ele agora diz que o Domingo é o seu dia santo e insta para que todos os Adventistas sejam mortos por pregarem contra ele. Seu conselho é aceito e um decreto de morte contra eles é promulgado em cada nação sobre a terra. Aí, então, Jesus vem e os liberta. Tudo isso ocorrerá imediatamente, possivelmente em um ano ou dois, de qualquer forma, logo.

Desde o princípio do mundo não se viu nada parecido com essa doutrina; não há Escritura para tal. Ela repousa unicamente sobre a palavra da Sra. White, e ainda assim todos eles acreditam nela, e estão correndo para estarem prontos para isso, desfazendo-se de suas propriedades, etc. Tudo beira o fanatismo e deve terminar em catástrofe.

SUA VISÃO EXTREMISTA SOBRE DIETA.

O livro “Testimonies to the Church”, da Sra. White, nos dá uma ideia das suas visões extremistas sobre dieta. Lembrem-se que elas foram aceitas como mandamentos divinos a serem expressamente obedecidos.

As seguintes citações são do Volume II, pág. 61: “Vocês têm usado a gordura de animais, o que Deus proíbe expressamente em Sua palavra” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=140&p=61>).

Página 68: “Queijo nunca deveria ser introduzido no estômago” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=140&p=68>).

Página 70: “É tão pecado violar as leis do nosso ser, quanto quebrar um dos Dez Mandamentos” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=140&p=70>).

Página 96: “O uso da carne de porco é contrário aos Seus mandamentos expressos” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=140&p=96>).

Página 400: “Ovos nunca deveriam ser colocados sobre a sua mesa. Eles são danosos para seus filhos” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=140&p=400>).

Volume III, página 21: “Possuímos um testemunho positivo contra o tabaco, bebidas alcoólicas, rapé, chá, café, carnes conservadas, manteiga, especiarias, bolos cobertos, tortas de carne, grande quantidade de açúcar e todas as substâncias adocicadas usadas em gêneros alimentícios” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=141&p=21>).

Bem, então o que é permitido comer? Aqui está, Volume II, pág. 67: “Uma dieta singela e simples, composta de farinha de trigo não peneirada, vegetais, alimentos preparados sem especiarias ou gordura” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=140&p=67>).

Observem que é tão pecado comer um pedaço de porco quanto quebrar um dos mandamentos que proíbem mentir, adulterar, roubar, etc.! Observem, além disso, que toda a tendência desse sistema é voltar às leis do Velho Testamento, as quais foram designadas para um povo local em um território limitado e por um tempo limitado. Quando o Evangelho se espalhou por todo o mundo essas leis não podiam ser aplicadas. Pensem nos missionários entre os Esquimós, no inverno, tentando viver com essa dieta.

As instruções no Novo Testamento são diretamente contrárias às revelações da Sra. White. Jesus disse em Lucas 10:8 – “E, em qualquer cidade em que entrardes, e vos receberem, comei do que vos for oferecido”. E Paulo disse o mesmo, 1 Cor. 10:25 – “Comei de tudo quanto se vende no açougue, sem perguntar nada, por causa da consciência”. E Romanos 14:17 – “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e

paz, e alegria no Espírito Santo”. Estes textos, e muitos outros mais, contradizem enfaticamente as rígidas regras estabelecidas pelos Adventistas.

OS DANOS QUE O ADVENTISMO FAZ.

1. Impõe sobre a consciência das pessoas um sacrifício desnecessário, não exigido pelo Evangelho.
 2. Seus defensores se tornam bastante incômodos para outros obreiros Cristãos tão devotados quanto eles.
 3. Sua obra em grande parte é dividir ou esfacelar outras Igrejas e missões, onde quer que possam fazê-lo.
 4. Cria uma divisão desnecessária e confusão na vizinhança, que anteriormente estava unida em um dia de descanso.
 5. Semeia desconfiança contra todas as outras Igrejas nas mentes de milhares que não se juntam aos Adventistas, os quais não podem ser alcançados por aquelas depois disso.
 6. Um grande número de seus filhos abandonam o Sábado tão logo crescem. Então eles não guardam nem o Sábado ou o Domingo e tampouco participam de qualquer igreja, ficando à deriva para a perdição. Existem milhares destes atualmente espalhados em toda parte.
 7. Como seus encontros são realizados aos Sábados, ninguém os frequenta, a não ser seu próprio povo. Se deixassem por eles, a grande massa de uma comunidade nunca ouviria o Evangelho.
 8. As Igrejas evangélicas sustentam todas as verdades do Evangelho que possuem os Adventistas, mas sem os seus erros.
 9. Ao apostar tudo em um certo tempo limitado, como eles fizeram no passado e estão fazendo agora novamente, limitando-o à geração iniciada em 1844, a passagem de seus limites o leva ao desastre, o que acontecerá com o tempo.
- Seu vigor repousa na fé irrestrita em sua “mensagem”, não em nenhuma verdade que ensinam. Sinceridade evidente, vidas limpas, grande zelo e afirmações enfáticas cativam pessoas, independentemente de suas doutrinas serem ou não razoáveis e Escriturais. A Ciência Cristã em muitos casos é exatamente oposta ao Adventismo, e ainda assim se espalha diversas vezes mais rápido. Assim acontece com o Catolicismo e outros ismos.

Esse breve esboço dará ao leitor uma clara ideia do que é o Adventismo do Sétimo Dia e o que ele espera realizar. Esperamos que os capítulos seguintes venham ajudar a salvar pessoas sinceras de caírem neste erro.

CAPÍTULO II

O ESPANTALHO DA “LIBERDADE RELIGIOSA”.

Em 1847, na primeira impressão de “A Word to the Little Flock”, publicado em Brunswick, Maine, em 30/Jun/1846, o Ancião White discorre sobre Apoc. 13:11-18, dizendo que pouco antes de Jesus aparecer um decreto será emitido para matar os santos (A Word to the Little Flock, pág. 10). Em seu panfleto, pág. 19, a Sra. White recorda uma visão sobre a qual diz: “Os ímpios tomaram conselho na terra para se livrarem de nós. Todos nós fugimos das cidades e das vilas, mas fomos perseguidos pelos ímpios, que entraram nas casas dos santos com a espada. Eles levantaram a espada contra nós para nos matar, mas ela se quebrou e caiu tão impotente quanto uma palha”.

Desde aquele dia, até hoje, os Adventistas continuam profetizando que essa perseguição virá sobre eles. E por que eles serão condenados dessa forma? Simplesmente porque não se absterão de trabalhar no Domingo, “O Dia do Papa”.

Que poder emitirá esse decreto de morte? Será os Estados Unidos, representado pela besta semelhante ao cordeiro de Apoc. 13:11-18. Assim falaram os Adventistas. Em meu outro livro, páginas 85 a 116, está claramente provado que esse símbolo não pode ser aplicado à nossa nação. A besta mata os santos (Apoc. 13:15; 20:4), mas os Adventistas dizem que nenhum deles será morto. Isso iria contradizer a profecia, se fosse aplicada a eles.

Na medida em que o seu trabalho estava restrito aos Estados Unidos, os Adventistas limitaram esse decreto de morte a esta nação. Mas recentemente, desde que o seu trabalho se expandiu para todas as nações, eles também ampliaram a profecia para todo o mundo. Agora, uma lei severa de Domingo Puritano será decretada por cada nação sobre a terra, com a pena de morte pela desconsideração desse dia! O The Advent Review, de 7/Jan/1915, possui um extenso editorial argumentando que haverá uma confederação mundial de todas as nações, tendo o Presidente dos Estados Unidos por chefe da mesma!

Então esse poder mundial produzirá a tão aguardada lei Dominical, com a pena de morte em cada nação sobre a terra. Citaremos algumas frases:

“O que seria mais natural do que tal confederação declarar um Domingo Sabático obrigatório sobre todas as pessoas do mundo? Algum Presidente tomará a frente [para emitir esse decreto] quando o tempo for chegado. Os Estados Unidos, de acordo com a profecia, irá liderar o mundo, trazendo à tona esse movimento que culminará num decreto universal, o qual exigirá a adoração da besta [guardar o Domingo] sob pena de morte”.

O Advent Review, 4/Fev/1915, diz: “Por meio do Domingo Sabático o 'homem do pecado' fará com que todo o mundo o adore como Deus. De acordo com a profecia de Apocalipse 13, na medida em que a maioria o estiver apoiando, ele terá sucesso no seu engano”.

Isso é apenas uma amostra do que os Adventistas estão constantemente profetizando. As últimas revelações da Sra. White estão repletas de exortações veementes aos seus seguidores quanto aos eventos que estão prestes a recair sobre eles. Eles devem correr, correr, correr e “terminar a obra” antes que o decreto seja emitido; que seus bens sejam todos confiscados e todos sejam sentenciados à morte! Se algum cérebro maligno já imaginou uma teoria tão improvável quanto esta, eu nunca ouvi falar dele: o Presidente dos Estados Unidos vir a se tornar o cabeça de todas as nações do mundo, unidas em uma Confederação Universal! Isto incluiria a Inglaterra, França, Alemanha, Áustria, Itália, Rússia, Turquia, China, Japão e todas

as repúblicas da América do Sul. Então ele influenciará todas estas diversas nações para decretar uma rigorosa lei Dominical contendo a pena de morte pela profanação do dia!

Considerem este fato: A população do globo hoje em dia é de 1 bilhão e seiscentos milhões. Destes, existem quatrocentos milhões de chineses que não guardam nenhum dia da semana, mas trabalham no Domingo da mesma forma como nos outros dias. Os Islamitas, por sua vez, duzentos milhões, possuem o seu dia sabático na Sexta-feira e trabalham no Domingo; a Índia, com trezentos e quinze milhões, não possui nenhum dia semanal de descanso. A seguir vêm o Japão, Coréia e todos os milhões da África, que não têm consideração pelo Domingo.

Dos um bilhão e seiscentos milhões sobre a terra, um bilhão (quase dois terços) nunca tiveram ou têm hoje em dia qualquer consideração pelo Domingo. Eles se opõem ao Cristianismo. Poderiam todos eles, repentinamente, serem levados a guardar o Domingo de uma forma tão rígida, que levaria todas essas nações a juntarem-se em uma lei Dominical tão rigorosa a ponto de condenar à morte quem violá-la? E tudo isso acontecerá imediatamente – talvez em apenas cinco anos!

Então, dos Cristão professos duzentos e cinquenta milhões são Católicos Romanos, como na Espanha, Portugal, Itália, Áustria, França, México e todos os Estados Sul Americanos. Esses Católicos são notoriamente descumpridores da observância do Domingo e ridicularizam a ideia Protestante de um Domingo sagrado. Assim fala a Ecclesiastical Review, Fev/1914 (uma publicação mensal Católica), pág. 250: “Os Protestantes fazem muito pela observância do Domingo e algumas vezes ficam sinceramente chocados que nós, Católicos, paremos fazer pouco por essa mesma observância”.

Os Católicos vão à missa pela manhã e depois participam de jogos de bola, cerveja nos jardins, lutas de touros, danças, gincanas ou trabalham, se assim escolherem. Contrário às suas teorias e práticas de eras passadas, iriam todos eles se voltar e observar o Domingo tão estritamente a ponto de promulgar uma lei com pena de morte pela profanação do dia? A seguir existem cento e cinquenta milhões de Católicos Gregos, compreendendo quase todo o vasto império Russo, os Estados Bálticos, etc.; estes consideram o Domingo tão frouxamente quanto os Católicos Romanos. Para muitos deles o Domingo é um dia de mercado após o encontro da manhã.

E ainda, uma grande parcela dos Protestantes demonstra apenas uma leve consideração pela observância do Domingo. Eles viajam em excursões, dirigem nas estradas, pescam, jogam bola e um grande número trabalha nos carros das ruas, nas estradas, nos barcos, em seus jardins, em suas fazendas e se envolvem em muitas outras coisas.

Agora tomemos o povo que não vai à igreja, compreendendo mais da metade da população de todas as terras Cristãs. Eles demonstram amplamente apenas uma mínima consideração pelo Domingo. Qualquer homem observador verá que toda a tendência, em todas as terras, é diretamente oposta à uma lei de estrita observância do Domingo.

Em face de tudo isso, os Adventistas esperam que o mundo inteiro – os pagãos, Islamitas, Católicos Romanos, Ortodoxos Gregos, mundanos, socialistas, frequentadores de bares, infiéis – todos – numa súbita reviravolta, se unirão para promulgar uma lei mundial Dominical com pena de morte! E tudo isso acontecerá rapidamente, possivelmente em menos de cinco anos. Acaso esses irmãos perderam sua razão e o senso comum? Uma revolução mundial tão radical, em um período tão curto de tempo, seria contrária a toda história do passado. Todas as causas naturais e o desenvolvimento geral de novas ideias precisam ser ignorados, e um milagre descabido tem que ser assumido, para que se cumpram as suas profecias. Isso cheira fortemente a fanatismo.

Ao invés de um espírito de intolerância e de perseguição religiosa crescentes no mundo, toda a tendência é no sentido oposto, não apenas na América, mas em todo o mundo. Liberdade de pensamento, liberdade de expressão, liberdade da imprensa, liberdade de visões religiosa e política estão vindo mais e mais para serem repetidas. A perseguição motivada por crenças religiosas está se tornando cada vez mais impopular e menos praticada. A prancha, inquisição, tortura, queima até às cinzas, enforcamento, etc., todos bem comuns séculos atrás, não serão mais tolerados em qualquer país civilizado. Até a despótica Rússia, a Áustria e a Espanha, superaram tudo isso. A pena de morte, mesmo no caso de assassinato, está se tornando cada vez mais rejeitada. Irá esta nossa nação livre e esclarecida emitir em breve um edito para a matança de todo um povo de uma denominação honesta simplesmente por acreditarem que o Domingo não é um dia santo? Serão, então, todos eles condenados à morte – homens, mulheres e crianças – simplesmente por uma opinião? Poderia um homem inteligente acreditar nisso?

O esforço em alguns estados para fechar as plantas fabris, fechar as barbearias, fechar os bares e restringir o trabalho no Domingo está amplamente relacionado com o interesse trabalhista dos homens, e está sendo exigido por estes para que possam ter um dia de descanso e lazer com suas famílias, como também já possui a classe da saúde. É simplesmente uma tendência geral do progresso humano assegurar melhores condições para homens, mulheres e crianças que labutam com excessiva carga de trabalho. Isso é percebido no esforço para limitar a idade abaixo da qual as crianças não podem ser empregadas em fábricas; no número de horas em cada semana além das quais as mulheres não devem trabalhar; no fechar das lojas às 18:00, ao invés de os funcionários trabalharem até tarde da noite; no Sábado como dia parcial de trabalho e no dia de trabalho de oito horas, ao invés de nove. A parada das atividades laborais no Domingo segue a mesma linha, e em todos os aspectos visa o mesmo propósito, tendo sido exigida pelos próprios trabalhadores, muitos dos quais ligam pouco para a religião e menos ainda para a Igreja.

É claro que o povo Cristão é a favor de tudo isso, na medida em que lhes assegura o privilégio dos cultos religiosos. Se todas as atividades laborais fossem livres para serem exercidas no Domingo, milhares de Cristãos seriam obrigados, contra a sua consciência, a trabalhar nesse dia de modo a preservar seus empregos e o sustento de suas famílias. Portanto, a maioria do povo inteligente, mundanos e Cristãos, estão unidos em pleitear o Domingo como dia de descanso para o aperfeiçoamento da sociedade em geral. Nisto não existe pensamento de perseguição Adventista. A maioria dos estados já possui leis Dominicais proibindo o trabalho geral neste dia, mas permitindo aos Adventistas irem em frente livremente com o seu trabalho. Onde, em poucos casos, alguns ainda assim foram presos, o sentimento popular dos juízes e dos jús tem sido opostos a isso, e apenas uma penalidade nominal, ou nenhuma, foram aplicadas, exceto em raros casos de anos atrás, mas em nenhum dos anos recentes.

Tomemos o mundo durante os setenta anos em que os Adventistas têm profetizado uma perseguição religiosa; e as leis, em todas as nações, que tem ido justamente para outro caminho. Há setenta anos atrás os missionários Cristãos estavam totalmente excluídos de uma grande parte dos países pagãos e Islâmicos, ou tiveram que trabalhar sob as restrições mais opressivas. Também os Protestantes foram muito perseguidos e prejudicados em países tais como a Rússia, Áustria, Espanha, México e todos os países Católicos da América do Sul, e eles pouco podiam fazer. Contudo, durante esses setenta anos as leis opressivas foram intensamente modificadas e todos esses países estão agora abertos ao Evangelho da mesma forma que em nosso País ou quase igual. Atualmente os próprios Adventistas possuem missões praticamente em cada nação sobre a terra e raramente são molestados. Há vinte e cinco anos atrás eles não poderiam ter realizado tal façanha. Tudo isso contradiz o que eles têm profetizado e o que ainda estão pregando. “Ninguém é tão cego quanto aquele que não quer ver”. Em 27/Fev/1915, Bruce McRae, Secretário Correspondente da Associação dos Atores de Nova York, relata o seguinte:

“Esta associação, representando cerca de dois mil dos mais representativos atores e atrizes, deseja tornar conhecido publicamente que a legalização das apresentações aos Domingos será uma grande injustiça para os membros da profissão teatral, e que esta se oporá a isto com toda a influência que for requerida”.

Os atores necessitam do seu Domingo de descanso, assim como precisa o cérebro de qualquer outro trabalhador; e quando a sua posição é suficientemente influente, ele o consegue”. Bulletin of the New York Sabbath Committee, Abril, 1915: “Milhares de atores reclamam que seus gerentes, quando a lei Dominical não os proíbe, obriga-os a trabalhar sete dias pelo pagamento de seis, e tal trabalho contínuo os esgota completamente”. Os Adventistas se opõem a todos os esforços para aliviar a estes e milhares de outros trabalhadores extenuados. Sua oposição é supremamente egoísta, nascida de um zelo mal orientado. Em muitos estados as Associações de Barbeiros estão exigindo o mesmo que os atores pela mesma razão. Adoração religiosa não é a motivação de nenhuma das associações. O que eles querem é simplesmente ter o privilégio de um dia de descanso como as outras pessoas.

Na extinção do trabalho no Domingo não existe o pensamento de obrigar as pessoas a irem à igreja ou de torná-los religiosos. Mas é desejável, por parte dos Cristãos, dar às pessoas uma chance de ouvirem o Evangelho, se assim desejarem fazê-lo. Nós não fechamos os bares para obrigar os homens a serem sóbrios, mas para removê-los da tentação de beber. Por isso é injusto e mentiroso alegar que as leis Dominicais são feitas para obrigar os homens a irem à igreja ou se tornarem religiosos.

OS ADVENTISTAS ABANDONAM O TRABALHO NO DOMINGO.

Recentemente a Sra. White teve uma revelação direcionando o seu povo em todo o mundo a abster-se de trabalhar no Domingo, onde quer que a lei o requeira. Todos obedecerão prontamente. Como, então, eles podem ser perseguidos pelo trabalho no Domingo, quando nenhum deles trabalha neste dia? Na Austrália, uma lei exigiu que os Adventistas fechassem suas casas publicadoras no Domingo. Por três Domingos eles não obedeceram, e então foram ameaçados com prisão. E o que aconteceu? Eles enfrentaram a lei e tomaram sobre si a penalidade, como sempre disseram que fariam? A Sra. White, seu oráculo divino, afortunadamente estava justamente lá. Ela aconselhou o martírio? Oh, não! Ela imediatamente produziu uma revelação direcionando-os a obedecer a lei; a fechar a fábrica no Domingo e dedicar o Dia do Senhor ao trabalho religioso exatamente como fazem os que guardam o Domingo. Aqui estão suas instruções, em “Testimonies to the Church”, Volume IX, Número 37, publicado em 1909. É uma reviravolta em tudo o que ela havia publicado antes. A orientação afasta qualquer possibilidade de perseguição pelo trabalho no Domingo. Nas pág. 232 e 238, ela diz:

“A luz dada a mim, pelo Senhor, para um tempo em que estávamos esperando uma crise justamente como essa, que vocês têm visto estar se aproximando, foi a de que, quando as pessoas forem movidas por um poder inferior indigno para impor a observância do Domingo, os Adventistas do Sétimo Dia demonstram a sua sabedoria abstendo-se do seu trabalho normal nesse dia, devotando-o ao seu esforço missionário... Não lhes concedam ocasião para os chamarem de transgressores da lei” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=160&p=232>). “Será muito fácil evitar essa dificuldade: entreguem o Domingo ao Senhor como um dia para fazer trabalho missionário” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=160&p=238>).

pág. 238: “A um só tempo aqueles na direção da nossa escola em Avondale (Austrália) me inquiriram, dizendo: 'O que devemos fazer? Os oficiais da lei foram orientados para aprisionar aqueles que trabalham no Domingo'. Eu respondi: 'Será muito fácil evitar essa dificuldade. Entreguem o Domingo ao Senhor como um dia para fazer trabalho missionário. Levem os estudantes para fora, para fazerem reuniões em lugares diferentes e para prestarem serviço médico missionário. Eles encontrarão as pessoas em casa e terão uma oportunidade esplêndida para apresentar a verdade. Esse modo de passar o Domingo é sempre aceitável ao Senhor’” (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=160&p=238>).

Vê-se de imediato que a Sra. White agora direciona o seu povo para guardar o Domingo exatamente como fazem os observadores conscientes do Domingo, isto é, realizando encontros religiosos e fazendo trabalho religioso! “Eles devem se abster do seu trabalho normal nesse dia, entregando o Domingo ao Senhor como um dia para fazer trabalho missionário. Esse modo de passar o Domingo é sempre aceitável ao Senhor”.

Uma ameaça de prisão converteu a Sra. White numa zelosa observadora religiosa do Domingo. “Entreguem o dia ao Senhor”. E então, especialmente, notem: “Esse modo de passar o Domingo é sempre aceitável ao Senhor”. Bom e verdadeiro. Agora, se isso é aceitável ao Senhor vindo dos Adventistas, deve ser aceitável ao Senhor vindo dos Metodistas, Batistas, etc. Por que não?

Mas o ponto é este: Se os Adventistas seguem tal conselho, como poderiam ser perseguidos por trabalharem no Domingo? O que acontece com a profecia de que um edito será emitido para matá-los a todos por violarem uma lei Dominical? A perseguição tem sido o que os Adventistas sempre ensinaram anteriormente, mas em 1909 eles foram instruídos a observarem estritamente o Domingo e a obedecerem a lei.

Se a ameaça de uma simples multa levou os Adventistas a obedecerem a lei e se absterem do trabalho no Domingo, a ameaça de uma pena de morte não os induziria rapidamente a fazer o mesmo? Certamente! Isso mostra que a sua teoria se esfacela quando realmente testada. Então se os Batistas, Metodistas, etc., possuem a marca da besta porque “entregam o Domingo ao Senhor” em culto religioso, por que os Adventistas também não a possuiriam, se eles entregam o dia do Senhor da mesma forma? É claro que a possuirão.

UMA LEI DOMINICAL RÍGIDA DE FORMA ALGUMA INTERFERIRIA NA LIBERDADE RELIGIOSA DOS ADVENTISTAS.

Os Adventistas publicam uma “Revista da Liberdade” (Liberty Magazine) totalmente voltada para um esforço de provar que uma lei Dominical restringirá sua liberdade religiosa e exigirá que eles violem suas consciências. Seu posicionamento é insustentável; seus argumentos, falaciosos. Essa lei não faria tais coisas. A própria Sra. White, como citado acima, comprovou a falsidade da argumentação. Como? Ela os instruiu a obedecerem a lei e a não trabalharem no Domingo. Acaso ela lhes aconselharia violar suas consciências e

desobedecerem a Deus? Uma negligência do sagrado dever apenas para evitar uma multa? Seguramente que não. Logo ela não considera trabalhar no Domingo como sendo um dever religioso, e nem eles, ou não estariam concordando com o que ela instruiu.

Por que um Adventista trabalha no Domingo? Ele faz isso como um ato de adoração? Não, ele trabalha por dinheiro, pelo ganho financeiro que existe no fato; isso é tudo. Se um Adventista estivesse recebendo dois dólares por dia de Domingo trabalhado, e fosse oferecido a ele quatro dólares para que ele simplesmente permanecesse em casa neste dia, acaso não iria aceitar a oferta? Sim, prontamente, e por que não deveria? Ele não viola nenhum dos seus princípios religiosos. Ele trabalha para ganhar dinheiro, e se sentaria em casa para ganhar ainda mais, isso é tudo.

Uma lei proibindo o trabalho no Domingo não priva o Adventista de nenhum de seus privilégios religiosos. Em casa ele pode ler a Bíblia ou qualquer livro religioso; escrever artigos ou orar; pode ir para qualquer igreja ou para a sua própria; pode manter encontros públicos e ensinar suas doutrinas livremente; pode ir de casa em casa com a sua literatura e lá ensinar suas doutrinas. Não lhe é exigido que frequente uma igreja que não estime, nem que professe qualquer credo que não creia; e tampouco que negue o que acredita. Como, então, uma lei proibindo o trabalho no Domingo iria interferir em sua liberdade religiosa? Essa ideia é apenas um espantalho de palha de sua própria imaginação, nada mais que isso.

Todos sabem que o Sábado é observado no mundo inteiro pelos Adventistas como seu dia sagrado para adoração religiosa. Qualquer lei que não interfira com a adoração no Sábado não tem nenhuma influência sobre a liberdade religiosa dos adoradores do Sétimo Dia. Mas, um estatuto para fechamento dos negócios aos Domingos de forma alguma se aplica aos Sábados, do mesmo modo que não se aplica à Sextas-feiras. Não existem reclamações vindas dos Judeus observadores do Sábado, ou dos Islamitas observadores da Sexta-feira, de que uma lei Dominical esteja prejudicando suas liberdades religiosas. Os Adventistas serão tão livres para adorar o Sábado Judaico sob a mais restrigente lei Dominical quanto são agora na Califórnia, onde atualmente não existe nenhuma legislação sobre o Domingo; e isso eles sabem muito bem. É ilógico, irracional e totalmente sem argumentos, que eles se oponham a uma lei Dominical sobre o fundamento de que esta irá privá-los de suas liberdades religiosas.

APENAS SUA LIBERDADE CIVIL RESTRINGIDA.

Tudo o que os Adventistas poderiam reclamar corretamente é que uma lei Dominical diminuiria a sua liberdade civil, sua liberdade individual. Aqui seus argumentos seguem muito próximos aos dos frequentadores de bares e usuários de bebidas alcoólicas – a liberdade individual. Mas um indivíduo que escolha viver entre outras pessoas tem que pagar pelo privilégio desistindo de muitos direitos individuais que ele poderia exercer livremente se vivesse por si mesmo, sozinho. Suponhamos um homem com uma família, morando em uma ilha distante de todos, como viveu Robson Crusoe. Ele poderia andar despido; portar armas de fogo; embebedar-se; fumar e cuspir saliva de tabaco em qualquer lugar; construir sua casa onde quisesse, com qualquer tipo de material; fazer todo o barulho que lhe convier, deixar seu gado andar à solta; deixar seus filhos sem educação formal; caçar e pescar em todas as estações do ano, matando qualquer tipo de animal ou de peixe, e fazer muitas outras coisas sem ser molestado.

Agora deixem-no mudar-se para uma comunidade rural civilizada. Ele imediatamente teria que sacrificar todos esses direitos. Ele não poderia andar despido nem manter seus filhos fora da escola; deixar seu gado andar solto nem caçar ou pescar fora da estação, nem deixar um animal morto à beira da estrada, etc.

Quando vai para a cidade, ele não pode cuspir na calçada nem se embebedar; nem mendigar na calçada ou dirigir pelo lado esquerdo da rua; nem cruzar a via principal sem um sinal da polícia, nem virar na contramão, nem dirigir muito rápido; não pode deixar seus filhos irem longe sozinhos, nem deixá-los sem agasalhos no frio; nem permitir que seu menino trabalhe na loja abaixo de certa idade; que sua filha trabalhe numa loja muitas horas por semana, e muito mais outras coisas.

Isso é simplesmente chamado de “Poder de Polícia” delegado a cada estado através de todas as suas agências, gerais e locais, para preservar a ordem e regular as relações entre os cidadãos, para garantir a cada um o gozo de seus direitos.

O poder civil é o poder de força coercitiva que obriga os homens que não se portariam de forma correta a ao menos serem civilizados, para que todos possam viver juntos em paz e quietude.

Em troca das restrições pessoais que são necessariamente impostas a cada membro da sociedade, obtém-se a proteção de sua propriedade, de sua própria pessoa e de sua liberdade individual, na medida em que forem consistentes com os direitos dos outros e o bem geral da sociedade. A poligamia é um princípio religioso dos Mórmons de Utah, que eles defendem tão fortemente quanto os Adventistas defendem o Sábado. Aqui a lei restringiu a “liberdade religiosa” dos Mórmons. Os Adventistas os deixariam livres em qualquer parte e em qualquer lugar com suas muitas esposas? Na Índia algumas mães jogam seus filhos no rio como um dever religioso, e esposas são queimadas vivas com os maridos quando estes morrem. A lei Britânica acabou com essa “liberdade religiosa”. O que os Adventistas falam disso?

Tudo isso é o preço que uma pessoa deve pagar pelo privilégio de ser um cidadão com outros cidadãos co-iguais, cujos direitos e conveniências têm de ser considerados tanto quanto os seus. Esta é uma lei universal, reconhecida entre todas as pessoas civilizadas. Sem ela teríamos ilegalidade e anarquia. Deve ser considerado aquilo que for de maior interesse para o todo, e não simplesmente a conveniência de poucos. Isto é democracia, e é justo e correto. É também a palavra de Deus. Paulo diz: “Porque nenhum de nós vive para si” (Rom. 14:7). “Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Filip. 2:4). “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:31). Um Cristão preferirá muito mais sacrificar-se do que incomodar o seu próximo. Aos poucos o indivíduo e as minorias devem se harmonizar com a maioria na medida do que for possível, sem sacrificar princípios. Um Adventista não sacrifica nenhum princípio moral ou religioso quando se abstém do trabalho no Domingo. Ele renuncia a um ganho nos negócios em prol do desejo geral e bem social da maioria. Seria algo diferente se a lei exigisse que os Adventistas trabalhassem no Sábado. Isto exigiria a violação de suas consciências e a quebra da lei de Deus, como eles acreditam. Mas nada disso está sendo proposto ou cogitado.

Ademais, existe uma tendência crescente, por parte de nossas legislaturas estaduais, de isentar das leis Dominicais todos aqueles que observam outro dia como dia de adoração e que se abstém dos negócios e do trabalho neste dia, partindo das proibições do Domingo. Mas, é estranho dizer, os Adventistas se opõem a essas isenções feitas para a sua proteção tanto quanto se opõem a qualquer outra parte do projeto de lei Dominical. Esta é uma prova de que eles não são sinceros ao fundamentar sua oposição à legislação Dominical em proteção dos seus direitos civis e religiosos. Muitos estados já adotaram tais cláusulas de isenção.

Os Adventistas deveriam ser os primeiros a reconhecer o grande valor de um dia de descanso semanal para todos os homens. Para eles, descansar uma vez por semana, no Sábado, é o mais importante de todos os deveres. Se um dia Sabático semanal traz tais benefícios para eles, então também será assim para todos os outros, e eles deveriam ajudá-los a assegurar tal dia de descanso semanal. Mas eles não podem e não conseguirão vencer a maioria para fazê-la desistir do Domingo e passar a guardar o Sábado ao invés dele. Uns poucos em cada comunidade é tudo o que eles já obtiveram sucesso em convencer. Eles desejam que todo o restante da grande maioria não tenha nenhum dia Sabático? Todo o seu esforço e influência segue nesta direção – não ter nenhum dia Sabático e comunidade sem igreja. Eles trazem confusão sobre milhares de pessoas, que após isso não guardam nenhum dia. Eles argumentam que toda lei Dominical é inconstitucional. Eles se opõem ferozmente a cada uma das restrições do Domingo.

Eles argumentam que todos os negócios deveriam continuar no Domingo do mesmo modo que em qualquer dia da semana. Eles teriam bares abertos no Domingo do mesmo modo que na Segunda-feira. Todos eles trabalham no Domingo e ridicularizam os que guardam o Domingo taxando-os de pagãos e papistas. Se a sua influência prevalecesse, a sociedade logo seria desmoralizada. Os Adventistas se opõem fortemente a três dos maiores baluartes do nosso governo, a saber, a escola pública, as igrejas e um dia de descanso no Domingo.

Considerem um instante: o Domingo é tão longo quanto o Sábado – minuto a minuto. Ele proporciona cada uma das vantagens que o Sábado proporciona – descanso físico, descanso mental, vantagens sociais, tempo para leitura da Bíblia e para o trabalho religioso; para orar, ir à igreja e frequentar a escola Bíblica, louvar, etc. Não existe nenhuma diferença nas vantagens de um dia sobre o outro, na medida em que está em questão a utilização do dia. Mas o Domingo possui a grande vantagem de ser o dia no qual as pessoas geralmente descansam, e assim o dia está quieto. Além disso, a grande maioria daqueles que observam o Domingo supõe conscientemente que está guardando o dia em obediência à vontade do Senhor. Eles o guardam como “Dia Sabático” exatamente como os Adventistas guardam o Sábado.

Sua motivação é servir a Deus. Eles não têm a mais remota intenção de reverenciar o Papado ou o sol ou o paganismo. Como Deus olha o coração, a motivação, Ele não aceitaria tal dedicação sincera? Paulo diz a

eles que “considerar o dia para o Senhor” (Rom. 14:6) é aceitável a Deus. Ao guardar o Sábado os Adventistas não estão fazendo mais do que isto.

Ao guardar o Domingo preservamos o modelo dos sete dias da criação, e assim somos lembrados da criação tão integralmente como fazem os Adventistas. Acrescentado a isto nós também comemoramos a ressurreição, a peça-chave de todo o Evangelho. Aqui o Sábado Judaico falha em nos lembrar de alguma coisa do Evangelho. Por vinte e oito anos eu mesmo guardei conscientemente o sétimo dia para o Senhor. Agora, por vinte e oito anos tenho guardado o Domingo para o Senhor. O primeiro era severo dever, servidão; o último é privilégio, liberdade, e eu acho isto melhor.

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA USAM MÉTODOS POLÍTICOS QUE ELES MESMOS CONDENAM NOS OUTROS.

Os Adventistas condenam em fortes termos os esforços dos Católicos e da Federação das Igrejas para influenciar as legislaturas e a legislação em seu favor. Eles estão constantemente denunciando esses corpos religiosos por tentarem convencer homens públicos a assegurar a lei que desejam ou para anular leis que não concordam. Eles assim as condenam, acusando-as de usar métodos mundanos e não cristãos para promover crenças religiosas. Mas, é estranho dizer, os Adventistas fazem as mesmas coisas entre eles e utilizam todos os meios possíveis em seu poder para executá-las. Eles mantêm homens treinados e pagos em cada conferência para observar cada legislatura e o congresso estadual no que tange a qualquer lei Dominical. Esses homens são providos com uma literatura abundante e especialmente preparada; e estão em alerta para influenciar pessoalmente cada homem público, desde o Presidente até os governadores e os eleitores comuns. Eles se vangloriam de ter derrotado muitos projetos de leis Dominicais no Congresso e nos estados.

O Liberty Magazine é publicado com para este propósito específico. Como prova, leiam o seguinte: “O Ancião E. L. Cardey, secretário da liberdade religiosa da conferência da Grande Nova York, escreve que o comitê executivo votou enviar o corrente número do Liberty para 500 juízes e procuradores desta conferência”.

“A Conferência do Distrito de Colúmbia decidiu se unir com o Departamento da Liberdade Religiosa da Divisão América do Norte para fazer circular 900 cópias do Liberty, cada quarta parte entre os senadores dos Estados Unidos, representantes e outros formadores da opinião pública na capital da nossa nação. Se você desejar ajudar nesta boa obra, custará apenas \$1.00 para enviar anualmente o Liberty para cinco dessas pessoas influentes. Envie a diretiva para o seu grupo; nós estaremos fornecendo os nomes dos legisladores, professores de escolas públicas, procuradores, juízes se assim preferir. Envie esta edição do Liberty para todos os advogados e juízes da nossa conferência” (Adventist Review, 14/Jan/1915).

Temos uma boa ideia do que eles estão tentando fazer. Cada membro de cada igreja é instado a fazer o seu melhor ao longo dessa diretriz, e eles respondem prontamente. Nenhuma Igreja Protestante, e tampouco Católica, trabalha tão zelosamente nessa diretriz de influência pública como fazem os Adventistas. E eles possuem a organização mais eficiente do mundo para levá-la a cabo. Isso mostra o que farão se algum dia tornarem-se numerosos o suficiente para ter influência política.

CAPÍTULO III

OS ADVENTISTAS AFIRMAM QUE A IGREJA CATÓLICA MUDOU O SÁBADO, MAS QUAL IGREJA CATÓLICA?

Os Adventistas repetem esta declaração de vários modos e tão frequentemente, que o seu povo acredita ser absolutamente verdadeira. Seus filhos são ensinados dessa forma tão intensamente quanto são ensinados na Bíblia. Qualquer um que esteja familiarizado com seus ensinamentos não precisa de prova para ver que eles fazem a alegação acima. A Sra. White diz:

“O Papa mudou o dia de descanso do sétimo para o primeiro dia” (Early Writings, pág. 55; Primeiros Escritos, pág. 65, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=127&p=65>).

Os textos seguintes são do Signs of Times Magazine, Out/1914:

“Domingo é o primeiro dia da semana, e sua observância pertence à Igreja Católica”.

“Todo aquele que aceita a instituição do Domingo como dia Sabático, por consequência aceita algo instituído pela Igreja Católica”.

“A Igreja Católica diz: 'Pelo meu divino poder aboli o dia Sabático e os ordeno a guardar o primeiro dia da semana! E ainda, que todo o mundo civilizado se ajoelhe em reverente obediência ao comando da Santa Igreja Católica’”.

Entretanto, existem duas objeções que prejudicam tal teoria:

Primeira: Os Adventistas presumem e argumentam fundamentados na suposição de que a “Igreja Católica” começou a ser formada cerca de trezentos anos depois de Cristo. Por conseguinte, se a Igreja Católica mudou o dia Sabático, a mudança não poderia ter sido feita antes dessa data final. Então eles facilmente encontram, e de bom grado citam de forma bombástica um grande número de catecismos Católicos; de sacerdotes Católicos e de disputas Católicas contra os Protestantes, todos dizendo que a Santa Igreja Católica mudou o dia Sabático. Os Adventistas dizem que isso decide a questão.

Segunda: Mas desse modo, eles ignoram e deixam de mencionar outras reivindicações que essas mesmas autoridades Católicas fazem com veemência, a saber, que a sua Santa Igreja Católica se estende para trás e começa com os apóstolos, e que a mudança foi feita por eles. Se os Adventistas aceitam uma reivindicação dos Católicos, então, para serem justos, deveriam aceitar a ambas. Mas isto arruinaria seus argumentos.

Agora o simples fato é: a Igreja “Católica” original, que efetivamente começou com os apóstolos, no tempo dos quais o dia foi mudado, não é a mesma Igreja apontada como a Igreja Católica Romana, ou o Papado, de uma data muito posterior. O fundamento no qual a Igreja Católica Romana faz a falsa reivindicação de ter mudado o dia Sabático é o fundamento ainda mais falso de que a Igreja Romana atual de estende ao passado e inclui os apóstolos, os quais, eles prontamente concordam, fizeram a mudança. Estes dois fatos são abundantemente comprovados pelo testemunho dos próprios Católicos. Quando os Adventistas usam citações dos Católicos, como costumam fazer, esses fatos fundamentais são ignorados. Seus membros laicos e as pessoas comuns os desconhecem, e consequentemente são facilmente enganados.

Nenhuma classe de pessoas denuncia a Igreja Romana mais enfaticamente que os Adventistas. Eles a julgam como enganadores, falsos mestres, perversores da história e repudiam suas reivindicações orgulhosas como sendo sem valor; tudo, exceto no que diz respeito à mudança do dia Sabático. Aqui eles param e publicam para o mundo a sua simplória afirmação, como se a questão estivesse resolvida e fora de discussão. Os Adventistas não oferecem nenhuma prova da sua reivindicação de que os Católicos mudaram o dia. Simplesmente declaram que eles mudaram e deixam tudo como está. Os membros Adventistas aceitam isto com prazer, sem nenhuma prova. Considerem agora: a Igreja Católica Romana faz as seguintes reivindicações presunçosas:

1. A Igreja Católica Romana é a única Igreja verdadeira.
2. São Pedro foi o primeiro Papa da Santa Igreja Católica.
3. O atual Papa de Roma é aquele indicado divinamente na linha sucessória de São Pedro.
4. O Papa de Roma é o Vigário de Jesus Cristo sobre a terra.
5. O Papa é infalível.
6. O Papa segura as chaves do céu.
7. Todos os que estão fora da Igreja Católica, incluindo os Adventistas, são hereges.
8. Os Protestantes estão em débito com os Católicos pelas Santas Escrituras, as quais lhes foram entregues por eles.
9. Os sacerdotes Católicos têm autoridade para perdoar pecados.
10. A Igreja Católica Romana mudou o dia Sabático do sétimo dia para o Domingo, o primeiro dia.

A Igreja Católica reivindica enfaticamente todos esses itens. E o que dizem os Adventistas do Sétimo Dia sobre essas afirmações? Eles rapidamente negam todos os nove primeiros, dizendo que todos são mentiras sem qualquer fundamento em fatos. Mas, quando chegam ao décimo – a mudança do dia Sabático –, então os Adventistas entram em êxtase para aceitarem cada uma dessas palavras como sendo verdade infalível. Para eles isso coloca a questão para além da disputa. A Igreja Católica só é dona do que disse no décimo item; isso ela realmente fez!

Para ilustrar: Os Adventistas trazem a sua principal testemunha para o júri. Mas, quando é interrogada, eles reconhecem que nove décimos de seu testemunho é uma mentira, é perjúrio, mas que um décimo daquilo que asseverou é verdadeiro. Fundamentados nisto, eles proclamam ter vencido o seu caso! E assim seja!

Qualquer juiz rapidamente lançaria fora da corte tal testemunho considerando-o imprestável, ainda que viesse da testemunha, e que fosse a única testemunha. Os Adventistas, contudo, podem produzir declarações de que a Igreja Romana mudou o dia Sabático. Vejam em qualquer uma de suas publicações sobre o assunto.

Iremos agora examinar essa testemunha. A Igreja Católica Romana reivindica se estender até o tempo dos apóstolos e incluí-los. Isto é tão bem conhecido que não é preciso oferecer nenhuma prova. Ainda assim mencionarei algumas citações. O Cardeal Gibbons é a maior autoridade Católica na América. Sua obra de 480 páginas, “The Faith of Our Fathers”, é escrita expressamente para provar que a Igreja Católica Romana moderna data da época de Cristo e dos apóstolos, e possui uma sucessão ininterrupta até o tempo presente. Ele afirma que São Pedro foi o primeiro Papa e que seu ofício e autoridade se transmitem de forma ininterrupta através de todos os Papas até o atual. Na pág. 58, ele diz: “A verdadeira Igreja tem de ser Apostólica. Seus ministros precisam derivar seu poder dos apóstolos por uma sucessão inquebrável”. Na pág. 67, ele fornece uma tabela da verdadeira Igreja, a Católica, assim:

<u>Denominação</u>	<u>Lugar de Origem</u>	<u>Fundador</u>	<u>Ano</u>	<u>Autoridade</u>
Igreja Católica	Jerusalém	Jesus Cristo	33	Novo Testamento

Nas páginas 68 e 69 ele diz que todas as denominações Protestantes “surgiram mil e quinhentos anos mais tarde, para ter qualquer pretensão se chamar Igreja Apostólica... A Igreja Católica, ao contrário, pode facilmente reivindicar o título de Apostólica porque deriva sua origem dos Apóstolos... Assim voltamos de século a século até chegarmos a Pedro, o primeiro Bispo de Roma, Príncipe dos Apóstolos e Vigário de Cristo”. Na pág. 81, ele diz: “Ela é a única Igreja que reconhecidamente tem existido desde o princípio”. Novamente na pág. 161, “São Pedro, o primeiro Papa, na longa e ininterrupta linha de Soberanos Pontífices”.

O “Catholic Dictionary”, artigo “Catholic Church”, diz: “Geral ou Universal. O termo era aplicado para a verdadeira Igreja espalhada através do mundo... A Igreja Católica Romana atual é a Igreja fundada por Cristo”.

Examinei um grande número de obras Católicas, desde o catecismo mais simples até a sua grande “Encyclopedia”, e todos concordam em afirmar que a Igreja Católica retrocede aos apóstolos e os inclui, com Pedro sendo o primeiro Papa. Sobre esta suposição eles fundamentam sua afirmação de que tudo o que foi feito pelos apóstolos foi feito pela Igreja Católica Romana. Marquem bem este ponto, pois sobre esta reivindicação repousa a declaração dos Católicos de que a sua Igreja mudou o dia Sabático.

O nome “Papa” significa simplesmente pai. Durante séculos depois de Cristo este era o nome comum para todos os sacerdotes, tanto na Igreja Romana quanto na Grega. Na época o termo significava o mesmo que “pastor” significa atualmente para nós. Posteriormente, no Oeste, ele ficou gradualmente restrito apenas aos bispos. Em um concílio realizado em 1073, Gregório VII proibiu o uso do título para qualquer um que não fosse o Bispo de Roma. Portanto, o termo “Papa”, como é agora utilizado, não existia até centenas de anos depois do prazo estipulado pelos Adventistas para a mudança do dia Sabático. Assim este não poderia ter sido mudado pelo “Papa”.

O termo “Igreja Católica” é comumente usado para designar apenas a Igreja de Roma, tendo o Papa por seu cabeça, com a reivindicação de que o termo “Igreja” pertence unicamente a ela, excluindo todas as outras deste nome. A Igreja Romana declara igualmente que o termo retrocede aos apóstolos, incluindo-os como fundadores da sua “Igreja Católica”, tendo Pedro como seu primeiro Papa. Mas esta afirmação é totalmente infundada e contrária aos fatos mais evidentes da história. A “Igreja Católica” é uma coisa; a “Igreja Romana” é outra coisa, e o “Papado” é ainda outra coisa, cada uma diferente da outra.

“Católico” significa geral ou universal. Começando com os apóstolos ou logo depois, o termo era usado pelos Cristãos do mundo da época para distinguir a Igreja Cristã da Igreja Judaica, a qual era nacional e local. Posteriormente, quando vieram as heresias, “Católico” significava todos os crentes ortodoxos em qualquer lugar, mas excluía os heréticos. Isso continuou por cerca de 1000 anos até a separação definitiva entre as Igrejas Oriental e Ocidental, em 1052 D. C. Então a Igreja Oriental assumiu o título de “Igreja Católica Ortodoxa Grega Oriental”, enquanto a Igreja Ocidental continuou ainda a usar o nome comum de “Católica”. O “New International Dictionary” diz: “Católico: 1. Universal ou geral; de ou pertencente à Igreja universal, designando ou pertencendo à Igreja antiga e não dividida; ou uma Igreja ou Igrejas historicamente contínuas com a afirmação de ser a verdadeira representação dela, consequentemente a verdadeira Igreja Apostólica; ortodoxa. O termo Católica, que designava originalmente a totalidade dos crentes Cristãos, foi oficialmente apropriado como um título pela Igreja Ocidental ao tempo de sua separação da Igreja Oriental [1052], a qual assumiu o título de Ortodoxa. Após a Reforma, a Igreja de Roma, Igreja Católica Romana, vindicou seu direito exclusivo para o título; e embora seu direito não tenha sido reconhecido pelas Igrejas Reformadas, especialmente as da comunhão Anglicana, na prática o título é frequentemente restrito dessa forma”.

Essa é exatamente a verdade quanto ao uso histórico do termo “Igreja Católica”. Ele iniciou com a Igreja Apostólica e foi usado pela Igreja não dividida, ou integral, durante toda a era antiga, por cerca de mil anos.

Tenho diante de mim um livro intitulado “Catholic Principles”, do Rev. J. W. Westcott, Episcopal. No livro ele fornece abundante prova histórica mostrando que o termo “Igreja Católica” começou com os apóstolos ou imediatamente depois, e abrangia todos os verdadeiros Cristãos de fé ortodoxa em todo o mundo. O termo continuou sendo usado assim até o século décimo-primeiro, quando a Igreja Oriental, ou Igreja Grega, separou-se da Ocidental, ou Igreja Romana, em 1052 D. C. Então Roma assumiu para si mesma o termo “Católica”, contrário ao seu uso antigo durante os primeiros onze séculos. O Sr. Westcott diz: “Para começar, devemos ter cuidado para não sermos enganados pelo uso de nomes, frases e expressões que significavam uma coisa nos terceiro e quarto séculos e significam outra completamente diferente nas

bocas dos Católicos Romanos do presente século” (pág. 206). “Quando os Protestantes usam a palavra Católica eles geralmente se referem à Igreja Católica Romana e frequentemente é matéria de grande surpresa para eles descobrirem que cem milhões de homens afirmam ser Católicos, e que não são de forma alguma Católicos Romanos” (pág. 55). Novamente ele diz, e também corretamente: “As citações que agora dispomos dos primeiros escritores Cristãos comprovam além de qualquer dúvida que tanto no nome, quanto na teoria, a Igreja Cristã era Católica desde os primeiros dias apostólicos” (pág. 65).

Igualmente a “New Universal Cyclopedia”, de Johnson, artigo “Igreja Católica”: “A expressão Igreja Católica é equivalente à 'Igreja Universal', e não pode estar corretamente restrita a qualquer denominação ou corpo em particular. Ela foi empregada uma vez para distinguir a Igreja Cristã da Judaica, esta última ficando restrita a uma única nação, enquanto a anterior concebida para o mundo”.

Por esta razão devemos nos lembrar de que por cerca de mil anos a “Igreja Católica” incluía todos os Cristãos ortodoxos, ou evangélicos, de todo o mundo. A grande Igreja Oriental, ou Grega, que foi fundada pelos apóstolos e nunca foi regulada pela Igreja Romana, foi a primeira e de longe a maior parte da Igreja Católica, ou universal. A ela pertencia esse título antes de o Papado Católico Romano existir. Consequentemente, é verdadeiro que a Igreja Católica foi fundada por Cristo e os apóstolos; mas ela era muito diferente da Igreja Romana, ou Papado, de séculos depois. Assim, quando compreendido corretamente, não temos objeções em dizer que o dia Sabático foi mudado pela “Igreja Católica”, pois a mudança foi feita pelos apóstolos, os fundadores da Igreja “Católica”, ou universal.

Roma não é a “Igreja Mãe”. Este título pertence à grande Igreja Católica Grega Oriental, fundada pelos apóstolos muito antes de existir a Igreja Católica Romana. Essa Igreja conta atualmente com cento e cinquenta milhões de pessoas, e é a “Igreja Católica” original. Ela era a “Igreja Mãe”; e a Igreja Romana por trezentos anos foi apenas uma igreja de missão, fundada e amparada pela Igreja Grega Oriental. Este fato é abundantemente comprovado pela história.

Assim escreveu-me corretamente o Rev. Bispo Raphael, de Brooklyn, N. Y., Bispo da Igreja Grega Oriental, em 30/Mai/1914:

“O nome oficial de nossa igreja é 'A Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa'. Ela foi fundada no tempo dos apóstolos e pelos doze apóstolos, tendo Jesus Cristo por principal pedra de esquina. Começando no dia de Pentecostes (Atos 2), nossa Igreja nunca foi sujeita à Igreja Romana ou aos Papas latinos ou ao Papado. A Igreja Romana em si foi uma Missão Grega por quase 300 anos, e o grego era a língua na qual a liturgia ou a Missa eram faladas na cidade de Roma. Desde o início a Igreja do Leste nunca foi conhecida por outro nome que não fosse Católica, nem tem ela deixado de usar esse título em qualquer documento oficial”.

Portanto, os fatos históricos são os seguintes: a Igreja Católica original começou com os apóstolos e incluía todos os Cristãos Ortodoxos, séculos antes de surgir a corrupta Igreja Católica Romana. A Igreja Papal não teve nada a ver com a mudança do dia Sabático. A falsa afirmação de que a Igreja Romana mudou o dia é baseada na falsa afirmação adicional, por parte dos Romanistas, de que ela é a pura Igreja Católica apostólica original. Os ministros Adventistas esclarecidos sabem disso muito bem, e são indesculpáveis por omitir a verdade. Seus membros, entretanto, geralmente são totalmente desconhecedores desses fatos. Ignorantemente eles supõem que a Igreja Católica Romana é a única Igreja Católica.

CAPÍTULO IV

OS CATÓLICOS SITUAM A MUDANÇA DO SÁBADO COM OS APÓSTOLOS.

A colocação acima é a doutrina universalmente aceita pela Igreja Católica Romana. Ela é ensinada dessa forma em todas as suas obras doutrinárias. Eu mesmo examinei um grande número dos seus catecismos; seu dicionário religioso; sua grande Enciclopédia; seus muitos trabalhos doutrinários, e entrevistei um de seus bispos e vários de seus sacerdotes; e todos são unânimes em ensinar isto: O dia Sabático foi mudado pelos apóstolos.

Observem atentamente: neste momento não estamos investigando para saber se os apóstolos realmente mudaram o dia Sabático, mas sim para saber o que a Igreja Católica acredita e ensina sobre esta questão. Ver na primeira página do meu outro livro onde é claramente provado que a mudança do dia foi feita nos dias dos apóstolos, e por isso não irei novamente fundamentar a questão. Os Adventistas negam que os apóstolos tenham algo a ver com a mudança do dia e presunçosamente citam os Católicos de modo a dar a impressão de que essas autoridades Católicas dizem que a sua Igreja Romana, ou o Papa, ou o Papado, fizeram a mudança centenas de anos depois de Cristo. Isto é desonesto. Eles omitem cuidadosamente uma parte importante daquilo que os Católicos ensinam de forma explícita, e em seguida constroem a outra parte para dar a entender aquilo que os Católicos nem acreditam ou ensinam. Sinto muito em ter de dizer isto, mas gostaria que os Adventistas vissem este erro e dissessem a verdade completa!

Iniciaremos com a autoridade máxima na Igreja Católica – o Concílio de Trento. “O Catecismo do Concílio de Trento”, publicado pela ordem de Pio IV, contém o credo da Igreja. Cada membro tem que jurar por este credo quando se une à Igreja, e, conseqüentemente, ele é autorizado. Ele dedica oito páginas à questão do dia Sabático. Ele diz: “O dia Sabático foi mantido santo desde o tempo da libertação do povo de Israel sob a escravidão de Faraó; a obrigação cessou com a revogação da adoração Judaica, da qual era uma parte e, portanto, já não era obrigação após a morte de Cristo.

Os apóstolos, por conseguinte, resolveram consagrar o primeiro dia da semana para a adoração divina, e denominaram-no de 'O Dia do Senhor'. São João, no Apocalipse, faz menção ao 'Dia do Senhor', e o apóstolo ordena que a coleta seja feita 'no primeiro dia da semana', isto é, de acordo com a interpretação de São Crisóstomo sobre o Dia do Senhor, e assim somos levados a entender que desde então o Dia do Senhor foi mantido santo na Igreja” (pág. 264, 265). Observe que este credo diz que apóstolos consagraram o dia; ele era santo e era chamado de Dia do Senhor. As Escrituras são citadas para provar tudo isso. Este é o credo da Igreja Romana.

Qualquer sacerdote ou escritor Católico que ensine diferente contradiz o credo sagrado de sua própria Igreja e viola seu juramento de crer e ensiná-lo.

O que se segue é um testemunho decisivo da posição da Igreja Católica sobre quando o dia Sabático foi mudado e sobre quem o mudou. É um comentário sobre Atos 20:7, na própria Bíblia Católica. Observem como eles situam a mudança exatamente onde os Protestantes o fazem citando a Bíblia para comprová-la.

“E no primeiro dia da semana'. Aqui São Crisóstomo, juntamente com muitos outros intérpretes das Escrituras, explica que os Cristãos, mesmo naquele tempo, mudaram o dia Sabático para o primeiro dia da semana (o Dia do Senhor), como todos os Cristãos ainda o guardam. Esta mudança foi feita indubitavelmente pela autoridade da Igreja; consequência do exercício de poder que Cristo concedeu a ela, pois Ele é o Senhor do Sábado”.

Em 1913 o Monsenhor John Bunyan era o representante especial do Papa na América. Próximo ao Papa, na época ele era a maior autoridade oficial daquela Igreja nos Estados Unidos, e o que diz é autorizado. “Por que o Domingo é o Primeiro Dia?” foi o título de um artigo que forneceu ao Washington Times em 11/Out/1913. Ele diz: “Na Nova Lei, o tempo para o cumprimento desta obrigação [dia Sabático] foi mudado pelos apóstolos, do Sábado, o sétimo dia da semana, para o Domingo, o primeiro dia da semana, primariamente para celebrar a ressurreição de Jesus Cristo, o qual ressurgiu da morte, glorioso e triunfante, bem cedo na manhã do primeiro dia da semana. Por isso é que na Escritura o primeiro dia da semana é chamado de 'Dia do Senhor' (Apoc. 1:10). Foi também neste mesmo dia da semana que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, e que a lei de Cristo foi pela primeira vez solenemente proclamada por eles ao mundo”.

Sobre isso o Advent Review and Herald, 22/Out/1913, diz:

“Ao ler este artigo não podemos nos esquecer de que estamos lendo a declaração estabelecida pelo maior oficial daquela Igreja na América, a qual afirma retroceder até os dias Apostólicos”.

Aqui, então, por meio da sua maior autoridade estabelecida, está o ensino da Igreja Católica Romana com relação a mudança do dia Sabático e quanto ao tempo em que foi feita. Ela foi feita pelos apóstolos, no tempo dos apóstolos. Todos os Adventistas do Sétimo Dia certamente sabem disso, pois isso foi publicado por um editor do seu órgão oficial – o Advent Review. E agora, eles irão parar de ensinar que a Igreja Católica afirma ter mudado o dia Sabático várias centenas de anos depois de Cristo, sem a autoridade Apostólica? Lembrem-se, novamente, de que a questão aqui não é se os apóstolos realmente fizeram a mudança, mas sim o que a Igreja Católica declara sobre ela. O representante papal estabeleceu o fato.

O Cardeal Gibbons é o próximo em autoridade. Escrevi-lhe perguntando quando começou a sua Igreja, e quando o dia foi mudado. Eis a resposta:

Baltimore, 15 de Julho de 1896.

Rev. D. M. Canright,

Caro senhor, em resposta à sua solicitação à Sua eminência, o Cardeal, permita-me dizer:

Primeiro: A Igreja Católica existe desde o dia em que o nosso Senhor fez de São Pedro o cabeça visível da Igreja, e desde quando São Pedro estabeleceu, primeiramente em Antioquia, e depois em Roma, o local de sua residência e jurisdição.

Naqueles dias e nos imediatamente posteriores encontramos traços do princípio do costume da observância do Domingo. Você pode consultar os escritores Cristãos do período (ver Inácio e Magnes, 9; Justino Mártir, 1, Apol. 59; Tertul., Apol. 16). Todos esses escritores falam do Domingo como o Dia do Senhor; nenhum traço mais distinto foi preservado, e a menção que ocorre nos séculos seguintes repousa sobre o fato de um costume prévio relativamente geral.

C. T. Thomas, Secr.

Vemos que o Cardeal localiza a introdução do Dia do Senhor no início da Igreja, com São Pedro.

Depois do Cardeal, o mais alto dignatário na América é o Arcebispo Ireland. Em resposta à minha pergunta a respeito de quando a Igreja Católica mudou o dia Sabático, o prelado respondeu como segue:

St. Paul, março de 1914.

Meu Caro Senhor,

Em resposta à sua pergunta eu diria que o Sábado Judaico era simplesmente um preceito positivo na lei Mosaica que caiu junto com esta. Os apóstolos e os primeiros Cristãos instituíram o Domingo como um dia de oração especial em honra aos maiores mistérios da religião Cristã – a ressurreição e a vinda do Espírito Santo – ambos ocorrendo no primeiro dia da semana.

Sinceramente,

John Ireland.

Isso é claro, positivo e direto ao ponto. Aqui está outra alta autoridade Católica, “The Catholic Encyclopedia on Doctrine”, artigo “Domingo”: “Domingo era o primeiro dia da semana, de acordo com o método Judaico de contar o tempo, mas para os Cristãos ele começa a tomar o lugar do Sábado Judaico nos tempos apostólicos como um dia separado para a adoração pública solene a Deus” (Atos 20:7; 1 Cor. 16:2; Apoc. 1:10). A mesma Enciclopédia, artigo “Sábado”, diz: “São Paulo enumera o Sábado entre as observâncias Judaicas que não são obrigatórias para os Cristãos (Col. 2:16; Gál. 4:9-10; Rom. 14:5). Os Gentios convertidos mantinham seus encontros religiosos no Domingo (Atos 20:7; 1 Cor. 16:2), e, com o desaparecimento da Igreja Judaica, o dia era exclusivamente observado pelas Igrejas Cristãs como O Dia do Senhor”.

Observem que os Católicos citam os mesmos textos que os Protestantes para indicar a mudança. Eles colocam sua origem no Novo Testamento da mesma forma como nós e igualmente invocam a autoridade da Escritura. Vemos que todas as altas autoridades Católicas concordam em localizar a mudança nos dias dos apóstolos, e sendo promovida pelos apóstolos.

O texto seguinte foi extraído do “The Catholic Dictionary, the Universal Christian Educator, Containing Doctrine of the Church”, do Rev. Wm. A. Addis e Thomas Arnold, ambos da Real Universidade da Irlanda, endossado pelo Cardeal Manning e Cardeal McClosky. Não poderia existir melhor autoridade Católica. Agora leia o artigo “Sunday”: “O preceito de observar o dia Sabático foi completamente abolido na Igreja Cristã. Em comemoração à ressurreição de Cristo, a Igreja observa o Domingo. A observância não repousa em nenhuma lei positiva, da qual não existe vestígio. O Domingo é instituição meramente eclesiástica datando, de qualquer modo, desde o tempo dos apóstolos. Tal é a opinião de São Tomás. As Escrituras referidas acima (Atos 20:7; 1 Cor. 16:2; Apoc. 1:10) mostram que a observância do Domingo iniciou na era apostólica; mas mesmo onde a Escritura silencia, a tradição estabeleceria a época fora de qualquer dúvida”.

Citamos tudo isso para mostrar apenas um único ponto, a saber, a época quando os Católicos afirmam ter ocorrido a mudança pela Igreja. Todos dizem que ela foi feita pelos apóstolos. Nenhuma outra época é fornecida ou sugerida.

Agora leiam o testemunho escrito por dois sacerdotes Católicos:

TESTEMUNHO DE UM SACERDOTE CATÓLICO.

“Tendo vivido durante anos entre os Adventistas do Sétimo Dia. Estou familiarizado com as suas declarações de que o Papa de Roma mudou o dia Sabático do sétimo para o primeiro dia da semana. Tais afirmações são totalmente infundadas. Os Católicos não dizem tal coisa, mas declaram que os próprios apóstolos estabeleceram a observância do Domingo e que a recebemos pela tradição por meio deles. Os concílios e os Papas posteriores simplesmente confirmaram a guarda do dia conforme recebido dos apóstolos”.

John Meiler,

Reitor da St. John's Church, Healdsburg, Cal.

A declaração seguinte eu redigi e li para um influente sacerdote Católico de Grand Rapids, Michigan, que prontamente respondeu, como veremos abaixo:

“A doutrina Católica da mudança do dia Sabático é esta: Os apóstolos, pela instrução de Jesus Cristo, mudaram o dia sabático do Sábado para o Domingo para comemorar a ressurreição de Cristo e a descida do Espírito Santo, ambos tendo ocorrido no Domingo. A mudança foi feita pelos próprios apóstolos, e consequentemente por autoridade divina, bem nos primórdios da Igreja. Existem referências para essa mudança em Atos 20:7; 1 Cor. 16:1-2; Apoc. 1:10, etc. No entanto, os textos não estabelecem positivamente tal mudança, e por isso os Católicos se voltam para as declarações dos primeiros Pais Cristãos, onde a mudança promovida pelos apóstolos é confirmada e estabelecida acima de qualquer dúvida. Os Católicos também se apoiam na tradição da Igreja, que igualmente afirma que a mudança foi feita pelos apóstolos. Os Católicos nunca ensinam que a mudança do dia foi feita pela Igreja duzentos ou trezentos anos depois de Cristo. Tal declaração seria contrária a todos os fatos da história e das tradições da Igreja”.

“A Santa Igreja Católica começou com os apóstolos. São Pedro foi o primeiro Papa. Consequentemente, quando se diz que a Igreja mudou o dia Sabático, queremos dizer que isso foi feito pela Igreja nos dias dos

apóstolos. Nem a Igreja ou o Papa, duzentos ou trezentos anos depois dos apóstolos, tiveram alguma coisa a ver com a mudança do dia Sabático, pois a mudança foi feita eras antes. Os Católicos não chamam o primeiro dia da semana de 'dia Sabático', pois este era o Sábado; mas eles o chamam de Domingo (Dies Dominicus), ou o 'Dia do Senhor'. A declaração acima, de autoria do Rev. D. M. Canright, é verdadeira e a pura doutrina Católica”.

James C. Pulcher, Sacerdote da St. James Church, Grand Rapids, Mich.

Observem como todas as autoridades Católicas falam a mesma coisa. Agora vamos ao catecismo que os Adventistas gostam tanto de citar. Ele é o “Systematic Study of the Catholic Religion”. O texto é utilizado por todos os estudantes do Catholic High School, situado em Grand Rapids, Mich. Na pág. 294, lemos: “A Igreja do tempo dos apóstolos mudou o dia Sabático para o Dia do Senhor”. No livro Advent, “Quem mudou o dia Sabático?”, pág. 9, o que se segue foi extraído do “Catholic Christian Instructed”.

“Pergunta: Qual é o dia que a Igreja ordena ser guardado como santo?

Resposta: O Domingo, nosso Dia do Senhor, que observamos pela tradição apostólica, ao invés do Sábado”.

Vemos que este catecismo situa a mudança do dia Sabático no tempo dos apóstolos, do mesmo modo como fazem todos os demais escritores Católicos. A Igreja fez isso no tempo dos apóstolos, exatamente como todos os Protestantes ensinam. Aqui segue outra parte do mesmo catecismo:

“Pergunta: Que garantia você tem para guardar o Domingo preferencialmente ao antigo Sabbath, que era no Sábado?

Resposta: Temos por garantia a autoridade da Igreja Católica e a tradição apostólica”.

Aqui, como anteriormente, novamente somos levados aos apóstolos.

Fecharemos esse testemunho dos Católicos com o seguinte texto extraído do “Sacerdote da Missão”. Estes são sacerdotes da mais elevada erudição e influência. Sua “missão” é ir de cidade em cidade em todos os estados, para nas suas maiores igrejas ministrarem cursos e palestras sobre doutrinas Católicas para Católicos e não Católicos. Eles são os sacerdotes mais bem instruídos e posicionados naquela Igreja. Portanto, o que ensinam é da mais elevada credibilidade e confiança no que diz respeito às doutrinas Católicas.

Consegui de um vizinho (uma família Católica cuja filha frequenta a Escola Superior Católica daqui) o livro “A Full Course of Instruction in Explanation of the Catechism”, do Rev. J. Perry, editado e adaptado para as necessidades atuais dos colégios, academias e famílias, por um sacerdote da Missão. O material é aprovado pelo Arcebispo de St. Louis, Missouri. Observem que este é um material autorizado para ser estudado em famílias, escolas superiores, colégios e academias. Poderia existir testemunho melhor? Agora leiam: “Terceiro mandamento [Sábado]. Sua obrigação transferida do Sábado para o Domingo. Qual dia da semana é o sétimo dia, ou Dia Sabático? É o Sábado. Então, por que nós não guardamos o Sábado santo? Porque a Igreja, no tempo dos apóstolos, transferiu a obrigação do sétimo dia para o primeiro dia da semana. Por que isso foi feito? Em honra a Jesus Cristo, e por isso o primeiro dia da semana é chamado de Dia do Senhor (Apoc. 1:10). Foi no primeiro dia da semana (ou Domingo) que Cristo ressurgiu da morte; o dia que Ele comissionou Seus apóstolos para ensinarem todas as nações; que Ele os capacitou para perdoar pecados; que enviou sobre eles o seu Santo Espírito; foi nesse dia que os apóstolos começaram a pregar as doutrinas de Cristo e estabeleceram a religião Cristã” (pág. 168-169).

Vemos que os Católicos usam exatamente os mesmos argumentos para a mudança do dia que são utilizados por todos os Protestantes, e localizam a mudança na mesma época, no tempo dos apóstolos e efetuada pelos apóstolos.

Mas o catecismo ou os escritores Católicos, quando disputando com os Protestantes, não afirmam que a “Santa Igreja Católica” mudou o dia? Certamente, mas eles também alegam que a Igreja Católica começou com os apóstolos, que por sua vez mudaram o dia. E os Adventistas sabem disso? Sim. Por que, então, eles não falam todos os fatos deste assunto? Deixem que eles respondam.

Consideremos as altas autoridades Católicas citadas sobre o tema – o Concílio de Trento; o delegado papal; Cardeal Gibbons; Arcebispo Ireland; a Enciclopédia Católica; Dicionário Católico; declarações escritas de sacerdotes e os ensinamentos do catecismo. Todos concordam que a mudança no dia foi feita pelos apóstolos. Além de qualquer disputa, isso estabelece a doutrina da Igreja Católica sobre a doutrina do Dia do Senhor. Não pode ser citada uma única autoridade Católica ensinando que a mudança do dia Sabático foi feita pelos Papas ou pelo Papado séculos depois. Isso é puramente uma invenção dos Adventistas do Sétimo Dia. Aqui, portanto, está o testemunho de duzentos e cinquenta milhões de Católicos Romanos, todos concordando que a observância do Domingo, como o Dia do Senhor, originou-se com os apóstolos. Agora, se os Adventistas citam os Católicos, então que sejam fiéis ao seu testemunho.

Vejamos agora “Rome's Challenge”, “Father Enright's Challenge” e vários outros “Desafios” que os Adventistas alegremente reúnem, endossam e vendem ao mundo como sendo irrefutáveis. Leiam todos cuidadosamente e observem que nenhum desses “Desafios” Católicos jamais localiza o tempo quando a “Igreja Católica” fez a mudança. Em todos esses “Desafios” eles habilmente deixam esse ponto de fora e se apoiam na ignorância do público em geral, que acredita que a Igreja Católica começou séculos depois de Cristo. Então os Adventistas tomam vantagem dessa ideia popular da Igreja Católica e localizam a mudança cerca de 300 anos depois de Cristo. Tal engano é indigno para mestres Cristãos.

A posição dos Protestantes sobre a mudança do dia Sabático é tão bem conhecida que não é necessário ser dada nenhuma prova. Todos sustentam que a mudança do dia foi feita nos dias dos apóstolos e pelos apóstolos. Aqui não argumentamos quanto ao fato de eles estarem certos ou não. Simplesmente declaramos o que acreditam e ensinam. Poderíamos facilmente citar dezenas de Igrejas distintas, todas diferindo mais ou menos em diversas doutrinas, tais como os Luteranos, Episcopais, Batistas, Metodistas, Presbiterianos, Congregacionais, Discípulos, Irmãos Unidos, Alemães Reformadas, etc., etc., etc. Vá e pergunte a qualquer uma delas, “Por que vocês guardam o Domingo?” A resposta será simplesmente e sempre a mesma por parte de todos: “Porque Cristo ressurgiu da morte neste dia”. “Quando foi feita a mudança?” “Depois da ressurreição”. “Quem fez a mudança?” “Os apóstolos”. Todos respondem o mesmo. Poderíamos fornecer muitas citações de escritores autorizados de todas essas Igrejas falando a mesma coisa. A grande Igreja Ortodoxa Grega Oriental, contando com cento e cinquenta milhões de adeptos, ensina a mesma coisa. Os Católicos falam do mesmo modo que os protestantes quando declaram que a mudança do dia se deu no tempo dos apóstolos e foi promovida pelos apóstolos, citando Atos 20:7, 1 Cor. 16:2 e Apoc. 1:10 para comprovar o fato, exatamente como fazem os Protestantes. A única diferença é que os Católicos Romanos afirmam que a sua Igreja retrocede aos apóstolos, começando com eles e incluindo-os. Consequentemente, quando os apóstolos mudaram o dia, isso foi feito pela “Santa Igreja Católica”. Isso é tudo sobre o assunto; é exatamente o mesmo que todos os Protestantes ensinam, exceto que estes negam que os apóstolos eram Católicos Romanos. Os Adventistas também negam isto. Desse modo, os Católicos concordam exatamente com os Protestantes quanto ao quando, por quê, onde e por quem o dia foi mudado, contradizendo aquilo que os Adventistas citam dos Católicos como prova. Leitor, lembre-se disso, e o bicho-papão Adventista não irá mais amedrontar você.

“Dictionary of the Bible”, de Hastings, artigo “Dia do Senhor”, diz: “Quando Jesus proferiu o grito 'Está consumado', a dispensação Mosaica virtualmente acabou. Sua Ressurreição, Ascensão e Derramamento do Espírito Santo foram afirmações sucessivas desse grande fato, e a destruição do templo tornou isso claro para todos, com exceção dos mais cegos. Mas, entretanto, nada é mais marcante do que o suave modo pelo qual os apóstolos e os Cristãos Judeus por nascimento se desmamaram da antiga religião. As folhas mortas do Judaísmo caíram gradualmente. Elas não foram abruptamente arrancadas pelo homem. Os novos fatos, os novos dogmas, as novas ordenanças, primeiramente estabilizaram a eles próprios, e então, pouco a pouco, a incompatibilidade do velho com o novo foi percebida, com o necessário despojar do velho.

As coisas velhas do Judaísmo tornaram-se novas no Cristianismo. Isso, entretanto, não foi levado a cabo através de uma substituição deliberada de uma ordenança por outra; mas primeiramente as antigas ordenanças mostraram-se simplesmente antiquadas, e então as experiências, amadurecidas dos apóstolos sob a influência do Espírito Santo, comprovaram que as instituições positivas da nova religião mais do que cumpriram aquelas que pertenciam à antiga”.

“Jesus anunciou as grandes verdades do Evangelho, e deixou-as para germinar e produzir frutos através das próprias capacidades inerentes dos apóstolos” (Lewis).

CAPÍTULO V

OS PAGÃOS ROMANOS E GREGOS NÃO POSSUÍAM NENHUM DIA SEMANAL DE DESCANSO, OU DE FESTIVAL, OU DE ADORAÇÃO.

Um dos principais argumentos que os Adventistas do Sétimo Dia tecem contra a observância do Domingo, é este: Eles dizem que as nações pagãs, especialmente os Romanos, consideravam o Domingo como um feriado, ou dia de festival; um dia dedicado à adoração de seus deuses pagãos, particularmente o sol em cada Domingo, e por isso teríamos a palavra Sun-day (nota do tradutor: na língua Inglesa, Sun = sol e Day = dia, portanto, Sunday (Domingo) = “dia do sol”).

Quando os pagãos começaram a se converter ao Cristianismo, eles gradualmente teriam introduzido na Igreja o costume pagão de um Domingo como um dia de festival. Então a Igreja Romana apóstata teria adotado esse dia dos pagãos. Assim, agora estaríamos guardando um dia pagão, um dia papal, odiado por Deus. Sua literatura contra a guarda do Domingo é amplamente baseada sobre essa teoria considerada fundamental. Seu “History of the Sabbath” está saturado com esse argumento. Ele se destaca em seus tratados, panfletos, livros e sermões, em toda parte e em todo tempo. Suas crianças e membros acreditam nele tão firmemente quanto acreditam na Bíblia. Logo, eles abominam a observância do Domingo e têm prazer em mostrar desprezo por ele de todas as formas possíveis. Se eles estiverem errados aqui, rompem-se e desmoronam-se seus argumentos anti-Domingo.

Leia algumas de suas declarações. O Ancião J. H. Waggoner diz: “Tomo isso para mostrar plena e claramente que o Domingo possui sua origem, como um dia de estima e observância, no paganismo e no Papado”. “Mostrarei que a autoridade, o nome e a sacramentalidade do Domingo são inteiramente de origem pagã”. “O Domingo é em todos os aspectos uma instituição pagã” (Replies to Canright, pág. 125, 126, 133). Também “History of the Sabbath”, 1912, pág. 315 – “O Domingo era de fato o licencioso feriado solar de todos os tempos pagãos”.

Um grande número de declarações semelhantes são encontradas em suas obras. Por meio dessas afirmações eles intimidam as pessoas comuns a desistirem do Domingo, pelo fato de estas não serem capazes de replicar. Todas as declarações como essas são absolutamente inverídicas, como as evidências seguintes comprovarão abundantemente.

Não acuso os irmãos de enganar intencionalmente nesta questão. Até há poucos anos eu estava com eles e ensinava a mesma coisa. Isto eles agora usam contra mim. Não digo ter sido um enganador, mas, sem uma investigação pessoal de minha parte, eu simplesmente seguia nossos autores mais antigos. Sei que os outros ministros faziam o mesmo, e seus ministros e escritores fazem o mesmo agora. Em suas publicações recentes, suas citações sobre o assunto facilmente comprovam isso. Não se trata de desonestidade intencional, mas sim falta de uma investigação imparcial dos fatos históricos como eles realmente são.

Na minha cidade existe uma grande Biblioteca Pública com 140.000 volumes, contendo todas as publicações disponíveis atualizadas. Cada departamento possui um bibliotecário que rapidamente trará um livro ou artigo sobre qualquer assunto desejado. Nela encontrei muito daquilo que está contido nessas páginas. Um editorial de um importante diário diz:

“Uma das principais características da vida moderna é o fato de o conhecimento especializado estar sempre disponível aos borbotões para as mentes inquiridoras. Os primeiros frutos da pesquisa podem ser

granjeados em qualquer biblioteca atualizada e completa, tal como a que afortunadamente possui a cidade de Grand Rapids”.

Sabendo que o nosso grande estado e instituições nacionais de aprendizado mantêm especialistas em cada área de conhecimento, decidi requisitar-lhes informações sobre o assunto. Estes estudiosos eruditos não teriam motivação para serem parciais ou injustos. São especialistas que possuem à mão todos os meios possíveis de informação, e devotam toda uma vida de estudo para os seus ramos particulares de conhecimento. É sua tarefa proporcionar aos inquiridores os resultados de suas pesquisas. Desse modo, elaborei uma lista de perguntas cobrindo amplamente todos os aspectos possíveis do tema, como vocês poderão ver. Cuidadosamente evitei demonstrar quaisquer insinuações sobre meus entendimentos ou sobre o uso que desejava dar às suas respostas, de modo a não influenciá-los de forma alguma em suas explicações.

O mundialmente renomado Museu Britânico é a maior autoridade que eu poderia consultar, e assim foi a ele que recorri primeiro. Citarei abaixo a minha carta enviada a eles com suas respostas para cada pergunta, uma após a outra.

Grand Rapids, Mich. 8 de dezembro de 1911.

Museu Britânico, Departamento de História, Londres, Inglaterra.

Prezado Senhor,

Para informação de muitos que estão profundamente interessados no assunto, poderia gentilmente responder brevemente as perguntas em anexo?

D. M. Canright.

Eis a resposta:

Departamento de Antiguidades Grega e Romana, Museu Britânico, Londres, Inglaterra.

21 de dezembro de 1911.

Senhor,

Fui indicado pelo Mantenedor-Assistente de Antiguidades Grega e Romana para responder da forma como segue às suas perguntas sobre a semana antiga.

P. 1. Os pagãos Romanos e Gregos já tiveram algum dia semanal específico para descanso regular do trabalho secular?

R. 1. Não.

P. 2. Eles tinham algum dia semanal regular de festival?

R. 2. Não.

P. 3. Eles tinham algum dia semanal regular quando se reuniam para a adoração pagã?

R. 3. Não.

P. 4. Eles tinham algum dia especial da semana quando individualmente iam aos templos para orar ou fazer oferendas?

R. 4. Não. Para ambos, Gregos e Romanos, o mês era a unidade e não as semanas. O calendário Grego variava em diferentes estados, mas o mês era geralmente dividido em três períodos de dez dias. Os Romanos computavam três pontos fixos no mês; o Kalend, ou primeiro; o Nones quinto ou sétimo e o Ides décimo-terceiro ou décimo-quinto. Essas subdivisões em si mesmas não possuíam significado religioso. Os calendários Romanos também eram nundinais, ou dias de mercado, em períodos de oito dias, ou, como os

Romanos consideravam o tempo. Nesses dias o trabalho das fazendas, etc., parava, e os cidadãos afluíam para os mercados da cidade. Em certa medida isso pode ser considerado uma interrupção do trabalho regular, mas tal interrupção não possuía significado religioso, com exceção de que era considerado um mau presságio quando o nundinal coincidia com outros dias de festa, como, por exemplo, o Nones. O período nundinal parece derivar de uma trôpega reminiscência de um quarto de um período lunar, e não parece haver nenhuma conexão com a posterior semana de sete dias (ver abaixo).

P. 5. Como o Domingo era consagrado ao Sol; a Segunda à Lua, o Sábado à Saturno, etc., eram essas supostas deidades adoradas nos seus próprios dias em particular mais do que em quaisquer outros dias?

R. 5. Não. A antiga adoração dos deuses estava desaparecendo quando surgiu a semana de sete dias. O significado dos nomes das deidades era astrológico, não religioso; por exemplo, se uma pessoa era nascida na Segunda, a lua iria influenciar o seu horóscopo, mas a lua nunca era um objeto de adoração comum.

P. 6. Quando a nossa semana de sete dias foi inicialmente introduzida no calendário Romano?

R. 6. Há vestígios na literatura da república tardia (primeiro século antes de Cristo) de que os Romanos usavam a semana de sete dias para propósitos astrológicos, em conexão com as muitas superstições orientais do período. Foi provavelmente no terceiro século D. C. que a semana de sete dias entrou em uso cotidiano.

P. 7. De quem os Romanos aprenderam sobre a semana de sete dias?

R. 7. Dos Judeus, alternadamente os Assírios e Babilônicos; os nomes foram provavelmente estabelecidos pelos Gregos Helenistas.

P. 8. O pagãos Gregos adotaram na vida cotidiana, ou em seu calendário, a semana de sete dias?

R. 8. Não.

P. 9. Entre os Romanos e os Gregos, existia algum dia especial no qual o deus Apolo, o deus Sol, era adorado com orações e oferendas mais do que em quaisquer outros dias?

R. 9. Existiam certos conjuntos de festas em vários templos; estas eram anuais, e não semanais.

P. 10. A reverência pagã pelo Domingo tem algo a ver em influenciar os Cristãos para escolher este dia como seu dia de descanso?

R. 10. Não; dificilmente se pode dizer que houve qualquer reverência especial para o Domingo em tempos pagãos (ver resposta 5).

Sou, Senhor, seu servidor obediente,

F. N. Pryce.

Podemos ver o historiador dar um incondicional NÃO para todas as perguntas. Observem particularmente que os nomes dos dias da semana eram todos apenas astrológicos, não religiosos. Não existia sacramentalidade religiosa atrelada a um dia pelo fato de ele ser nomeado segundo algum planeta, como Sunday – dia do Sol; ou Mon-day – dia da Lua, etc. O sol não era adorado no Domingo, nem a lua na Segunda, nem saturno no Sábado, etc. Observe também atentamente que Apolo não era adorado no Domingo ou em qualquer dia da semana. Seus dias de festa eram anuais, e não semanais, como os Adventistas ensinam. Então notem que não existia nenhuma reverência especial para o Domingo nos tempos pagãos. Aqui novamente está provado que os Adventistas estão completamente errados. Novamente é destruída toda a sua argumentação de que a sacramentalidade do Domingo se originou com os pagãos. São abundantes as provas

negando que os pagãos Romanos e Gregos conheciam tal coisa. Por consequência a guarda do Domingo, ou a sacramentalidade do Domingo, não poderia ter-se originado com eles.

Nosso próximo testemunho provém do Smithsonian Institute, Washington, D. C. Esta grande instituição de aprendizado é financiada pelo Governo dos Estados Unidos. Ali trabalham os mais qualificados especialistas em diversas áreas do conhecimento. Eles têm acesso a todos os meios possíveis de obtenção de informação atualizada disponível na Livraria do Congresso, etc. Será visto que enderecei praticamente as mesmas perguntas para este órgão, e que as respostas são as mesmas fornecidas pelo British Museum.

Smithsonian Institute, Washington, D. C., 23 de setembro de 1914.

Rev. D. M. Canright, Grand Rapids, Mich.

Caro Senhor.

Encaminhei sua carta de 14 de setembro para o Dr. I. M. Casonawicz, Curador-Assistente de Arqueologia do Mundo Antigo, que forneceu as seguintes respostas para os seus questionamentos:

1. Os pagãos Romanos e Gregos tiveram em algum momento um dia semanal regular para descanso do trabalho secular?

Resp. Não.

2. Em algum momento eles tiveram um dia semanal de festival?

Resp. Não.

3. Eles tinham algum dia regular semanal quando se reuniam para adoração pagã?

Resp. Não.

4. Quando o nosso calendário de semana foi inicialmente introduzido entre os Romanos e Gregos?

Resp. A divisão do mês em semanas foi introduzida em Roma a partir do Egito. A data é incerta, mas esta não foi antes do segundo século D. C.

5. Quando o nosso calendário de semana foi primeiramente reconhecido na lei Romana?

Resp. A primeira legislação Dominical foi promulgada sob Constantino I, em 321 D. C. Não é conhecida nenhuma legislação sobre a divisão do mês com data anterior.

6. Se cada dia da semana era dedicado a um deus, como Domingo ao Sol, Segunda à Lua, Sábado à Saturno, etc., era cada uma dessas supostas deidades adorada em um dia específico mais do que em qualquer outro dia?

Resp. Não.

7. Os pagãos Romanos tinham algum dia em especial da semana quando os indivíduos, se desejassem, faziam orações ou oferendas aos seus deuses?

Resp. Não.

8. Apolo tinha algum dia especial na semana ou no mês, mais do que qualquer outro dia, quando era adorado com orações ou oferendas?

Resp. Não.

Sinceramente,

R. Rathborn, Sec. Assistente, a cargo do National Museum.

Aqui dois dos mais confiáveis testemunhos do mundo concordam perfeitamente. Se o seu testemunho vale alguma coisa, então os Adventistas devem revisar a sua interpretação de que a sacralidade do Domingo ou os festivais do Domingo ou os dias de descanso no Domingo se originaram com os pagãos.

Temos um testemunho adicional confirmando os outros dois, mas dando a resposta mais detalhada. A Universidade de Harvard, Cambridge, Mass., é a universidade mais antiga e mais bem conhecida na América. Enderecei a ela as mesmas perguntas. George F. Moore, professor de Romano Antigo e História Grega forneceu-me as seguintes descrições completas de todos os festivais Romanos e Gregos. Elas aniquilam completamente todas as afirmações de qualquer sacralidade pagã do Domingo. O professor Moore escreveu-me como segue:

Divinity Ave., Cambridge, Mass., 24 de maio de 1913.

Caro Senhor,

Existem duas semanas de sete dias: a semana Judaica, com um Sábado no sétimo dia, e a semana Astrológica, com dias nomeados segundo o sol, lua e cinco planetas; em ordem determinada pelas teorias da astrologia, mas sem qualquer dia de descanso. A combinação das duas é Cristã. A semana Astrológica aparece primeiramente nos escritos Gregos e Latinos por volta do início da era Cristã. Seus antecedentes são desconhecidos. Ela não tinha nenhum uso na vida habitual.

A abstinência do trabalho no sétimo dia, ou em um dia em cada sete, é uma instituição distintamente Judaica. O edito de Constantino (321 D. C.) fechando os tribunais no Domingo e proibindo alguns tipos de trabalhos neste dia, é o primeiro reconhecimento de um dia sétimo da semana na lei Romana. Os Romanos antigos tinham um dia de mercado a cada oito dias, quando os camponeses vinham à cidade para o mercado, mas isso não era em nenhum sentido um dia de descanso. No antigo calendário Romano existiam muitos dias quando os tribunais eram fechados e outros negócios públicos e privados não eram realizados. Eles tinham também muitos festivais nos quais as pessoas deixavam a sua ocupação regular e tomavam parte nas celebrações, mas esses festivais não possuíam nenhuma periodicidade como a semanal.

Sinceramente,

George F. Moore

Em uma segunda carta, ele diz:

Rev. D. M. Canright

Caro Senhor, em resposta à sua carta de 23 de novembro, eu diria:

1. A semana planetária, na qual os dias são nomeados a partir de seus regentes Sábado, Domingo, etc., foi uma invenção dos astrólogos, provavelmente no segundo século A. C., e não possuía relação com a religião ou influencia sobre ela. Saturno, por exemplo, não era adorado no Sábado, nem Júpiter na Quinta-feira. Os festivais dos diversos deuses nunca foram festas semanais, nem tampouco aconteciam em dias fixados por outras divisões do mês, a saber, a divisão de décimo.

2. Os calendários religiosos das cidades Gregas eram independentes uns dos outros e sofreram muitas mudanças no curso do tempo. Nosso conhecimento desses calendários é incompleto; somente o de Atenas é razoavelmente conhecido. Os festivais caíam em certos meses e em certos dias do mês. Assim, em Atenas, onde o primeiro mês do ano, Hekabombaion, começava na lua nova seguindo o solstício do verão (grosseiramente correspondendo, portanto, ao nosso Julho), havia o festival de Apolo no primeiro (ou no sétimo do mês). O grande festival de Athena Polias, a profetisa da cidade, era no 28°. Existiam festivais frequentes no 12° (Kronia) e no 16° (Synorkia). O segundo mês tinha apenas um festival, ainda que insignificante. No terceiro mês, o 5° dia era um Dia de Todas as Almas, uma festa aos mortos; uma ação de graças era observada no período de 12° a 15°; a partir do 16° ao 25° era o grande Athena Elensinia, e assim por diante. Não era especialmente favorecido nenhum dia do mês em particular, seja para um deus geral ou para algum individual.

3. O calendário Romano está preservado apenas para um tempo comparativamente posterior, quando a adoração das deidades Gregas e estrangeiras havia sido plenamente estabelecida. Naquilo que o antigo calendário Romano pode ser reconstruído, parece que o Ides de cada mês era dedicado a Júpiter, que tinha, além disso, festivais no 23° de Abril, 5° de Julho, 19° de Agosto, 11° de Outubro e 25° de Dezembro. Os festivais de Marte ocorriam principalmente no mês nomeado após ele, 1°, 14°, 17°, 19°, 23° e também 27° de Fevereiro, 15° e 19° de Outubro. Esses exemplos são suficientes para mostrar que nenhum princípio determina a fixação desses dias. Pode ser observado, entretanto, que, como entre muitos povos, os solstícios e equinócios, que marcam as estações do ano, são reconhecidos no calendário. Também todos os que têm um calendário baseado nos meses lunares dão alguma importância à primeira aparição da lua nova e frequentemente também para a lua cheia. Os festivais eram feriados públicos, cada um com os seus próprios ritos, costumes, sacrifícios, procissões, etc. Os sacerdotes na Grécia e Roma, geralmente falando, oficiavam apenas nessas ocasiões. O sacerdote era um cidadão eleito ou escolhido por sorte para um período maior ou menor de tempo (algumas vezes para a vida toda); na maioria dos casos não era exigido que ele abdicasse da sua ocupação habitual. Um sacerdócio que era composto de sacerdotes e nada mais, os quais despendiam suas vidas no serviço dos templos, com oferendas e liturgias diárias, ocorria apenas com deuses estrangeiros, principalmente Orientais, como o Magna Mater.

As pessoas comuns iam para os templos quando tinham motivos para oferecer orações, sacrifícios ou fazer votos, etc. Não existiam dias determinados para tais visitas de reflexão; alguns dias acontecendo em alguns templos mais destacados do que em outros, e não existia nada como um dia preestabelecido para o ajuntamento de uma adoração congregacional, exceto nos festivais do calendário local.

Sinceramente,

George F. Moore

Prontamente observa-se que este é um valioso documento histórico cobrindo em detalhes cada fase dos festivais Romano e Grego. Um festival semanal de Domingo era totalmente desconhecido igualmente para as nações pagãs.

Nenhuma adoração ou sacralidade semanal jamais foi ligada ao Domingo. Nossos irmãos do Advento, se forem sinceros, devem abandonar essa teoria.

Para fazer garantia duplamente certa, apresentarei mais um testemunho. Veremos que todos os quatro concordam em cada item. Este vem do Prof. W. H. Westerman, da Universidade de Wisconsin, em Madison, Wis.

Universidade de Wisconsin, 13 de novembro de 1913.

Rev. D. M. Canright,

Grand Rapids, Mich.

Caro Senhor.

Responderei brevemente suas perguntas, e na ordem em que me foram enviadas.

1. Os pagãos Gregos e Romanos nunca tiveram um dia semanal de descanso.

2. Eles nunca tiveram um feriado ou dia de festival semanal.

3. Eles nunca tiveram um dia especial na semana no qual faziam oferendas ou orações para deuses pagãos (tampouco nem os pagãos Gregos ou Romanos reconheciam uma divisão de sete dias para a semana, ou divisão do mês em semanas).

4. Eles não faziam oferendas ou orações no Domingo para seus deuses mais do que nos outros dias.

5. O período de sete dias da divisão do mês ou da semana nunca foi adotado no calendário dos Gregos pagãos. Ele aparece no calendário Romano após o tempo de Teodósio, ou depois de 391 D. C., mas a semana, ou período de sete dias, aparece inicialmente na lei Romana em uma constituição de Constantino, promulgada em 321 D. C. Ela aparece no Código de Justiniano.

A divisão de sete dias do mês que é, obviamente, do ponto de vista do calendário, um método de divisão bastante complicado, veio dos antigos Hebreus, cujo Sábado, caindo em cada Sábado, cedo se tornou um período de descanso. A palavra Sábado significa, provavelmente, o “divisor”. Os primeiros Cristãos, como Paulo, por exemplo, não pensavam ser necessário que as diversas comunidades Cristãs observassem o Sábado Judaico. Normalmente, entretanto, aquelas compostas por Judeus o observava. Nos primeiros dois séculos da nossa era eles desenvolveram o costume de observar o Dia do Senhor com oração e refeição em comum, e fora isso, o dia Judaico de descanso resultou na nossa prática de observar o Domingo.

Fiquei muito satisfeito em poder servi-lo.

Sinceramente,

W. H. Westerman

18 de dezembro de 1914

Rev. D. M. Canright

Grand Rapids, Mich.

Caro Senhor: Responderei novamente suas perguntas na ordem em que me foram apresentadas.

1. Na Constituição de Constantino, de 321 D. C., que falava do “venerável dia do sol”, Constantino considera o Domingo como venerável indubitavelmente a partir do ponto de vista Cristão. Ele era assim considerado pelos Cristãos, desde o segundo século, como o dia da Ressurreição. Ele seria, portanto, venerável para Constantino, que já havia legalizado a religião Cristã. Se o Domingo era de alguma forma venerável, ou um feriado para os pagãos, na medida em que vai a minha fonte de informação, os pagãos devem ter adotado a prática a partir dos Cristãos.

2. Apolo não era adorado em um dia determinado da semana ou do mês mais do que em qualquer outro dia.

3. Não creio que exista alguma prova de que os primeiros Cristãos tenham sido levados a observar o Domingo pelo exemplo de alguma adoração pagã que havia naquele dia. Na verdade, penso que as declarações de Tertuliano, citadas por você, do Capítulo XVI de sua “Apologia”, serve para nos mostrar que os pagãos não adoravam o sol naquele dia, e não o contrário disto.

Sinceramente,

W. H. Westerman

O testemunho combinado dessas duas destacadas autoridades é decisivo. Nem os pagãos Romanos ou os Gregos tinham qualquer dia semanal de descanso do trabalho, ou qualquer festival semanal ou qualquer dia semanal para adoração. Eles não faziam uso de uma semana de sete dias para qualquer propósito. O professor Moore diz que ela não tinha uso na vida cotidiana. Notem ainda mais: a antiga semana astrológica de sete dias não possuía um dia de descanso. A ideia de um dia de descanso semanal era desconhecida para

os pagãos Romanos e Gregos até que eles a assimilaram dos Judeus e Cristãos séculos depois de Cristo. O edito de Constantino, 321 D. C., foi a primeira vez em que a semana de sete dias foi reconhecida na lei Romana. Toda a história concorda com isso e é um fato decisivo mostrando que, até aquela data, os Romanos não tinham feito uso da nossa semana de sete dias, e, portanto, não tinham e nem podiam ter observado o Domingo como um dia de descanso. Não existia ideia religiosa conectada com a nomeação dos dias derivada dos nomes dos planetas, como o Domingo do sol (Sunday), a Segunda da lua (Monday), etc.

Todos esses quatro especialistas em história antiga concordaram em responder às perguntas sem que nenhum deles soubesse que elas estavam sendo submetidas aos outros. Ainda assim todos os quatro concordaram integralmente em cada particular, embora distanciados amplamente em Londres, Washington, Massachusetts e Wisconsin. Tal concordância unânime definiria qualquer questão em um tribunal da lei. Acidentalmente eu me informei de que J. W. Moncrieff, A.Y., D.D, Professor Associado de História da Igreja da Universidade de Chicago, havia estudado cuidadosamente o Adventismo do Sétimo Dia, especialmente sobre esse assunto. Assim enviei a ele este capítulo para exame. Ele me escreveu como segue:

Universidade de Chicago

13 de maio de 1915.

Rev. D. M. Canright,

Apreciei muito o privilégio de ler os dois capítulos do seu próximo livro e certamente gostaria de ter um exemplar do mesmo quando for publicado. Há setenta anos atrás, quando nasceu o Adventismo do Sétimo Dia, quando as pessoas possuíam uma quantidade de informação muito escassa em relação aos antigos, e mesmo quando o grande Dicionário de Samuel Johnson continha a declaração de que “A divisão do tempo em semanas tem existido universalmente no mundo não apenas entre os civilizados, mas igualmente entre as mais bárbaras nações” (citei a partir da edição de 1819), era desculpável para os Adventistas do Sétimo Dia relacionarem a nossa observância do Domingo com a observância do Domingo pelos pagãos Romanos. Mas nos últimos cinquenta anos uma enorme quantidade de pesquisa da vida antiga foi realizada por historiadores confiáveis e competentes; e quando, em uma única voz, proclamam ser um puro e simples mito a noção anteriormente sustentada, sem nenhum apoio em fatos bem apurados, já é tempo de alguém trazer esses fatos, que se encontram em cada enciclopédia padrão recente nos artigos sobre “Calendário” e “Semana”, para as mentes dos desinformados que são confundidos por uma doutrina totalmente em desacordo com os fatos históricos recentemente apurados. Consultei dezesseis enciclopédias e dicionários, e eles não diferem em nenhum detalhe essencial no seu tratamento sobre o assunto.

Sinceramente,

J. W. Moncrieff

Vemos que o historiador concorda plenamente com os quatro precedentes. Tendo dado especial atenção para este assunto em particular, seu testemunho é de grande valor para confirmar os outros.

Consultei uma graduada da Universidade Estadual de Michigan, que fez uma especialização sobre ensino da história Romana por quatro anos na escola superior. Perguntei se os Romanos tinham qualquer dia de descanso ou dia de adoração semanal, e ela respondeu: “Não”, e me deu o “Roman Festivals”, de Fowler, como seu livro-texto. Dois professores universitários me indicaram este mesmo livro; logo é uma boa fonte autorizada. O prefácio, pág. 7, diz: “Uma semana de oito dias foi introduzida em um período inicial”. Observem, eram oito dias, e não sete; e o oitavo dia era simplesmente um dia de mercado, não um dia de adoração. São descritos amplamente um grande número de festivais, mas não existe em todo o livro nenhuma referência a qualquer dia de descanso, ou dia de adoração no Domingo. Se houvesse existido tal dia de descanso, o autor certamente o teria listado.

Os Romanos, séculos após Cristo, assimilaram a semana de sete dias parcialmente da astrologia Egípcia e parcialmente dos Cristãos e Judeus. O “Standard Dictionary”, artigo “Week” (Semana), diz: “Ela não foi introduzida no calendário Romano até depois do reinado de Teodósio, no quarto século”.

O “Universal Dictionary of the English Language”, artigo “Week”, diz: “Durante os primeiros séculos da sua história, os Gregos e Romanos não tinham a instituição da semana”.

Webster's Dictionary, artigo "Week", diz: "A semana não entrou no calendário dos Gregos, e não foi introduzida em Roma até depois do reinado de Teodósio".

Constantino morreu cerca de quarenta anos antes de Teodósio começar a reinar. Assim, ao tempo em que Constantino emitiu sua lei Dominical, em 321 A. D., seus súditos pagãos não utilizavam a semana de sete dias, e, conseqüentemente, não poderiam ter guardado o primeiro dia da nossa semana até terem sido ensinados dessa forma pelos Cristãos e obrigados pela lei de Constantino.

Prof. A. Rauschenbusch, do Seminário Teológico de Rochester, cita Lotz: "É inútil tentar provar que os Gregos e Romanos tinham algo que se assemelhasse ao Sábado. Tal opinião é refutada até mesmo pelo fato de os escritores Romanos ridicularizarem o Sábado por ser um costume peculiar aos Judeus". Como prova ele cita muitas passagens dos poetas Romanos e uma de Tácito. Sêneca também condenou a observância do Sábado dos Judeus como sendo uma perda de tempo, pela qual uma sétima parte da vida seria desperdiçada (Sábado ou Domingo, pág. 83).

Herzog diz: "Não pode ser indicada nas religiões pagãs nenhuma celebração religiosa especial em qualquer dia da semana," (artigo "Sabbath").

O renomado Max Muller, em "Chips from a German Workshop", vol. V, pág. 116, diz: "É bem conhecido que os nomes dos sete dias da semana são derivados dos nomes dos planetas, e é igualmente bem sabido que na Europa o sistema das semanas e dias da semana é comparativamente de origem bem moderna. Ele não foi uma invenção Grega, nem Romana ou Hindu, mas sim Judaica ou Babilônica".

O Pai Cristão primitivo, Tertuliano, 320 A. D., apresenta um testemunho decisivo de que os pagãos não possuíam um festival semanal e não guardavam o Dia do Senhor junto com os Cristãos. Reprovando os Cristãos por participarem de festas pagãs, ele diz: "Oh, mais verdadeira a lealdade dos pagãos à sua própria religião, que não tomam para si nenhum rito dos Cristãos. Não temos medo senão de sermos abertamente declarados como pagãos! Se tu tens que ter alguma indulgência para com a carne, que não a tenhas para muitos dias, como eles, ou ainda mais, pois as festas pagãs são de apenas um dia em cada ano, e a tua sobre cada oitavo dia. Ajuntem as muitas festas solenes dos pagãos e as coloquem em ordem; elas não serão capazes de compensar um Pentecoste" (Ante-Nicene Lib., vol. XI, pág. 162-163).

Destaco que ele disse que os pagãos não tinham uma festa ligada ao Dia do Senhor, nem ao o Pentecoste, e que as festas pagãs aconteciam apenas "uma vez por ano", não a cada semana, como o Dia Cristão. Ele diz que todas as suas festas, se tomadas em conjunto, não seriam de valor igual ao Pentecoste. Esta é uma afirmação decisiva de que os pagãos não possuíam um dia de festa semanal, nem tampouco tinham uma festa no mesmo dia em que tinham os Cristãos, a saber, o Dia do Senhor.

New Universal Encyclopedia, de Johnson, artigo "Week", diz: "Os Gregos dividiam os meses em períodos de dez dias, e os Romanos juntaram os dias em períodos de oito dias. Para ambos o primeiro dia de um período era um dia de mercado, no qual as pessoas do campo vinham para a cidade e se envolviam em negócios e na vida pública. O período de sete dias, a semana propriamente dita, foi apresentada aos Romanos e aos Gregos parcialmente pela Cristandade, e parcialmente pela astronomia Egípcia". Isto destrói a teoria de que a guarda do primeiro dia da nossa semana Cristã chegou aos Cristãos por meio dos Romanos pagãos. Exatamente o oposto é verdadeiro. Os Judeus e Cristãos ensinaram isso aos pagãos Romanos.

Schaff, em seu "Church History", diz: "Os pagãos Romanos não tributavam mais consideração ao Domingo Cristão do que ao Sábado Judaico".

A "Encyclopedia Americana", artigo "Week", diz: "Tanto os Romanos quanto os Gregos dividiam os meses em períodos e não se familiarizaram com a semana até uma época tardia. Os Romanos tinham, contudo, um ciclo de oito dias para usos civis, como a organização dos dias de mercado, o nono sendo o dia recorrente, ao invés do oitavo, como ocorre conosco".

Tenho diante de mim um livro de 160 páginas intitulado "Sunday is the Christian Sabbath, or Lord's Day", de M. H. MacLead, Pueblo, Colo. Esta é a obra mais exaustiva e erudita que já encontrei sobre a história da questão do Domingo nos primeiros quatro séculos. O autor cita cuidadosamente um grande número de altas autoridades mostrando que os pagãos Romanos e Gregos não possuíam nenhum dia semanal de descanso ou de adoração em qualquer dia da semana. Sobre o assunto de dias pagãos de descanso, ele diz: "Dei a isso uma consideração intransigente. Não foi sem um estudo profundo da matéria que ousei dar até mesmo para mim uma negação definitiva e imutável para qualquer verdade na afirmação". O que os antigos Egípcios, Babilônicos ou outras nações antigas acreditavam ou faziam não têm nada a ver com a nossa

questão. Os Adventistas declaram que o Domingo, como um dia de descanso e adoração, veio para a Igreja por meio da Roma pagã. Consequentemente, esta é questão a se resolver. O simples fato de o Domingo (Sunday) ter sido nomeado a partir do sol (sun), dedicado ao sol ou consagrado ao sol, não fornece a mínima evidência de que o povo parava de trabalhar neste dia.

Cada dia da semana foi nomeado a partir de alguma suposta deidade e foi consagrado a esse deus. “The World's Standard Dictionary” diz: “Monday (segunda), o dia consagrado à lua (moon)”. Adoravam os pagãos a lua nesse dia? Paravam de trabalhar nesse dia? Saturday (Sábado) era o dia de Saturno, consagrado a Saturno. Eles descansavam nesse dia? Igualmente para todos os demais dias da semana. Se eles descansassem em cada dia nomeado segundo algum deus, quando iriam trabalhar? O Domingo não era mais sagrado do que qualquer outro dia e os pagãos não reverenciavam a nenhum dia mais do que o outro.

Tão plena é a evidência sobre o assunto que alguns dos mais bem instruídos Adventistas admitiram que os pagãos não descansavam do trabalho no Domingo. Assim o Ancião J. H. Waggoner fala sobre a lei Dominical de Constantino: “Embora o venerável dia do sol tenha sido longamente, bem longamente, venerado por eles e seus ancestrais pagãos, a ideia de descanso do trabalho secular em sua adoração era inteiramente nova” (Replies to Elder Canright, pág. 130). Anotem esta confissão, pois ela desfaz o pilar principal de seu argumento no esforço para provar que a guarda do Domingo foi tomada dos pagãos. Os pagãos nunca guardaram o Domingo. Foi uma ideia nova para eles, quando lhes foi exigido parar de trabalhar naquele dia! E de onde eles obtiveram essa nova ideia? Do imperador, que pouco antes professou o Cristianismo. Este a obteve dos seus irmãos Cristãos, que sempre o tinham guardado! Vejam a insensatez da argumentação de que os pagãos ensinaram os Cristãos a guardarem o Domingo, quando os próprios pagãos jamais o haviam guardado.

Aqui está outra confissão:

Ancião L. R. Conradi, Adventista do Sétimo Dia, autor de History of the Sabbath, edição de 1912, em uma carta endereçada a mim, enviada de Hamburgo e datada 9/Fev/1914, diz: “Um dia de descanso semanal do trabalho, e apenas dedicado à adoração divina, era desconhecido no paganismo e somente conhecido entre o povo de Israel”.

Em resposta à minha pergunta “Os pagãos Romanos guardavam o Domingo como um dia religioso?”, ele responde: “Nós nunca afirmamos isso. A ideia de guardar um dia significa, na época presente, descansar do trabalho e dar tempo apenas para adoração, mas isso os pagãos nunca fizeram. Eles apenas faziam orações ao deus-sol e então seguiam o seu trabalho regular”.

Temos aqui dois testemunhos dos próprios Adventistas do Sétimo Dia confessando que os pagãos não possuíam dia semanal de descanso do trabalho normal. É claro que eles não poderiam dizer outra coisa, pois toda a história diz o mesmo. Logo a questão fica estabelecida além da discussão.

“Admissão em favor da verdade, vindo das fileiras de seus antagonistas, constitui-se do mais elevado tipo de evidência”. Essas confissões vindas de dois Anciãos Adventistas define a questão, como qualquer pessoa sincera pode ver.

O Ancião Conradi, acima citado, fala sobre os pagãos: “Eles apenas faziam orações ao deus-sol, e então seguiam o seu trabalho regular”. Aqui ele assume que os pagãos faziam do Domingo um dia especial de adoração, ao fazerem orações para o deus-sol. Ele afirma algo para o qual não existe nenhuma partícula de prova. Não se faziam orações aos deuses pagãos no Domingo mais do que no Sábado ou em qualquer outro dia. Ele não pode produzir uma lasca de prova para tal afirmação. As citações dadas acima por historiadores de diversas universidades negam amplamente aquilo que ele afirma sem qualquer prova. Todos os pagãos deixavam suas casas a cada Domingo e iam para seus templos oferecer orações? Não. Eles não tinham encontros de qualquer espécie nesse dia, nem em algum outro dia da semana. Em algumas ocasiões especiais, como um nascimento ou recuperação de alguma enfermidade; para afastar algum mal temido ou para algum festival anual as pessoas iam e ofereciam incenso ou dádivas para os deuses. Isso era tudo. Não havia nenhum dia periódico na semana para quaisquer oferendas de dádivas ou orações. Os Adventistas inventaram um Domingo pagão de descanso e adoração que nunca existiu.

Nenhuma nação pagã da atualidade guarda o Domingo. A grande nação chinesa, contando com centenas de milhões, não guarda nenhum dia. O Ancião W. A. Westworth, Adventista do Sétimo Dia, em Battle Creek, Mich., Daily Journal, 18/Mai/1914, diz: “Percorri 24.000 quilômetros no interior da China visitando nossas bases. Os chineses não possuem semana, ou qualquer dia da semana, que guardam como descanso semanal”. O mesmo é verdadeiro para os japoneses, 67.000.000; os coreanos; os milhões de pagãos na

África, etc. Então temos os Muçulmanos, contando 200.000.000 que descansam na Sexta, e todos trabalham no Sábado e no Domingo. Eles copiaram a ideia de um dia de descanso semanal dos Judeus e Cristãos, no sétimo século depois de Cristo. A Índia possui uma população de 315.000.000. Eles não possuem dia semanal de descanso. Toda a população da terra é de um bilhão e seiscentos milhões. Desses, apenas seiscentos milhões acreditam na Bíblia e no Cristianismo, e consequentemente respeitam nominalmente o Domingo. Logo, um bilhão – quase dois terços das pessoas do globo – não têm e nunca tiveram consideração pelo Domingo ou pelo Sábado. Todos neste globo, que agora ou em algum outro tempo descansam no Domingo, aprenderam isso dos Cristãos. Por conseguinte os Cristãos nunca poderiam ter aprendido com os pagãos, pois nenhum deles jamais guardou o Domingo.

Os que observam o sétimo dia declaram repetidamente que o Domingo para os pagãos era sempre um dia de festa popular; um dia para ajuntamento religioso e adoração pagã, para festividade, ou, talvez, trabalho para alguns. Os testemunhos acima, vindo de numerosos autores confiáveis, contradizem justamente tais declarações.

Ouçam agora os Adventistas. A respeito dos Domingos, eles dizem: “São dias de ajuntamento logo cedo, então param seu deleite e o labor... Muito de seus (de Constantino) súditos pagãos reverenciavam o mesmo dia como um dia de oração em honra ao sol”. Novamente: “O efeito de juntar os pagãos em sua devoção no Domingo era derrubar as ordenanças que Deus tinha colocado” (History of the Sabbath, ed. 1912, pág. 373, 384, 385, 363).

Aqui temos outra: “Os bispos rapidamente adotaram o dia de festival pagão mais popular (Domingo), de modo a ganhar o favor dos pagãos... A observância do Domingo era em si mesma a prática que foi trazida para a Igreja pelos convertidos do paganismo... Domingo, o selvagem feriado solar de todos os tempos pagãos” (Fathers of the Catholic Church, de E. J. Waggoner, pág. 324, 326, 328).

Aqui temos uma de um Batista do Sétimo Dia, Rev. A. H. Lewis, em “History of the Sabbath and Sunday”, pág. 70: “Domingo: já um festival entre os pagãos... O dia do sol havia sido por muitos séculos um principal festival semanal pagão” (pág. 521).

O Ancião Andrews, em Testimony of the Fathers, pág. 26, 34, 43, diz: “O povo Romano observava um festival no primeiro dia da semana... O dia comumente honrado como festival pelos Romanos”.

Essas são apenas amostras daquilo que é repetido exaustivamente pelos opositores do Dia do Senhor.

Tais afirmações são feitas não apenas sem provas, mas diretamente de forma contrária a todo testemunho confiável, como citamos acima. Não existia absolutamente nada como isso entre os Romanos ou Gregos.

O Ancião Waggoner diz: “O Domingo é em todos os aspectos uma instituição pagã” (Replies to Canright, pág. 133). Vamos ver.

Quais são os aspectos do Domingo, da forma como guardado pelos Cristãos?

- 1) Todo o trabalho secular é interrompido.
- 2) As pessoas se vestem e vão à igreja.
- 3) Hinos são entoados.
- 4) Orações são oferecidas.
- 5) As Escrituras são lidas.
- 6) É pregado um sermão.
- 7) É feita uma coleta.
- 8) É celebrada a Ceia do Senhor.
- 9) É pronunciada uma Bênção.

Esses são os aspectos da observância Cristã do Domingo. Waggoner diz que em cada aspecto ele é pagão! Quantos desses aspectos podem ser encontrados no dia pagão? Absolutamente nenhum. Eles nem mesmo paravam de trabalhar naquele dia, como ele próprio disse acima. Não é essa afirmação temerariamente falsa?

Poderiam os pagãos Romanos terem dado aos Cristãos esses aspectos de observância do Domingo quando eles mesmos nunca os tiveram? Isto é absurdo, mas os Adventistas acreditam e ensinam todas essas coisas como sendo realidade, enquanto toda evidência fidedigna mostra que são absolutamente falsas.

As citações históricas confiáveis, claras e unânimes fornecidas neste capítulo comprovam além da dúvida que os pagãos Romanos nunca tiveram qualquer consideração religiosa pelo Domingo; nunca tiveram a semana de sete dias na vida comum; em seu calendário ou em sua vida civil ou em leis religiosas. A primeira deferência que eles tributaram ao Domingo foi em obediência à lei de Constantino, o primeiro imperador Cristão.

Pelo fato de um dia ser chamado de Sunday (Domingo), ou sun's day (dia do sol), e pelo fato de os antigos Babilônicos e outros adorarem o sol, os Adventistas sempre presumem e declaram que o Domingo era especialmente dedicado à adoração do sol. Deste modo um escritor diz: “A adoração do sol é uma das mais antigas e mais universais formas de idolatria, e o Domingo era o dia especial honrado pelo adorador do sol”. Outro escritor diz: “O próprio nome Sun-day (dia do sol, Domingo) é um testemunho permanente de que era o dia de adoração do sol”. Isto ocorre simplesmente na sonoridade dos nomes, nada mais; o que for além disso não possui qualquer fundamento em fatos.

O pressuposto é totalmente infundado. Cada dia da semana foi nomeado a partir do nome de algum astro celeste, como Sunday (Domingo) de sun (sol); Monday (Segunda) de moon (lua); Saturday (Sábado) de Saturn (Saturno), etc. Supunha-se que a primeira hora de cada dia era governada pelo astro daquele dia. Isso foi puramente uma invenção astrológica para propósitos civis e não possuía qualquer significado religioso; nenhuma ideia de adoração estava conectada com o nome de qualquer um desses dias. Adoração religiosa não tem nada a ver com a nomeação dos dias. A concepção foi pura e unicamente astrológica. Desse modo a New Universal Encyclopedia, de Johnson, artigo “Week” (Semana), diz: “Isso era encontrado como uma instituição civil nos tempos mais primevos entre os Hindus, Persas, Assírios e Egípcios. Os Judeus, porém, eram a única nação na qual a semana possuía um significado religioso”. Do mesmo modo as respostas dos historiadores citados acima concordam unanimemente que os nomes dos dias são puramente astrológicos, não religiosos. Adoração do Sun (sol) não possui qualquer conexão com Sunday (Domingo), não mais do que qualquer outro dia.

CAPÍTULO VI

EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DE QUE O NOSSO DIA DO SENHOR ERA OBSERVADO DESDE O TEMPO DOS APÓSTOLOS.

Apresentaremos agora evidências históricas comprovando que a observância do primeiro dia da semana, como um dia de adoração, era universal entre os Cristãos nos dias imediatamente seguintes aos apóstolos. Se a observância do Domingo existia naquela época, então ela não se originou várias centenas de anos depois com Constantino ou com o Papado. Começaremos bem no início, logo depois do fechamento do Novo Testamento.

CARTA DE PLÍNIO, 107 D. C.

Plínio era governador da Bitínia, Ásia Menor, 106-108 D. C. Ele escreveu em 107 D. C. para Trajano, o Imperador, a respeito dos Cristãos, dessa forma:

“Eles estavam acostumados a se reunirem em um dia determinado, antes que clareasse, e cantavam entre eles alternadamente um hino à Cristo como Deus... Era seu costume separarem-se e então voltarem a se juntar novamente onde essas coisas aconteciam, para uma refeição que comiam em conjunto sem qualquer desordem” (Horne's Introduction, Vol. I, Cap. III, Sec. 2, pág. 84, 129).

É evidente que esse dia era o Domingo, pois:

- 1) Eles se juntavam para adorar a Cristo.
- 2) Eles se reuniam para comer juntos uma refeição, a Ceia do Senhor.

O “dia determinado” para isso era o Domingo. “E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão” (Atos 20:7). Isso é exatamente um paralelismo com a declaração de Plínio.

Eusébio, o historiador, 324 D. C., diz: “Penso que ele (o Salmista) descreve as reuniões matutinas nas quais estamos acostumados a nos reunir através do mundo... Por meio disso é profeticamente representado o culto que é celebrado bem cedo e a cada manhã do dia da ressurreição, através de todo o mundo” (Sabbath Manual, pág. 126).

Isso é exatamente o que Plínio diz: Eles se ajuntavam “em um dia determinado, antes que clareasse”; eles se reuniam para comerem juntos uma refeição. Eusébio diz que era costume de todos os Cristãos “reunirem-se bem cedo e a cada manhã do dia da ressurreição”. Isso deveria determinar o dia, e o faz. Na indicação de Plínio o dia era Domingo. Isso aconteceu na mesma região em que os apóstolos trabalharam, e apenas onze anos após a morte de João. O “Advent History of the Sabbath”, edição de 1912, é levado a admitir que a observância do Domingo estava presente na Igreja Cristã no início do segundo século. O autor diz: “Os resultados da nossa investigação com respeito a origem do Domingo mostram que ele não foi introduzido na Igreja Cristã até o início do segundo século” (pág. 450). Esta é exatamente a data quando Plínio escreveu, imediatamente após a morte do último apóstolo.

BARNABÉ, 120 D. C.

A epístola era grandemente apreciada nas igrejas primitivas, lida em algumas delas como se fosse parte das Escrituras, e é encontrada nos manuscritos mais antigos das Escrituras, a saber o Códex Sinaiticus. Não pode ser posto em dúvida que ela foi escrita por um homem piedoso, erudito e influente.

A New Universal Encyclopedia, de Johnson, diz: “Ela é frequentemente citada pelos Pais, e era por muitos considerada como possuindo autoridade na Igreja; alguns até mesmo reivindicando para ela um lugar no cânon sagrado”.

Eis um resumo da melhor crítica moderna quanto à data, caráter e autoridade da epístola de Barnabé. Lida e reverenciada na Igreja, quase contemporânea com os próprios Evangelhos, cerca de 120 D. C., ou seja, dentro dos vinte e quatro anos seguintes à morte de João. Ela mostra aquilo que os Cristãos acreditavam e praticavam imediatamente após os apóstolos. Na epístola lemos:

“Até o incenso é uma vã abominação para mim, e as suas luas novas e Sábados eu não posso suportar. Ele, portanto, aboliu estas coisas” (Capítulo II).

O Ancião Andrews admite que “naquele momento ele afirma a supressão do Sábado do Senhor” (Testimony, etc., pág. 22). Chegando ao primeiro dia da semana, Barnabé diz:

“Por isso também guardamos com júbilo o oitavo dia; o dia, também, no qual Jesus ressuscitou da morte” (Capítulo XV).

Notem este fato: todos admitem que a epístola de Barnabé existia no início do segundo século, ou não depois da metade deste. Naquela época as Igrejas supunham que a epístola havia sido escrita como parte do Novo testamento. Ela está na mais antiga cópia da Bíblia logo depois de Apocalipse. Ela declara em termos bem claros que o Sábado Judaico foi abolido e que os Cristãos guardam o dia da ressurreição. Agora, iriam as Igrejas, semana após semana, ler tal afirmação como sendo inspirada, e então não guardar o Domingo? Isto não é razoável. Consequentemente o livro mostra aquilo que os Cristãos acreditavam e praticavam naquela data, 120 D. C.

Os Adventistas, entretanto, dizem que essa escritura foi uma falsificação. Ela não era tal coisa. Não existe uma palavra em toda a escritura reivindicando que o autor tenha sido o apóstolo Barnabé. Nenhum nome está ligado a ela, nem existe qualquer afirmação de que tenha sido escrita por um apóstolo. Por alguma razão, não conhecida atualmente, ela veio a ser atribuída a Barnabé. O livro de Hebreus não possui nome para si; supõe-se que Paulo o tenha escrito e aceitamos isso com naturalidade, mas alguns duvidam, e não pode ser comprovado. Deveríamos rotular a carta de Hebreus como uma falsificação? Só se for do mesmo modo como chamar a epístola de Barnabé uma falsificação.

De uma vez por todas vamos declarar aqui o principal argumento do qual dependem os Adventistas para invalidar o testemunho de todos os primeiros Pais em favor do Dia do Senhor. Eles tentam mostrar que Barnabé, Justino Mártir, Orígenes, etc., sustentavam alguns conceitos que nenhum de nós acreditamos agora. Como consequência o seu testemunho não deveria ser confiável. Eles repetem e repetem este argumento ampla e exaustivamente no caso de cada escritor primitivo que testemunhe do Domingo. Contudo, aconteceu que um de seus escritores, o Ancião J. H. Waggoner, quando foi o caso de se adequar ao seu propósito, ele mesmo replicou contra esse argumento. A respeito dos Reformadores, ele diz: “Pensamos que os Reformadores mantiveram um grave erro em sua formação inicial; mas isto não invalida o seu testemunho em relação à matéria de fato com a qual estavam bem familiarizados” (Replies to Canright, pág. 164).

Agora apliquemos o mesmo conceito aos primeiros Pais. Eles viveram lá naquela época e declararam muitas e muitas vezes, todos concordando com o mesmo fato, a saber, de que eles mesmos e todos os Cristãos da época observavam o Domingo. Esta era uma simples matéria de fato com a qual eles estavam bem familiarizados. Waggoner diz que tal testemunho é confiável. É claro que é. Ele prova além de qualquer dúvida que o Dia do Senhor era uma prática inquestionável da Igreja primitiva. Nós não citamos os Pais para comprovar a doutrina, pois para isso vamos apenas à Bíblia. Nós os citamos para provar um simples fato histórico, a saber, que os Cristãos primitivos guardavam o Domingo, e por isso a prática não poderia ter começado séculos depois com os Papas.

O ENSINO DOS APÓSTOLOS (DIDAQUÊ), 125 D. C.

Ele não foi escrito pelos apóstolos, ainda que sua data seja bem antiga, em alguma época próxima a 80 D. C.

O professor Harnack, de Berlim, o coloca em muitos lugares entre 90 D. C. e 120 D. C. Esta é a data mais estimada; não pode ser muito posterior. O New York Independent fala sobre ele: “Por todos os aspectos é o mais importante escrito exterior ao Novo Testamento”. Prof. D. E. Dungan, Presidente da Drake University, diz: “É evidente que ele não está distante da morte do apóstolo João”. O notável erudito, Rev. Wilbur F. Crafts, em seu Sabbath for Man, pág. 383, diz que ele foi “escrito, como os melhores estudiosos concordam quase unanimemente, não depois de quarenta anos após a morte do último apóstolo e durante o tempo de vida de muitos que haviam ouvido o ensino de João”.

No prefácio para este importante documento, os editores, Professores Hitchcock e Brown, do Union Theological Seminary, New York, dizem: “A genuinidade do documento dificilmente pode ser questionada... O documento indubitavelmente pertence ao segundo século, possivelmente datando de 120 D. C., dificilmente posterior a 160 D. C.” (Introdução).

O capítulo quatorze do Ensino dos Apóstolos, diz: “...mas, em cada Dia do Senhor, reuni-vos, para partirdes o pão e dardes graças”.

Neste testemunho está claro e decisivo que naqueles dias primevos o Dia do Senhor era o dia estabelecido de adoração.

JUSTINO MÁRTIR, 140 D. C.

Cito a partir do The Testimony of the Fathers, do Ancião Andrews: “A Apologia, de Justino, foi escrita em Roma cerca do ano 140... e isso em um intervalo de apenas quarenta e quatro anos da data da visão de João em Patmos... Não parece que Justino, e aqueles em Roma que se juntavam a ele na doutrina, tributavam a mais leve consideração pelo antigo Sábado. Ele fala do mesmo como tendo sido abolido, e o trata com desprezo” (pág. 33).

Esta é a confissão que até mesmo o historiador dos Adventistas do Sétimo Dia é obrigado a fazer. O Sábado Judaico era desconsiderado pelos Cristãos no período de quarenta e quatro anos posteriores à morte do último apóstolo, e isso é provado pelo testemunho de um eminente ministro Cristão que viveu naquela época.

Justino, em sua Apologia escrita para o imperador, descreve amplamente aquilo que os Cristãos de então geralmente sustentavam, exatamente como ele mesmo devia ter praticado. O Ancião Andrews transmite a impressão de que Justino representava apenas uma pequena parcela de Cristãos apóstatas em Roma, e que ele é totalmente não confiável. Mas os fatos demonstram justamente o oposto. Ele era um grego, nascido na Palestina, e manteve o seu “Diálogo com Trifão” em Éfeso, Ásia Menor, na igreja onde João viveu e morreu; o próprio centro da Igreja Oriental, e apenas quarenta e quatro anos após a morte de João. De Justino, diz a Encyclopedia Americana: “Um dos escritores mais antigos e eruditos da Igreja Cristã... Ele também era igualmente zeloso na oposição aos considerados heréticos”. A Schaff-Herzog Encyclopedia, diz: “Nessas obras Justino professa aos seus contemporâneos o sistema de doutrina sustentado por todos os Cristãos, e busca ser ortodoxo em todos os pontos principais... A única diferença que ele reconhece existir entre os Cristãos está relacionada com o milênio. Deste modo, Justino é uma testemunha incontestada da unidade da fé na Igreja em seus dias, e do fato de que o tipo gentilico de Cristandade prevaleceu”.

Observe cuidadosamente: naquela data, 140 D. C., a única diferença doutrinária que existia entre os Cristãos era sobre o milênio. Então todos eram unânimes em guardar o Domingo, como Justino diz ser o dia que todos guardavam, como veremos em breve.

“Eusébio diz que ele obscureceu todos os grandes homens que iluminaram o segundo século pelo esplendor do seu nome”. Seus escritos são “os mais importantes do segundo século que chegaram até nós” (McClintock and Strong's Encyclopedia, art. “Justin Martyr”).

Doutor Schaff fala dele: “Após sua conversão, Justino devotou-se totalmente à defesa da religião Cristã como evangelista itinerante, sem residência fixa” (Church History, vol. I, pág. 482). Não apenas os seus livros eram aceitos sem questionamento, como expressando a prática da Igreja, mas também a sua vida itinerante, primeiro na Palestina e depois em Roma, Grécia e Éfeso, capacitou-o a conhecer a prática e selar seu testemunho com uma força igual à sua manifestação. Justino, portanto, é uma testemunha irrepreensível da fé e prática dos Cristãos comuns que viviam poucos anos após a morte dos apóstolos. Agora ouçam o que Justino fala a respeito do primeiro dia da semana:

“E no dia chamado do sol (Sun-day, Domingo), todos os que vivem nas cidades ou nos campos se reúnem em um só lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, tanto quanto o tempo permite. Então, quando o narrador termina, aquele que preside instrui e exorta verbalmente a todos a imitarem essas boas coisas. Então todos nos levantamos juntos e oramos, e, como já dissemos antes, quando a nossa oração é concluída, pão, vinho e água são trazidos; e o que preside oferece com fervor orações e ações de graças, de acordo com a sua capacidade, e o povo consente, dizendo, 'Amém'; e faz-se uma distribuição para cada um daquilo que com graças foi dado, e para aqueles que estão ausentes uma porção é enviada pelos diáconos. E aqueles que acham bem fazer, e de boa vontade, dão aquilo que pensam ser adequado, o que é coletado e depositado junto ao que preside, o qual socorre os órfãos, viúvas e aqueles que por motivo de doença ou qualquer outra causa estão em necessidade; os que estão em prisões e os estrangeiros peregrinando entre nós, e, numa palavra, todos que estão em necessidades. Mas o dia chamado do sol é o dia no qual nós todos temos nossa assembleia comum, porque é o primeiro dia no qual Deus, tendo operado uma mudança nas trevas e na matéria, fez o mundo; e Jesus Cristo, nosso Salvador, no mesmo dia ressuscitou dos mortos; pois Ele foi crucificado no dia anterior ao de saturno (Saturday, Sábado); e no dia posterior ao de saturno, que é o dia do sol, tendo aparecido aos seus apóstolos e discípulos, Ele ensinou-os essas coisas, as quais também nós entregamos para vossa consideração” (Justino – Apologia I, cap. 66-67).

Essa “Apologia” foi escrita por Justino quando os Cristãos estavam sendo terrivelmente perseguidos. Ela foi endereçada a Antônio Pio, o imperador, “e também ao sagrado senado e a todo o povo Romano, em nome daqueles de todas as nações que são agora injustamente odiados e difamados” (Eusebius, Eccl. History, Livro IV, cap. XII, pág. 139).

Foi em nome de toda a Igreja Cristã, em todo o vasto Império Romano, como ele declara manifestamente. Ela representava a prática geral da Igreja, e não simplesmente a de uma igreja local em Roma, como declararam incorretamente os Adventistas. Ela foi endereçada ao imperador Romano e ao senado, para informá-los corretamente sobre a fé e prática dos súditos Cristãos romanos. Justino foi martirizado por não sacrificar aos deuses pagãos. Observe que ele disse que “No dia chamado do sol, todos os que vivem nas cidades ou nos campos se reúnem em um só lugar... Mas o dia chamado do sol é o dia no qual nós todos temos nossa assembleia comum”. Essa prática era geral entre os Cristãos em todos os lugares que ele havia viajado, e ele era um pregador itinerante, como Moody, ou o General Booth, do Exército da Salvação.

Logo essa é uma prova positiva de que a guarda do Domingo era geral na Igreja Cristã naquela data primeva. Justino não declara simplesmente a sua opinião, mas sim uma prática existente na época, a saber, que todos os Cristãos, sejam “nas cidades ou nos campos”, em todas as nações, mantinham suas assembleias no Domingo.

Justino não chama o Domingo de “Sábado”, nem de “Dia do Senhor” (Diálogo com Trifão, cap. XXVI). Isto é rapidamente explicado pelo fato de Justino estar escrevendo para um imperador pagão, que era totalmente ignorante quanto ao significado de ambos os termos. Mas o fato puro permanece claro, positivo e inegável, de que os Cristãos tinham suas reuniões no Domingo já no intervalo de quarenta e quatro anos após o livro de Apocalipse ter sido escrito; e Justino diz que Jesus ensinou essas coisas aos apóstolos. Provavelmente os Cristãos Judeus continuaram a observar o Sábado por algum tempo, do mesmo modo que praticavam outros costumes Judaicos, mas mesmo estes também guardavam o Dia do Senhor, como será visto adiante.

Justino afirma claramente que os crentes Gentios não guardavam o Sábado. Ele diz: “Os Gentios que creram Nele, ainda que não guardem o Sábado, nem sejam circuncidados, nem observem as festas, são filhos de Deus” (Diálogo com Trifão, cap. XXVI).

Do mesmo modo acontece hoje: vá a qualquer parte do globo, e onde quer que se achem Cristãos de qualquer denominação ou nação, irá achá-los guardando o Domingo. Uns poucos Sabatistas, de origem recente, são as únicas exceções a isto. Como esse costume universal poderia surgir, se não tivesse começado na própria fundação da Igreja e pelos próprios apóstolos?

DIONÍSIO, BISPO DE CORINTO, NA GRÉCIA, 170 D. C.

Ouviremos mais dos próprios Pais, quanto a se eles guardavam o Domingo.

Dionísio, Bispo de Corinto, a Igreja que Paulo levantou e para a qual deu a ordem sobre as coletas no Domingo (1 Cor. 16:1-2), diz:

“Passamos este santo Dia do Senhor no qual lemos sua carta. Por meio da sua leitura constante seremos capazes de extrair admoestação” (Eusebius, Eccl. History, Livro IV, cap. XXIII).

Já vimos que o Dia do Senhor é o dia da ressurreição. Esse termo nunca é aplicado a qualquer dia que não seja o primeiro dia. Observe que o testemunho vem da Grécia, e não de Roma. Logo, o dia da ressurreição era um dia “santo” em 170 D. C.

Nesse capítulo Eusébio dá um relato bem extenso a respeito de Dionísio como sendo um Cristão devotado, um bispo de grande e ampla influência. Nas diversas cartas que escreveu, ele alertou a muitos contra todas as heresias.

Eusébio cita textualmente suas palavras sobre o “Dia do Senhor”, como acima. Uma vez que essas cartas foram enviadas para muitas outras Igrejas, isso mostra que o Dia do Senhor era considerado por todos como um dia santo.

BARDESANES DE EDESSA, SÍRIA, 180 D. C.

Descendo apenas dez anos mais tarde, temos o testemunho do herético Bardesanes, o Sírio, que desportou em cerca de 180 D. C. Ele pertenceu à seita dos Gnósticos, que era muito numerosa por todo o extremo oriente. Ele diz:

“Que diremos, então, a respeito daqueles de nossa raça que são Cristãos, os quais o Messias estabeleceu na sua vinda em cada país e em cada região? Pois, onde quer que seja, todos nós somos chamados pelo nome do Messias, Cristãos; e por um dia, que é o primeiro dia da semana, nos reunimos juntos” (Leis dos Países, 180 D. C.).

Notem que os Cristãos estavam amplamente espalhados “em cada país e em cada região”.

Bardesanes fala do mesmo modo como Justino Mártir, “nos reunimos juntos” no primeiro dia da semana. Esses dois testemunhos são muito semelhantes quanto ao Domingo. Justino, estritamente ortodoxo, diz que “todos nas cidades e nos campos” se reúnem no Domingo. Bardesanes, herético, diz o mesmo para todos os países do extremo oriente. A observância do Domingo era geral entre ambos, ortodoxos e heréticos. Notem aqui, também, uma refutação da ideia tão fortemente proclamada pelos Sabatistas, de que a guarda do Domingo se originou em Roma, e que lá ficou restrita por um longo tempo. O Ancião Andrews tem que admitir que os Gnósticos naquela data usavam o Domingo como um dia de adoração. Mas os Gnósticos eram enfaticamente uma seita oriental, originada na Síria, e era mais numerosa em Alexandria, Ásia Menor e no oriente.

Roma nunca teve qualquer domínio sobre eles. O próprio Bardesanes viveu em Edessa, na Mesopotâmia, 4.500 quilômetros a leste de Roma, em outro continente, em outra nação. Essa seita já era numerosa no leste em cerca de 150 D. C., ou cinquenta e cinco anos após a morte de João. Logo nós temos a guarda do Domingo não apenas em Roma, mas por todo o leste, em cerca de 150 D. C., centenas de anos antes de ter existido qualquer “Papa” em Roma.

Não pode ser encontrada nenhuma exceção a isso, seja em ortodoxos ou heréticos. Todos observavam o Dia do Senhor. Até mesmo os Sabatistas são obrigados a admitir tal fato. O Ancião Andrews, diz: “Os Pais que reverenciavam o Sábado, o faziam geralmente associado com este a festa denominada por eles de Dia do Senhor” (Testimony of the Fathers, pág. 11). Sim, enquanto uns, por algum um tempo, guardavam o Sábado, ainda assim mesmo estes, em todos os casos, também guardavam o Dia do Senhor.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, EGITO, 194 D. C.

Clemente foi um dos mais celebrados Pais Cristãos. Ele escreveu em cerca de 194 D. C., e diz: “Ele, em cumprimento do preceito, guarda o Dia do Senhor quando abandona uma má disposição e assume o mal do Gnóstico, glorificando em si mesmo a ressurreição do Senhor” (Livro VII, Capítulo XII).

Será visto aqui e adiante que o Dia do Senhor é o dia da ressurreição. Clemente não viveu em Roma, mas no Egito. Desse modo a guarda do Domingo não era simplesmente um costume Romano, como proclamam os Adventistas.

Os Adventistas procuram desacreditar o testemunho de Clemente sobre o Dia do Senhor, dizendo que ele foi influenciado pela filosofia Grega, tal qual ensinada por Platão, Sócrates, etc. Mas isto é rapidamente

contestado pelo fato de que nem os Gregos em geral, nem quaisquer outros filósofos, jamais praticaram ou ensinaram qualquer observância do Domingo. Eles jamais tiveram qualquer conhecimento sobre um dia semanal de descanso ou de adoração. O calendário semanal era desconhecido por eles, até serem ensinados a respeito disso pelos Cristãos em uma data posterior (ver Capítulo V).

Portanto, seja o que for que Clemente e a Igreja de Alexandria tenham assimilado dos filósofos Gregos, não adquiriram deles do Dia do Senhor. Quando adotaram o Cristianismo, eles aceitaram o Dia do Senhor como uma parte dele. O Gnosticismo pagão não conhecia nada a respeito de qualquer dia semanal de descanso, e, portanto, o Cristãos Gnósticos não poderiam ter adquirido o Dia do Senhor dos Pagãos Gnósticos.

TERTULIANO, DA ÁFRICA, 200 D. C.

Tertuliano foi um dos primeiros Pais mais notáveis. Ele nasceu em 160 D. C.; era altamente educado, versado na lei e muito talentoso. Criado por um pagão, ele se converteu à Cristo e desde então se opôs veementemente contra o paganismo. Radicalmente severo em seus princípios, opôs-se a toda conformidade com o mundo. A lassidão da Igreja Romana o levou a separar-se dela e a combateu acaloradamente. Portanto, ele não era um Romanista, e tampouco Roma teve qualquer partícula de influência sobre ele, a não ser a de fazê-lo voltar-se para longe dela. Ele era estritamente ortodoxo na fé e no amor pelas Escrituras. Assim, se fosse verdade que a guarda do Domingo havia sido introduzida na Igreja por Roma, como uma instituição pagã, Tertuliano é exatamente o homem que teria se oposto e condenado destemidamente a prática.

A Cyclopedia, de Johnson, diz dele: “Um dos maiores homens da Igreja antiga”. Ele se uniu à seita puritana dos Montanistas. Estes eram ortodoxos na doutrina, mas rígidos em espírito e disciplina. Ele permaneceu fiel à fé dos Católicos, mas combateu-os veementemente nas questões de moralidade e disciplina. Era, também, um representante da África, em oposição à Roma.

A Schaff-Herzog Cyclopedia fala dele: “Uma das maiores e mais originais personalidades da Igreja antiga... Ele desprezou a filosofia Grega”.

De seu grande livro, eles dizem: “Um dos monumentos mais magníficos da Igreja antiga”. O Classical Dictionary, de Authon, relata: “Ele nos informa sobre as doutrinas Cristãs de seu tempo da forma mais correta que qualquer outro escritor... Tertuliano foi mantido na mais elevada estima pelos Pais subsequentes da Igreja”. Neander diz: “Tertuliano é um escritor de importância única” (Neander, de Rose, pág. 424).

Aqui está, então, uma testemunha competente e inatacável quanto às doutrinas e práticas da Igreja universal em cerca de 200 D. C., ou apenas 104 anos depois de João. Tertuliano diz: “Nós solenizamos o dia posterior ao Sábado, em contradistinação àqueles que chamam esse dia seu Sábado, e o devotamos ao reconforto físico e ao comer, apartando-nos dos antigos costumes Judaicos, dos quais eles agora não estão instruídos” (Apologia, de Tertuliano, Cap. XVI).

Novamente Tertuliano declara que seus irmãos não observavam os dias mantidos como sagrados pelos Judeus: “Nós não consentimos com os Judeus em suas particularidades relacionadas à comida nem em seus dias sagrados... Nós, entretanto (exatamente como recebemos), apenas no dia da ressurreição do Senhor devemos guardar, não só o dobrar os joelhos, mas termos uma postura de trabalho e ofício de solicitude, adiando até mesmo os nossos negócios, deixando de dar qualquer ocasião para o maligno” (Tertuliano sobre Oração, Cap. XXIII). O Domingo, então, era observado pelos Cristãos naquela data antiga, mas o Sábado não era.

O testemunho acima desse grande mestre Cristão é claro, categórico e decisivo. O Sábado Judaico não era guardado; o Dia do Senhor era. Tertuliano foi um dos maiores mestres Cristãos daqueles dias, 200 D. C. Poderia ocorrer que esses líderes influentes ensinassem e praticassem de um modo, enquanto todas as Igrejas acreditavam e faziam exatamente de outro contrário, isto é, guardar o Sábado Judaico e não guardar o Dia do Senhor? Seria como se Moody e Spurgeon ensinassem a observância do Domingo, enquanto que nenhum de seus seguidores acreditasse nisso.

No caso de Tertuliano, a última edição do “Advent History of the Sabbath” dedica doze longas páginas tentando desacreditá-lo. E por quê? Porque o seu testemunho é frontalmente contra eles, e eles temem isto. É um fato significativo que os Adventistas não encontram nem mesmo um único escritor Cristão que seja digno de qualquer confiança! Para eles, todos são tolos, falsificadores, indignos de crédito, apóstatas, semi-

pagãos, etc.! Por que o esforço para desacreditá-los a todos? A razão é fácil de encontrar: todos eles pronunciavam um testemunho conclusivo contra os ensinamentos Sabatistas.

ORÍGENES, 225 D. C.

Orígenes (cerca de 225 D. C.) era um homem de imensa erudição, e seus escritos são numerosos. “Orígenes pode ser perfeitamente indicado como um dos mais capazes e excelentes Pais da Igreja” (Encyclopedia, McClintock and Strong).

Os itens seguintes sobre Orígenes foram reunidos da Schaff-Herzog Encyclopedia. Ele nasceu em Alexandria, em 185 D. C., e foi cuidadosamente educado por pais Cristãos. Seu pai foi martirizado. Foi um dos homens mais instruídos de sua época. Era devoto piedoso. Tornou-se mestre dos maiores homens de seu tempo, ensinando até mesmo bispos e imperadores. Viajou extensivamente para Roma, Arábia, Antioquia, Grécia, Tiro, Capadócia, Jerusalém, Cesaréia, etc. Desse modo, estava familiarizado com todos os costumes dos Cristãos de toda parte. Isso faz com que seu testemunho relacionado ao Dia do Senhor naquela data primitiva seja confiável e de grande importância. Ele diz:

“Se for objetado contra nós sobre esse assunto, que nós mesmos estamos acostumados a observar certos dias, como, por exemplo, o Dia do Senhor, a preparação, a Páscoa ou Pentecoste” (Orígenes Contra Celso, Livro VIII, Cap. XXII).

Em seu comentário sobre Êxodo, Par. 5, ele diz: “Está claro no texto sagrado que o maná foi primeiramente enviado sobre a terra no Dia do Senhor. Mas se fica claro pelas Escrituras que Deus fez chover maná dos Céus no Dia do Senhor, e não choveu nada no dia de Sábado, deixe os Judeus entenderem que a partir desse momento o nosso Dia do Senhor foi estabelecido acima como o verdadeiro Sábado, pois no nosso Dia do Senhor Deus sempre faz chover maná dos Céus; pois as pregações que nos são entregues vêm dos Céus”.

Orígenes mostra que o Sábado Judaico foi colocado de lado, e que o Dia do Senhor era o dia superior, o dia no qual os Cristãos se reuniam para ouvir pregações dos ministros de Deus. Isto concorda com Justino Mártir, Tertuliano e com todos mencionados acima. Observem que essa testemunha é do Leste, não da Roma pagã. Orígenes era um Grego, não um Latino. Como Orígenes viajou extensivamente entre as Igrejas, pregou para elas e seus livros eram lidos nelas, isso mostra que a observância do Dia do Senhor era geral entre todas elas. Ele não teria sido convidado para pregar às Igrejas em parte alguma, se elas não cressem da mesma forma que ele cria.

AS CONSTITUIÇÕES APOSTÓLICAS, 250 D. C.

A respeito das “Constituições Apostólicas” (250 D. C.), o Ancião Andrews, Adventista, diz: “As assim denominadas 'Constituições Apostólicas' não foram obras dos apóstolos, mas estavam em circulação no terceiro século, e naquela época era generalizada a crença de que expressavam a doutrina dos apóstolos. Elas, por conseguinte, fornecem importante testemunho histórico quanto à prática da Igreja de então. Mosheim, em seu Historical Commentaries, Cent. 1, seção 51, fala da seguinte forma destas 'constituições': 'O conteúdo da obra é inquestionavelmente antigo, uma vez que os costumes e a disciplina que ela exhibe são os que prevaleciam entre os Cristãos do segundo e terceiro séculos, especialmente os residentes na Grécia e nas regiões orientais’” (Testimony, pág. 13).

Observe novamente que essa obra foi um produto da Igreja Oriental, e assim mostra o costume da Igreja no Leste, ao invés do costume de Roma. Esses, então, serão bons testemunhos quanto à prática da Igreja em cerca de 250 D. C.

Na seção 7, parágrafo 59, lemos: “E no dia da ressurreição do nosso Senhor, que é o Dia do Senhor, ajuntem-se mais diligentemente, fazendo orações ao Deus que criou o universo por Jesus e o enviou a nós... De outro modo, que defesa fará Ele junto a Deus por aquele que não se reúne no dia para ouvir as palavras salvíficas relativas à ressurreição?” No Livro VII, seção 2, parágrafo 30, ele diz: “No dia da ressurreição do Senhor, isto é, o Dia do Senhor, reúnam-se em conjunto, sem falhar, dando graças a Deus”. No mesmo parágrafo, ao falar da ressurreição de Cristo, o escritor diz: “Em função da qual nos reunimos solenemente para celebrar a festa da ressurreição no Dia do Senhor”.

Os testemunhos são definitivos, e mostram além de qualquer dúvida que os Cristãos daqueles dias primevos usavam o Dia do Senhor para adoração religiosa da mesma forma que o usamos agora.

CIPRIANO, BISPO DE CARTAGO, 253 D. C.

Cipriano foi um dos maiores eruditos e homem de influência de toda a Cristandade em cerca de setenta e cinco anos antes da data do edito de Constantino, em 321 D. C. Ele foi um Cristão extremamente devotado, possuidor de grande riqueza, metade da qual deu aos pobres. Recusando-se reverenciar os ídolos pagãos, foi martirizado. Ele se opôs à Igreja e aos bispos Romanos. Dele fala a Schaff-Herzog Encyclopedia: “Ao tempo em que a controvérsia relativa ao batismo eclodiu entre ele e o Bispo Estêvão, de Roma (225 D. C.), Cipriano permaneceu inquestionavelmente como o líder mais proeminente e influente na Igreja Cristã”. “O Papado ainda não havia nascido” (Cyprian's “Epistles”, Nº 68, Sec. 4).

Deste grande líder, o Advent History of the Sabbath (1912) diz: “O próximo Pai oferecendo um argumento para o Domingo é Cipriano” (pág. 370). Logo não existe dúvida de que Cipriano guardava o Dia do Senhor e o defendia. Ele disse: “Porque o oitavo dia, isto é, o primeiro dia depois do Sábado, foi aquele no qual o Senhor ressuscitou, e deve nos estimular, e nos dar circuncisão do Espírito; o oitavo dia, isto é, o primeiro dia depois do Sábado, é o Dia do Senhor, que ia adiante em figura”.

Acaso as Igrejas não praticavam o mesmo que esse grande líder fazia e ensinava? Certamente. Então eles guardavam o Dia do Senhor sessenta anos antes da conversão de Constantino, uma geração antes da sua lei Dominical. Note que Cipriano viveu na África, não em Roma, e que ele se opôs à Roma.

ANATÓLIO, BISPO DE LAODICÉIA, ÁSIA, 270 D. C.

Ele foi Bispo de Laodicéia, Ásia Menor. Não um Romano, mas sim um Grego. Esta Igreja foi estabelecida pelo próprio Paulo, e estava bem familiarizada com a doutrina dos apóstolos. Em seu sétimo cânon, Anatólio diz: “O compromisso com a ressurreição do Senhor nos vincula a guardar a festa pascal no Dia do Senhor”. Em seu décimo cânon, ele diz: “Nossa consideração pela ressurreição do Senhor, que se realiza no Dia do Senhor, nos levará a celebrá-la sobre o mesmo princípio”.

Veja que todos os primeiros Cristãos chamam o dia da ressurreição como o “Dia do Senhor”, e observe quanto o honravam. Quão inteiramente diferente dos Sabatistas, que buscam em vão encontrar expressões claras e confiáveis para manifestar o seu desprezo pelo Domingo. Por que esta diferença, e o que ela revela?

PEDRO, BISPO DE ALEXANDRIA, 306 D. C.

“Mas nós celebramos o Dia do Senhor como um dia de regozijo, porque neste dia Ele ressuscitou; dia que recebemos não só para um costume de dobrar os joelhos” (Cânon 15). Ele dá a mesma razão para guardar o Dia do Senhor que os Cristãos dão hoje.

Isso foi há mais de duzentos anos antes de o Papa vir a ter poder. Observe que os testemunhos a respeito do Domingo vêm de todas as partes do mundo; da África, Ásia e Europa, e não simplesmente de Roma, como dizem os Adventistas do Sétimo Dia. Eles mostram que a guarda do Domingo era tão difundida quanto a própria Igreja Cristã, e isto desde os primeiros dias.

EUSÉBIO, 324 D. C.

Eusébio nasceu na Palestina, lar do próprio Cristo, dos apóstolos e berço da Igreja primitiva. Ele era Bispo de Cesaréia, onde Paulo residiu por dois anos (Atos 23:33; 24:27). Estudou em Antioquia, onde Paulo trabalhou por alguns anos (Atos 15:1). Viajou para o Egito e pela Ásia Menor. Era um dos homens mais notáveis de sua época. Escreveu a primeira história da Igreja Cristã e ostentou o título de “Pai da História da Igreja”. A Schaff-Herzog Encyclopedia diz: “Como uma coletânea de fatos e documentos, sua obra é inestimável”. A Cyclopedia, de Johnson, diz: “Ele era extremamente destacado em erudição, como também em talentos”. O Introduction, de Hume, diz: “Um homem de extraordinária erudição, diligência e julgamento; excepcionalmente estudioso das Escrituras... Sua obra principal é a 'História Eclesiástica', na qual registra a história do Cristianismo, desde o início até a sua própria época... Ele divulgou não só a sua

opinião particular, mas a opinião da Igreja, a soma daquilo que encontrou nos escritos dos primeiros Cristãos” (Vol. I Cap. XI, Sec. 2, pág. 42).

Ele teve todas as oportunidades possíveis para saber o que os Cristãos faziam através do mundo. Dele fala Justin Edwards, D. D.: “Ele viveu no terceiro século; era um homem de vasto saber e estava bem familiarizado com a história da Igreja desde o dia dos apóstolos como nenhum outro homem de seus dias”. Em Cesaréia ficava “uma biblioteca muito extensa, na qual Eusébio tinha constante acesso. Ele era um historiador notável e preciso, e tinha o auxílio dos melhores recursos para obter informação sobre todos os assuntos relacionados com a Igreja Cristã” (Sabbath Manual, pág. 124-126).

Ele viveu exatamente lá, sabia com precisão aquilo que os Cristãos faziam e escreveu cerca de cinquenta anos antes do Concílio de Laodicéia, onde os Adventistas dizem que o Sábado foi mudado para o Domingo. Na verdade existia uma pequena seita herética que guardava o Sábado, como os Judaizantes fazem agora. A respeito destes, ele diz que “são os que nutrem opiniões deficientes e pobres a respeito de Cristo... Para eles a observância da lei era completamente necessária (exatamente como para os Adventistas do Sétimo Dia), como se não pudessem ser salvos apenas pela fé em Cristo e com uma vida correspondente... Eles também observam o Sábado e outras disciplinas dos Judeus da mesma forma que estes, mas, por outro lado, também celebram fielmente o Dia do Senhor, como nós, em comemoração à Sua ressurreição” (Ecclesiastical History, pág. 112-113). Mesmo os Judaizantes guardavam o Domingo.

Sobre o Salmo noventa e dois, ele diz: “A palavra pela nova aliança mudou e transferiu a festa do Sábado para a luz da manhã e nos deu o verdadeiro descanso, a saber, a guarda do Dia do Senhor... Neste dia, que é o primeiro da luz e do Sol verdadeiros, nos reunimos, após um intervalo de seis dias, e celebramos Sábados santos e espirituais, em todas as nações através do mundo por Ele redimidas, e fizemos aquilo de acordo com a lei espiritual que foi decretada para os sacerdotes fazerem no Sábado”. Novamente: “E todas as coisas que eram dever fazer no Sábado, estas nós transferimos para o Dia do Senhor como dia mais honorável do que o Sábado Judaico” (Commentary on Psalm 92).

O testemunho do maior historiador da Igreja primitiva é decisivo. Ele coloca além de qualquer dúvida que os Cristãos em geral, em todo o mundo de então, guardavam o Domingo, o Dia do Senhor, e não guardavam o Sábado Judaico.

Eusébio dá testemunho de um fato real existente, e não de alguma teoria especulativa. Ele diz que todos os Cristãos, por todo o mundo, guardavam o Dia do Senhor. Ele vivia lá e sabia o que estava afirmando. Seu testemunho não seria melhor do que os de alguns sectários Adventistas, produzidos 1.500 anos depois?

Eusébio diz: “Nós transferimos” os deveres do Sábado para o Dia do Senhor. Sobre isto os Adventistas tentam fazer parecer que o próprio Eusébio, junto com Constantino e outros, naquela data de 324 D. C., foram aqueles que mudaram o dia. Esta é uma conclusão incorreta, que é contestada por tudo o que veio antes. Eusébio escreve isso como uma História Cristã, relatando aquilo que a Igreja primitiva fez. Para ilustrar: Roosevelt disse: “Nós derrotamos a Inglaterra em 1776... Nós tomamos o Texas do México”. Com isso ele quis dizer que ele e seus oficiais fizeram aquilo agora? Todos entendem o que se está querendo dizer. Da mesma forma Eusébio escreve sobre aquilo que seus irmãos fizeram séculos antes. Isso é tudo.

TESTEMUNHO DO CONCÍLIO DE NICÉIA, 325 D. C.

Este foi o primeiro concílio geral. Estavam presentes trezentos e dezoito bispos de toda a Cristandade com cerca de mil e quinhentos representantes do clero mais baixo. Seguramente eles saberiam qual dia era então observado. O vigésimo cânon diz:

“Uma vez que alguns se ajoelham no Dia do Senhor e no dia de Pentecoste, o santo sínodo decidiu pela observância de uma regra geral, que todos devem oferecer suas orações a Deus de pé”.

Não existiu objeção a esta regra, nenhuma disputa sobre ela, todos concordaram com ela como algo universalmente compreendido. O Dia do Senhor era o dia Cristão de adoração. O Sábado não foi nem ao menos mencionado, mostrando que nenhum deles o guardava. Uma vez que os delegados representavam a totalidade da Igreja Cristã em todas as nações, isso prova que naquela época a observância do Dia do Senhor era guardada em todo o mundo.

ATANÁSIO, 326 D. C.

No grande Concílio de Nicéia, 325 D. C., o único homem que despontou em influência sobre todos os outros foi Atanásio, o “Pai da Ortodoxia”. Lá ele combateu a heresia do Arianismo e estabeleceu de uma vez por todas para a Igreja a Divindade de Cristo. Viajou extensivamente entre as Igrejas, conhecia bem os seus costumes e era ele mesmo um líder entre elas. É certo que os seus ensinamentos e seu costume quanto ao Dia do Senhor era o mesmo de toda a Igreja.

Citarei a partir do “Seventh-Day Adventist History of the Sabbath”, edição 1912, de modo que a colocação não será questionada. O autor diz:

“Dos primeiros Pais, os posteriores não pouparam esforços para fabricar frases retóricas novas e fantásticas para cercar o Domingo com mais brilho, e fazer com que o Sábado desaparecesse de vista.

Atanásio de Alexandria (326 D. C.) nos dá um claro exemplo. É dito que o sexto salmo se baseia no Sheminith (o oitavo), um instrumento para a oitava chave. Atanásio apodera-se disto como uma prova para o Domingo: 'O que mais poderia ser este oitavo, senão a ressurreição de Cristo?'. Então, novamente falando do Salmo 118:24, 'Que dia pode ser este, senão o dia da ressurreição do Senhor, que recebeu Dele, com razão, este nome de Dia do Senhor?'” (pág. 418, 419).

Na sequência o autor apresenta outras citações de Atanásio que seguem a mesma linha de defesa do Dia do Senhor. Observe que todos os grandes líderes da Igreja guardavam e defendiam o Dia do Senhor, mas rejeitavam o Sábado Judaico. Não iria, então, a Igreja em geral, seguir seus líderes? Os líderes determinam aquilo que suas Igrejas acreditam e praticam. Luteranos seguem Lutero, Metodistas seguem Wesley, etc. Todos os líderes da Igreja primitiva condenavam o Sábado Judaico e observavam o Dia do Senhor.

As Igrejas não seguiam seus mestres do mesmo modo como fazem agora? Os Adventistas do Sétimo Dia confessam que os homens de liderança, ministros e escritores, durante os primeiros séculos se opunham ao Sábado Judaico. Desse modo o Ancião J. N. Andrews, em History of the Sabbath, edição de 1873, diz: “Vários dos primeiros Pais escreveram em oposição ao sétimo dia. Nós agora damos as razões indicadas para cada uma dessas oposições. O escritor chamado Barnabé não guardava o sétimo dia” (pág. 299). Andrews descobre que Barnabé deu sete razões pelas quais o Sábado não deveria ser guardado. Ele escreveu em cerca de 120 D. C., no exato início do segundo século. Seu livro era lido nas Igrejas como se fosse Escritura. E então, aquelas Igrejas guardavam o Sábado? É claro que não.

JUSTINO MÁRTIR, 140 D. C.

Deste renomado Pai Cristão primitivo, Andrews diz: “Ele afirma expressamente tanto a abolição do Sábado quanto da Lei... Aqui há três razões...” (pág. 301, 303). Igualmente Justino deu suas razões para rejeitar o Sábado. Dele fala a Schaff-Herzog Encyclopedia: “Nessas obras Justino professa aos seus contemporâneos o sistema de doutrina sustentado por todos os Cristãos”.

IRINEU, 178 D. C.

Dele Andrews diz: “Estas coisas indicam que Irineu se opunha à observância do Sábado” (pág. 305). Ele era um dos maiores e mais amados dos primeiros Pais. Acaso ele se opunha ao Sábado, ainda que todo o seu povo o guardasse? Dificilmente.

TERTULIANO, 200 D. C.

Dele Andrews diz: “Tertuliano oferece numerosas razões para não observar o Sábado” (pág. 305). Ele não apenas não guardava o Sábado, mas deu numerosas razões para a sua fé. Dele o Classical Dictionary, de Authon, diz: “Ele nos informa a respeito da doutrina Cristã de seu tempo de forma mais correta do que qualquer outro escritor”. Ele exercia uma tremenda influência sobre a Igreja da época. Guardariam todas elas o Sábado, enquanto ele se opunha à prática? Leitor, como poderia ser isto?

EUSÉBIO, 324 D. C.

Nenhum dos primeiros Pais superou Eusébio em erudição e influência sobre a Igreja. Dele Andrews diz: “Eusébio publicou e declarou que Cristo transferiu o Sábado para o Domingo” (pág. 358). O mesmo History

of the Sabbath, edição de 1912, diz: “Eusébio pôs de lado o Sábado do Senhor” (pág. 396). Então isto foi o que todos os Cristãos fizeram por todo o mundo. Agora, se os líderes e escritores representantes se opuseram à guarda do Sábado, iria alguém acreditar que todos os Cristãos comuns guardavam um dia que todos os seus líderes e escritores se opuseram? O Ancião Andrews, em seu History of the Sabbath, pág. 308, diz: “As razões oferecidas pelos primeiros Pais para negligenciar a observância do Sábado mostram conclusivamente que eles não possuíam nenhuma luz especial sobre o assunto, pela razão de viverem nos primeiros séculos, luz esta que nós, nessa última era, possuímos”. Esta é a confissão vinda do mais capacitado historiador do sétimo dia que já existiu! Ele admite que “os primeiros Pais... nos primeiros séculos” negligenciavam “a observância do Sábado”, e ofereceram razões para isto!

Que necessidade temos de testemunhos adicionais para comprovar que o sétimo dia não era observado nos primeiros séculos? Mas, como isso se harmoniza com a teoria de que o Sábado foi mudado para o Domingo, pelo Papa, várias centenas de anos depois?

Poderíamos multiplicar indefinidamente confissões semelhantes vindas de autores Sabatistas. Contra a sua vontade eles são forçados a pronunciá-las. Elas provam conclusivamente que a observância do Sábado Judaico havia sido abandonada, ao menos em grande parte, naquela data primitiva.

O CONCÍLIO DE LAODICÉIA, 364 D. C.

O Concílio Cristão declara expressamente que o Sábado Judaico não deveria ser guardado, enquanto que o Dia do Senhor deveria. O vigésimo-nono cânon diz:

“Os Cristãos não devem judaizar e descansar no Sábado, mas trabalhar neste dia, mas preferir o Dia do Senhor. Devem descansar, se possível, como Cristãos. Pelo que, se forem achados judaizando, sejam amaldiçoados de Cristo”.

Trinta e dois bispos estavam presentes, todos Gregos da Igreja Oriental. Eles sabiam qual dia a Igreja guardava naquela data? Certamente. Eles concordam com todos os testemunhos já citados. Naquela data, guardar o Sábado Judaico era condenável, e o Dia do Senhor, aprovado.

AGOSTINHO, 395 D. C.

Depois de Paulo provavelmente Agostinho foi, dentre qualquer outro homem, quem teve maior influência na Igreja Cristã. Ele nasceu na Numídia, África, em 353 D. C. Sua mãe era uma Cristã devota. Ele se tornou Bispo de Hipona, África. Dele a Schaff-Herzog Encyclopedia diz: “De sua diocese foi travada uma luta sem trégua contra toda heresia... Isso fez dele imortal e refinou a teologia de todos os tempos posteriores... Os Protestantes se igualaram aos Romanistas em tributar-lhe honra... Ele granjeou a reverência do mundo”. Por ele “o conceito da Trindade foi esclarecido pela primeira vez”.

Este grande líder Cristão, que viveu dentro do período de trezentos anos depois de João, teve acesso a todos os escritos Cristãos antes dele e conhecia perfeitamente a prática em seus dias, dos Cristãos e de todo o mundo, ao escrever contra os pagãos combatendo cada heresia existente. Ele ensina explicitamente que o Sábado não era para os Cristãos. Do Domingo, ele escreve com frequência e abundantemente. Citaremos apenas umas poucas linhas:

“Este dia que agora chamamos de Domingo é o primeiro dia da semana, como é claramente visto nos Evangelhos. O primeiro dia da semana é assim nomeado por todos os evangelistas como o dia da ressurreição do Senhor, e é sabido que este é o dia que era antes chamado de Dia do Senhor... O Domingo não foi indicado para os Judeus, mas para os Cristãos, através da ressurreição do Senhor... Nós celebramos o Dia do Senhor, a Páscoa e outras festividades Cristãs... Jejuar no Dia do Senhor é um grande escândalo” (À Casulanua, Epístola 28).

Certamente tudo está claro o suficiente. Somos levados a 400 D. C. com o Dia do Senhor reconhecido por toda a Cristandade tão plena e claramente que é desnecessário seguir adiante. Agora leia o testemunho da antiga Igreja Grega Oriental, a primeira fundada pelos apóstolos. O Rev. Bispo Raphael, do Brooklyn, N. Y., chefe daquela igreja na América, escreveu-me na data de 30/Mar/1914 como segue: “Nossa Igreja, que incluía todas as primeiras Igrejas fundadas pelos apóstolos, tais como Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Corinto, Alexandria e até mesmo Roma, nos primeiros trezentos anos, guardava o primeiro dia da semana como um dia de descanso e em santa lembrança da ressurreição de entre os mortos do nosso bendito Senhor. Desde o

alvorecer do Cristianismo ela carrega o testemunho de que este tem sido o Dia Sagrado no qual os fiéis se reúnem para compartilhar da Ceia do Senhor; para fazer orações públicas e ouvir os sermões. Todos os nossos historiadores produziram registros para este fato”.

Essa evidência confirma plenamente os testemunhos de todos os primeiros Pais Cristãos citados neste capítulo.

Como uma declaração justa, imparcial e transparente dos ensinamentos dos Pais Cristãos primitivos relacionada com a observância do Domingo, apresentamos ao leitor o que diz o Dictionary of the Bible, de Smith, artigo “Lord's Day” (Dia do Senhor). Este é um livro de fácil acesso a todos em qualquer lugar, não é sectário e incorpora os resultados dos exames mais aprofundados e acadêmicos de cada passagem de tudo o que os Pais produziram sobre a questão do Domingo. Qualquer um que tenha lido os Pais deve confessar que suas declarações são claras e fidedignas. Tenho lugar apenas para uma curta citação:

“Os resultados dos nossos exames dos principais escritores, no período de dois séculos após a morte de São João, são os seguintes: O Dia do Senhor existia durante esses dois séculos como parte apostólica integrante, e, assim, do Cristianismo Bíblico. Ele nunca foi defendido, pois jamais foi contestado, ou ao menos contestado apenas como foram outras coisas recebidas dos apóstolos... Religiosamente considerado, era um dia de encontro solene para a santa eucaristia, para oração em conjunto, para instrução, para atos de caridade”.

Da mesma forma a New Universal Cyclopedia, de Johnson, artigo “Sabbath” (Sábado), diz: “Por um tempo os Judeus convertidos observaram tanto o sétimo dia, para o qual o nome Sabbath (Sábado) continuou a ser dado de forma exclusiva, e o primeiro dia, que veio a ser chamado de Dia do Senhor... Dentro do período de um século após a morte do último dos apóstolos encontramos a observância do primeiro dia da semana sob o nome de Dia do Senhor, estabelecido como um costume universal da Igreja”. Nenhuma autoridade maior do que esta poderia ser citada. Ela declara exatamente a verdade. Igualmente a Schaff-Herzog Encyclopedia, artigo “Sunday” (Domingo), diz: “No segundo século sua observância era universal... O Judeus Cristãos pararam de observar o Sábado após a destruição de Jerusalém”.

O Doutor Schaff, de quem não há autoridade superior, diz: “A universal e inquestionável observância do Domingo no segundo século só pode ser explicada pelo fato de possuir suas raízes na prática apostólica” (History of the Christian Church, vol. I, pág. 478).

O homem que fechar seus olhos para toda essa massa de testemunhos, e continuar insistindo que a guarda do Domingo é apenas uma instituição dos Papas de séculos depois, está simplesmente apoiado por uma teoria que é obrigado a sustentar a todo custo. Eu mesmo tive uma triste experiência nesta questão, e sei exatamente como se sente um adventista do sétimo dia quando lê sobre esses fatos históricos. Na época, eu li sobre alguns deles. Eles me deixaram perplexo sobremaneira, mas superei-os pela minha forte fé em nossas doutrinas e por acreditar que a maioria eram falsificações. Posteriormente, na medida em que lia mais, vi que esses testemunhos eram confiáveis e decididamente contrários à nossa teoria do Domingo do Papa. Eles me perturbaram consideravelmente, mas superei-os simplesmente parando de pensar sobre eles e apoiando-me em outros argumentos que me inspiravam total confiança. Nos debates eu sempre ficava ansioso para deixá-los fora da discussão. Sei que os ministros Adventistas do Sétimo Dia geralmente se sentem como eu me sentia, pois frequentemente fazíamos alusão aos testemunhos dos Pais e aos efeitos que eles promoviam nos debates. É óbvio que o grande corpo dos membros nunca nunca leu essas coisas, e estão em piedosa ignorância com respeito a elas. Ou, se já leram, foi em seus próprios livros, onde são explicadas superficialmente. Sua fé ilimitada na “mensagem” e em seus líderes leva-os para longe dos fatos, como se fossem questões sem nenhuma consequência.

Quanto a mim, uma vez que decidi encarar diretamente os fatos históricos, e permiti que exercessem a força de que são merecedores, logo vi a completa falsidade da alegação de que 'o Papa mudou o Sábado'. O antigo sentimento de inquietação quanto a este ponto desapareceu completamente.

CAPÍTULO VII

A OBSERVÂNCIA DO DOMINGO SE ORIGINOU COM A IGREJA ORIENTAL, OU GREGA, NÃO COM ROMA, NO OESTE.

Este é um fato muito importante ao se analisar a questão do Domingo. Os Adventistas estão constantemente apontando para “Roma”, para o “Papa de Roma”, para a “Igreja Romana”, para o “Papado Romano”, para os “Concílios Romanos” e para os “Romanos pagãos” como os originadores da observância do Domingo. Eles divulgam o “Desafio de Roma”, o “Catecismo de Roma”, etc. A sua causa permanece ou cai com tais reivindicações. É fácil demonstrar que todas as afirmações não possuem fundamento. A mudança do dia foi feita na Igreja Grega Oriental, no tempo dos apóstolos, e foi depois levada para Roma, e não de Roma para o leste. A prova disto é abundante.

Geralmente as pessoas conhecem pouco sobre a Igreja Grega; mal sabem que ela existe. Contudo, ela é a igreja mais antiga e compõe-se agora de cento e cinquenta milhões de membros. Geralmente as pessoas supõem que Roma é a “Igreja Mãe”, o que não é verdade. Como todos nós sabemos do livro de Atos, a Igreja Cristã começou no leste, na Ásia, não em Roma.

Ela começou em Jerusalém, no leste; então se espalhou pela Judéia, Samaria, Ásia Menor, Grécia, Egito, Damasco e a remota Babilônia além do Eufrates. Roma e o oeste vieram depois. Note brevemente: Jesus e todos os apóstolos viveram no leste, onde a língua grega era falada. Todos os livros do Novo Testamento, com exceção de Mateus, foram escritos em grego. O Apocalipse, escrito por volta de 96 D. C., está em grego. A pregação dos apóstolos era amplamente em grego. O Evangelho começou em Jerusalém, no leste (Atos 2:1-11). Observe quem ouviu o primeiro sermão no dia de Pentecoste: “Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus”.

Lá estavam pessoas das remotas Pártia, Média e Mesopotâmia, a leste do Eufrates, cerca de três mil e duzentos quilômetros a leste de Roma; então veio o Egito e a Líbia, então Arábia; então Ásia Menor; então Macedônia; então Creta – todos estes ficavam no leste. Apenas uma cidade do oeste foi nomeada como sendo representada no Pentecoste – Roma. Os primeiros convertidos levaram o Evangelho para todos os países orientais. Os apóstolos logo seguiram e lá levantaram Igrejas. Veja onde Paulo esteve: Damasco, Arábia, Antioquia, Éfeso, Troas, Corinto, Filipos, Galácia – todas cidades gregas. O Apocalipse é escrito para as sete Igrejas que estão na Ásia, não em Roma (Apoc. 1:4). A primeira carta de Pedro parece ter vindo de Babilônia (1 Ped. 5:13).

Paulo foi o primeiro ministro a visitar Roma. Isto não aconteceu antes de 65 D. C. (ver Atos 28). Mesmo então, Paulo encontrou apenas uns poucos irmãos em Roma, e estes eram Judeus (Atos 28), mas nenhum era bispo ou Papa.

Durante três ou quatro centenas de anos depois de Cristo, o Bispo de Roma não possuía autoridade nem mesmo sobre uma ampla parcela das Igrejas próximas à Roma. Com relação às igrejas da grande Igreja Grega Oriental, Roma jamais teve qualquer autoridade. Ao contrário, por cerca de trezentos anos a Igreja de Roma foi uma missão grega, apoiada e regulada pela Igreja Grega, como veremos adiante.

Por meio século, muito antes de Paulo ter visitado Roma, grandes Igrejas com milhares de membros já haviam se estabelecido no leste até mesmo em nações que estavam fora do império Romano.

Observe outro fato: todas as primeiras testemunhas para o Dia do Senhor não eram Romanas, mas Gregas, vivendo no Leste (ver Capítulo VI). Estas foram Barnabé, Justino Mártir, Dionísio, Clemente, Anatólio, Orígenes, Eusébio, etc. Nem uma única das primeiras testemunhas para o Dia do Senhor era nativa de Roma. Isto por si só produz volumes de prova quanto ao lugar de nascimento da observância do Domingo. Ela nasceu no leste, e não em Roma, no oeste.

Aquilo que o mundo Cristão deve à Igreja Grega, ou Oriental, é colocado do seguinte modo na Schaff-Herzog Encyclopedia, artigo "Greek Church" (Igreja Grega): "Essa Igreja é a mais antiga da Cristandade, e por muitos séculos foi a principal portadora (missionária) da nossa religião. Ela ainda ocupa o território sagrado do Cristianismo primitivo, e reclama para si a maior parte das localidades apostólicas, como Jerusalém, Antioquia e as Igrejas fundadas por Paulo e João na Ásia Menor e Grécia. Todos os apóstolos, com exceção de Pedro e Paulo, trabalharam e morreram no leste. Ela produziu a primeira literatura Cristã, apologias da fé Cristã, refutação de heresias, comentários da Bíblia, sermões, homilias e tratados ascéticos.

Como os próprios apóstolos, a grande maioria dos primeiros Pais usava a língua grega. Policarpo, Inácio, Clemente de Alexandria, Orígenes, Eusébio, Atanásio, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, Crisóstomo, Cirilo de Jerusalém, Cirilo de Alexandria, os primeiros imperadores Cristãos a partir de Constantino o Grande, juntamente com uma multidão de mártires e confessores, pertencem à comunhão Grega. Ela elaborou os dogmas ecumênicos da Trindade e Cristologia, e regulamentou os sete primeiros concílios ecumênicos que foram todos realizados em Constantinopla ou em suas imediações (Nicéia, Calcedônia, Éfeso). Seu período próspero, durante os cinco primeiros séculos, sempre reivindicará o respeito agradecido de todo o mundo Cristão".

Observe que a Igreja Oriental, ou Grega, comandou os sete primeiros concílios gerais, os quais foram todos realizados no leste; nenhum deles no oeste, ou no território papal. As datas destes sete concílios foram 325, 381, 431, 451, 557 e 787 D. C. Todos foram comandados pela Igreja Grega Oriental, nenhum deles por Roma. Essas datas nos fazem pensar sobre a última data que os Adventistas fixam para a mudança do Sábado. Portanto, se a Igreja Romana, ou o Papa, ou o Papado mudaram o Sábado, ele só poderia ter sido mudado no oeste, pois nada disso tinha autoridade ou influência sobre as centenas de grandes Igrejas Gregas do leste, muitas das quais situadas fora do regramento Romano.

O texto seguinte é do Rev. Bispo Raphael, líder da Igreja Grega na América. Poucos Protestantes estão conscientes da importância e número daquela grande Igreja primitiva. Leiamos:

"O nome oficial da nossa Igreja é 'A Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa'. Ela foi fundada no tempo dos apóstolos e pelos doze apóstolos; sendo o próprio Jesus Cristo a Principal Pedra de Esquina, começando no dia de Pentecoste (Atos 2). Nossa Igreja nunca esteve sujeita à Igreja Romana ou aos Papas latinos ou ao Papado. A própria Igreja Romana foi uma missão Grega por aproximadamente três centenas de anos, e o grego era o idioma pelo qual a liturgia, ou Missa, era falada na Cidade de Roma.

Os sete primeiros Concílios Gerais, começando com o de Nicéia, em 325 D. C., até 787, foram os únicos Concílios Gerais reconhecidos igualmente pela Cristandade do Oriente e do Ocidente; todos estiveram sob o comando dos quatro antigos Patriarcados Orientais. Eles foram conduzidos pela Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa. Até mesmo os Papas de Roma, como no caso do Papa Leão na questão da exaltação do Patriarcado de Constantinopla para uma igualdade com Roma em poderes temporal e espiritual (ver Atos do Quarto Concílio Geral de Calcedônia), foram obrigados a concordar, como todos os outros, com os Decretos dos Concílios Gerais, os quais sempre foram maiores do que os Papas ou Patriarcas.

Roma nunca comandou nenhum dos primeiros sete Concílios Gerais. Ao contrário, em algumas situações foram emitidos decretos contra ela, como, por exemplo, no caso do Papa Honório, ao excomungar e condenar Papas como heréticos.

Por oitocentos anos depois de Cristo, o nome 'Católico' era comum a todas as Igrejas Ortodoxas, seja Oriental ou Ocidental, Grega ou Romana. No décimo-sexto século Roma, no oeste, assumiu, à revelia, exclusivamente para si o nome 'Católico', sufixando-o ainda com o apelido 'Romano'; obra dos cismáticos dentro do seu próprio patriarcado. Mas desde o princípio a Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa nunca foi conhecida por outro nome que não fosse 'Católica', nem jamais deixou de usar o título em qualquer documento oficial. Ele é de sua propriedade inalienável, como Igreja-Mãe da Cristandade (ver Credo Niceno, Artigo 9), o qual, sem uma única omissão, tem sido lido em nossas Igrejas desde a primeira proclamação.

Roma e todas as Igrejas Ocidentais nunca lhe negaram os títulos de 'Igreja-Mãe' ou 'Católica'. Sua Apostolicidade e Catolicidade foram e têm sido reconhecidas em todas as terras e em todas as eras.

Nossa Igreja, que inclui todas as primeiras Igrejas estabelecidas pelos apóstolos, tais como Jerusalém, Antioquia Éfeso, Corinto, Alexandria e até mesmo Roma, nos primeiros trezentos anos já guardava o primeiro dia da semana como um dia de descanso em santa lembrança da ressurreição de entre os mortos do nosso bendito Senhor. Desde o alvorecer do Cristianismo ela carrega o testemunho de que este tem sido o dia sagrado no qual os fiéis se reúnem para compartilhar da Ceia do Senhor; para fazer orações públicas e ouvir os sermões.

Nossas Santas Tradições, os Pais Sub-Apostólicos, Anti-Nicenos e Sub-Nicenos, como também todos os nossos historiadores, igualmente deram testemunho para esse fato. Sob o título de Quarto Mandamento, em nosso Catecismo, que é aceito por toda a Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, é dada a instrução. Tanto a Igreja Romana como todas as outras Igrejas que consideram a autoridade da antiguidade, denominando a si mesmas de Protestantes, concordam com esse mesmo fato, a saber, que o Dia do Senhor (o primeiro dia da semana) tem sido observado desde a manhã da Ressurreição até este momento.

Atualmente a Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa não se consiste apenas dos quatro antigos Patriarcados de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, mas também das grandes Igrejas da Rússia, Grécia, Sérvia, Bulgária, Romênia, Montenegro, Albânia, Chipre, Monte Sinai e as quatro Igrejas independentes da Áustria, etc.; e aqui na América, sob o Santo Sínodo da Rússia, existe uma próspera Missão consistindo-se de diferentes Igrejas nacionais, as quais se estendem desde o limite ao norte do Canadá até a cidade do México. Todas essas Igrejas são iguais em autoridade e unidas na doutrina, disciplina e adoração. Ela é a mesma Igreja sem interrupção em sua sucessão de bispos, tradições e ensino desde os dias dos doze apóstolos, quando se encontraram no Cenáculo em Jerusalém, antes de jamais se ter ouvido ou pensado a respeito de um Papa em Roma; e quando São Tiago, falando como primeiro Bispo de Jerusalém, presidiu o concílio dos Apóstolos e irmãos, para considerar a admissão dos Gentios na Fé Cristã.

Desde os dias Apostólicos a Santa Igreja Católica Apostólica Ortodoxa nunca mudou de forma perceptível em doutrina, disciplina ou adoração, e conta hoje com 150.000.000 membros”.

30 de março de 1914.

Raphael Hawaweeny

Bispo de Brooklyn e Chefe da Santa Missão Ortodoxa-Católica Síria na América.

Seu catecismo é muito claro sobre esse ponto. O Catecismo Maior da Igreja Grega diz:

“O Sábado é guardado na Igreja Oriental?

Não é, estritamente falando.

Como a Igreja Cristã obedece o quarto mandamento?

Ela se acalma a cada seis dias e guarda o sétimo, apenas não o último dia dos sete dias, que é o Sábado, mas o primeiro dia em cada semana, que é o dia da Ressurreição, ou Dia do Senhor.

Desde quando nós guardamos o dia da Ressurreição?

Desde o tempo da Ressurreição de Cristo”.

Os Catecismos de uma Igreja são as melhores autoridades quanto àquilo que a Igreja acredita. Aqui estão as Igrejas erguidas pelos próprios apóstolos e que têm continuado assim desde então. Elas sempre guardaram o Domingo. Temos aqui um testemunho claro e enfático vindo da maior autoridade da grande Igreja Oriental. Todos os seus historiadores, bispos, concílios, catecismos e tradições concordam em testemunhar da observância do Dia do Senhor desde o início da Igreja. Isto não é uma mera teoria, mas um fato histórico real testemunhado até hoje por cento e cinquenta milhões de membros, e toda a história de fora confirma isso.

Todos os primeiros escritores que defenderam a fé contra pagãos e heréticos eram membros da primeira Igreja Oriental – nenhum deles eram Romanos. As doutrinas fundamentais do Cristianismo atualmente sustentadas em comum pelas Igrejas Grega, Romana e Protestante foram inicialmente formuladas e

estabelecidas pela Igreja Oriental, não pela Igreja Romana. Por cerca de seiscentos anos seus grandes sábios e mestres, sua literatura, seus pregadores e sua influência mundial excederam em muito a de Roma e do Oeste. O Rev. A. H. Lewis, Batista do Sétimo Dia, admite que a Igreja Grega é a Igreja-Mãe. Ele diz: “Nas mudanças dos primeiros quatro séculos depois de Cristo a Igreja Oriental, que foi realmente a Igreja-Mãe e o lar do Cristianismo primitivo, foi mantida incontaminada da forte corrente de influência que começou a vir do império a oeste, por meio de Roma. Mas a verdade é que um elemento muito grande da história da Igreja é a prevalência oriental, especialmente no que diz respeito às mais antigas ideias e práticas do Período Apostólico”.

Isto é verdadeiro, e é um importante reconhecimento de um Sabatista, confirmando as declarações acima do Bispo Raphael. Justino Mártir declara em linguagem explícita, em data não posterior a 140 D. C., que a Igreja Mãe guardava o Domingo (ver capítulo anterior). Como, então, poderia Roma, duzentos anos depois, ter apresentado o Domingo para essa antiga Igreja? Como poderia o Domingo ter-se originado com os pagãos Romanos ao tempo de Constantino, em 321 D. C.?

Foram seus apóstolos e missionários consagrados que levaram o Evangelho para Roma e o oeste, e os cristianizaram. Não foram Roma e o oeste que doutrinaram o leste; foi exatamente o contrário. Especialmente isso foi verdade com respeito à observância do Dia do Senhor. Esta foi levada do leste para o oeste, dos Gregos para os Romanos. Não foram os pagãos Romanos, como dizem os Adventistas, que apresentaram a guarda do Dia do Senhor para a grande Igreja Oriental, mas sim a Igreja Oriental que levou esse dia para o oeste e ensinou os pagãos convertidos a observá-lo.

O texto seguinte é do *The Historians of the History of the World*, artigo “Papacy” (Papado), Vol. VIII, pág. 520: “Mas a história do Cristianismo Latino não começou de modo representativo nos três primeiros séculos. A Igreja de Roma e a maioria das Igrejas do oeste, senão todas, eram, podemos dizer assim, colônias religiosas Gregas. Sua linguagem era o grego; sua organização, grega; suas Escrituras, gregas; e muitos outros vestígios e tradições mostram que o seu ritual e sua liturgia, eram gregos. Através do grego a conexão entre as Igrejas de Roma e do oeste estava mantida com o leste”.

A “Britannica”, artigo “Papacy”, diz que a Igreja de Roma não foi fundada até 41-54 D. C. Então ela fala do quarto século: “A Igreja Romana, havendo cessado de reconhecer a língua grega, achou-se praticamente excluída do mundo do Cristianismo Grego... Geralmente falando, é de se notar que durante o quarto século a Igreja Romana teve um papel relativamente insignificante no oeste”.

Os fatos históricos mostram que durante séculos Roma foi ensinada e conduzida pela Igreja Grega Oriental, e não o leste por Roma. O texto seguinte veio do notável estudioso Dean Stanley, antigo professor de História Eclesiástica, de Oxford, em seu *History of the Eastern Church*. O livro é autoridade elevada. Ele diz: “Qualquer que seja o nome que a chamemos – ‘Oriental’, ‘Grego’ ou ‘Ortodoxa’ – ela nos leva para trás no tempo mais do que qualquer outra instituição existente, até as primeiras imagens e tempos da religião Cristã” (Palestra 7, pág. 56).

“Jerusalém, Antioquia e Alexandria são centros de interesse locais, os quais ninguém consegue estudar sem que se emocione; e as Igrejas que brotaram naquelas regiões conservavam os costumes antigos do leste e da era primitiva do Cristianismo muito depois de eles terem sucumbido em qualquer outro lugar” (pág. 57). Novamente Stanley diz: “Sabemos, e é suficiente saber, que o Evangelho, o Evangelho original, que veio do leste, agora domina no oeste” (pág. 95). A Igreja na longínqua Ásia Oriental, Caldéia, o lar de Abraão, “foi a mais antiga de todas as missões – a missão de Tadeu para Agbar” (pág. 58). Um representante daquela Igreja veio para o Concílio de Nicéia, 325 D. C.

“A Igreja Romana primitiva era apenas uma colônia de Cristãos gregos ou de Judeus helenizados. Os primeiros Pais na Igreja Oriental – Clemente, Irineu, Hermas, Hipólito – escreveram em grego. Os primeiros Papas não eram italianos, mas sim gregos” (pág. 65).

Considere cuidadosamente os fatos: Foi a Igreja Oriental quem enviou missionários para Roma, fundou aquela Igreja, forneceu seus mestres e deu-lhe suporte como missão durante séculos. Por cerca de duzentos anos a observância do Dia do Senhor estava plena e universalmente estabelecida entre todas as milhares de outras antigas Igrejas orientais, antes da Igreja em Roma, no oeste, deixar de ser ensinada e apoiada como uma missão grega.

Leia o capítulo anterior; ele mostra que a guarda do Domingo veio do leste para o oeste, não de Roma para o leste. Barnabé, Justino Mártir e outros mostram que todas as Igrejas Gregas observavam o dia da ressurreição na primeira parte do segundo século, quando ainda enviavam mestres e pastores para Roma.

Estes não levariam seus costumes de origem para lá, e os ensinariam à Igreja Romana? Certamente, e esta é a razão pela qual o oeste e o leste sempre concordaram sobre a guarda do mesmo dia, o Dia do Senhor. Haveria condições, para esta “missão”, impor um dia Romano Ocidental pagão de adoração sobre todas aquelas Igrejas Orientais antigas, longamente estabelecidas e poderosas, e isto sem uma única palavra de protesto das Igrejas Apostólicas? Homens sinceros não aceitarão uma afirmação tão desarrazoada como esta.

Novamente cito Dean Stanley: “Ela (a Igreja Oriental) é a mãe, e Roma a filha” (pág. 66). “Todos os primeiros fundadores da teologia eram orientais. Até o tempo de Agostinho (355-430) nenhum teólogo se ergueu no oeste; até o tempo de Gregório, o Grande (596-604), ninguém do oeste havia se assentado na cátedra papal. A doutrina de Atanásio (a Trindade) foi recebida por Roma, não originada nela” (pág. 71, 72). Isso indica quão dependente do leste Roma foi por séculos, e quão distante para trás estava a Roma do oeste para ensinar e influenciar.

Novamente: “Não pode haver dúvida de que a civilização da Igreja Oriental era muito mais elevada do que a do Ocidente” (pág. 76). “Toda a força de erudição do Cristianismo primitivo estava no leste. Seria algo absurdo um concílio geral realizado no oeste. Não existiam defensores da fé Latinos, com a exceção de uns poucos do Norte da África” (pág. 100). Por cerca de quatrocentos anos o leste foi a mãe, a missionária, a mestre, a líder, a que regia, enquanto o oeste foi a filha, a missão, a ensinada, a conduzida, a que recebia, não a que dava. Junto com o restante do Evangelho, o leste trouxe o Dia do Senhor para Roma e ensinou sobre ele ao Romano menos instruído.

Aqui está um fato notável: Enquanto os Cristãos Judeus, e talvez uns poucos Gentios vivendo entre eles, continuaram por um tempo a guardar o Sábado Judaico, todos os Cristãos, Judeus e Gentios, sem uma única exceção, guardavam o Dia do Senhor. Jamais se achou, em toda a história primitiva da Igreja, nem uma única igreja que não mantivesse suas reuniões no Domingo. Deixe os Adventistas nomearem alguma, se puderem. Eles nunca puderam e jamais poderão. Outro fato notável é que, enquanto havia alguma disputa entre uns poucos a respeito do Sábado, não existe a mínima alusão de qualquer disputa sobre o Dia do Senhor entre as diferentes seitas de Cristãos amplamente dispersas. Somente uma razão pode ser dada para isto, a saber, que o costume de guardar o dia da ressurreição começou no princípio com os apóstolos, e era universalmente aceito por todos desde o início.

Começando em Jerusalém, depois do Pentecoste, os apóstolos e mestres foram por toda a parte levando a prática da Igreja-Mãe para todas as nações.

“O Dia do Senhor”, Apoc. 1:10, era aceito dessa forma por todos e por Roma junto com o restante. Aqui temos um outro grande fato: Inácio, Justino Mártir, Tertuliano e outros escreveram amplamente contra todas as heresias, mas nenhum deles jamais mencionou a observância do Domingo como uma heresia, embora fosse frequentemente mencionado incidentalmente como uma prática Cristã existente e bem conhecida.

O “Advent History of the Sabbath”, edição de 1912, faz esta confissão: “Embora Irineu escrevesse cinco livros contra as heresias, é muito estranho que ele mesmo não faça alusão ao Domingo em parte alguma” (pág. 334). Se o Dia do Senhor fosse uma heresia introduzida posteriormente pelos pagãos Romanos, ele certamente o teria nomeado. Seu silêncio é prova de que o Domingo não era uma instituição pagã herética, pois ele escreveu contra todas elas. Pese bem este fato.

RESUMO.

Na questão da observância do Dia do Senhor nós não estamos lidando com uma mera teoria, tal como as questões da eleição, preordenação, cair da graça, condição dos mortos, etc., mas sim com uma situação real, com fatos históricos.

Atualmente diz-se haver duzentos e cinquenta milhões de Católicos Romanos, cento e cinquenta milhões de Católicos Gregos, cento e cinquenta milhões de Protestantes; todos concordando em reverenciar o Dia do Senhor; todos concordando em que ele se originou com os apóstolos. Em prova disso todos apelam para a prática atual, para toda a sua história da igreja no passado, para todas as tradições de suas Igrejas e para os seus catecismos. Se tudo isso deve ser ignorado, como se não tivesse peso, então toda a experiência e história de todo o mundo é sem valor.

CINCO TESTEMUNHOS MONUMENTAIS DE TODA A CRISTANDADE

Temos conosco hoje, por todo o mundo, cinco testemunhos monumentais para a vida de Cristo, todos mencionados no Novo Testamento.

- 1) A Igreja: “Eu edificarei a minha Igreja” (Mat. 16:18).
- 2) As Escrituras do Novo Testamento: “O que vês escreve em um livro” (Apoc. 1:11).
- 3) Batismo: “Ide batizando-os” (Mat. 28:19).
- 4) A Ceia do Senhor: “Comais a Ceia do Senhor” (1 Cor. 11:20).
- 5) O Dia do Senhor: “Achei-me em espírito, no Dia do Senhor” (Apoc. 1:10).

Atualmente toda a Cristandade possui todos estes cinco em alguma forma; todos vindo juntos passando de mão em mão; e um é tão antigo quanto os outros; e cada um sempre se manteve tão sagrado quanto os outros; e todos receberam igualmente a bênção de Deus.

O Dia do Senhor é mais antigo que alguns dos livros do Novo Testamento; seu início primitivo é melhor e mais claramente autenticado do que a maioria dos livros do Novo Testamento, especialmente o de Hebreus e Apocalipse.

A CONTROVÉRSIA DA PÁSCOA.

Esta questão fornece uma forte prova de que o Dia do Senhor se originou com o início da própria Igreja, e que era observado universalmente por todos os Cristãos desde o princípio. A respeito da controvérsia, Dean Stanley diz: “Ela foi a mais antiga controvérsia na Igreja” (History of the Eastern Church, pág. 73). Ela começou imediatamente após a morte dos apóstolos. A Schaff-Herzog Encyclopedia, artigo “Easter” (Páscoa), diz: “Na Igreja primitiva não havia uniformidade sobre o dia a ser observado para a Páscoa”. Algumas Igrejas a celebravam no décimo-quarto dia do mês Judaico de Nisan, o dia da Expição, não importando em qual dia da semana viesse a cair. As Igrejas da Síria, Mesopotâmia, Cilícia e Ásia Menor seguiam essa data. Outras a celebravam no dia da Ressurreição, não importando em qual dia do mês caísse. As Igrejas Orientais do Egito, Grécia, Palestina, Ponto e a Igreja de Roma seguiam esse costume. Isso mostra que os apóstolos consideraram que esta era uma questão de pouca importância, e não deixaram nenhuma instrução definida para ela.

A Encyclopedia mencionada acima, diz: “No segundo século a diferença deu ocasião para uma prolongada controvérsia que agitou toda a Cristandade”. Em 154 D. C., Policarpo visitou Roma e tentou lograr um acordo, mas falhou. Em 197, Vítor, Bispo de Roma, ameaçou excomungar aqueles que apoiavam o 15º de Nisan, mas ninguém o obedeceu. Nem mesmo as Igrejas do oeste deram consideração à sua ordem, enquanto que as Igrejas Orientais o condenaram e o desafiaram, revelando quão pouca influência o Bispo de Roma possuía naquela data. A controvérsia continuou a dividir e agitar a Igreja, até que foi resolvida pelo Concílio de Nicéia, em 325 D. C. O concílio diz: “Foi estabelecido, de comum acordo”, indicando que o assunto não era de forma alguma uma questão de importância vital.

Lembre-se que a questão foi decidida pela Igreja Oriental, não por Roma, pois o concílio foi comandado inteiramente pelo leste.

Agora observe: Esta simples questão – se o dia da Páscoa deveria ser celebrado em um dia específico do mês ou em um dia específico da semana – dividiu toda a Cristandade em um debate acalorado por quase trezentos anos, ainda que o evento se referisse a apenas um único dia em todo o ano! A celebração não se consistia mais do que umas poucas horas de culto naquele dia. Agora, compare tudo isso com a questão do Dia do Senhor. Ele acontecia todas as semanas, durante todo o ano – cinquenta e dois dias – e abrangia todo o dia, vinte e quatro horas a cada semana, e ainda assim, durante todos esses trezentos anos da Igreja primitiva não houve uma única palavra de discórdia em relação à observância do Dia do Senhor.

O questionamento de qualquer diferença entre partes da Igreja nunca veio à baila; seja do leste ou oeste, norte ou sul, Grécia ou Roma. Durante toda a controvérsia da Páscoa, o Dia do Senhor foi mencionado muitas vezes, mas apenas casualmente como uma instituição bem conhecida de todos e igualmente considerada por todos, leste ou oeste. Tal uniformidade não poderia ser obtida, a menos que os apóstolos tivessem concordado com ela e a estabelecido bem no início da Igreja, de modo que não existisse

questionamento posterior a seu respeito. Os adversários do Dia do Senhor nunca foram capazes de retrucar satisfatoriamente este fato.

Além disso, enquanto havia alguns poucos que guardavam o Sábado Judaico por algum tempo, todos estes, invariavelmente, guardavam o Dia do Senhor. Não pode ser encontrada nenhuma exceção a isto, seja entre ortodoxos ou heréticos; todos observavam o Dia do Senhor. Até mesmo os Sabatistas são obrigados a admitir isto.

O Ancião Andrews diz: “Os Pais que reverenciavam o Sábado como sagrado geralmente o faziam associado com esta festa chamada por eles de Dia do Senhor” (Testimony of the Fathers, pág. 11).

Sim, enquanto alguns, por um tempo, guardavam o Sábado, ainda assim eles, em todos os casos, também guardavam o Dia do Senhor.

“Li este capítulo, e o considere correto” – Bispo Raphael.

CAPÍTULO VIII

A LEI DOMINICAL DE CONSTANTINO, 321 D. C.

Constantino, o primeiro imperador Cristão de Roma, emitiu o seguinte decreto em 321 D. C.

“Que todos os juízes, e todos os habitantes da cidade, e todos os mercadores e artífices descansem no venerável dia do sol; mas permita-se àqueles que se situam nos campos cuidar dos negócios da agricultura livremente e em plena liberdade; visto acontecer amiúde que nenhum outro dia é tão adequado à sementeira do grão ou ao plantio da vinha; daí o não se dever deixar passar o tempo favorável concedido pelo céu”. Esta lei se aplicava apenas ao Império Romano. Naquele data existiam numerosas Igrejas Cristãs fora da jurisdição Romana, todas guardando o Domingo (ver Capítulos VI e VII).

Esta lei não poderia afetá-las de forma alguma. Então, de onde elas teriam obtido o Dia do Senhor, se foi a lei que primeiramente o apresentou? Os Adventistas afirmam esta era uma lei pagã, porque não utiliza um termo Cristão, como “Dia do Senhor” ou “Sábado Cristão”. A resposta é simples: os Cristãos não precisavam de uma lei que os obrigassem a guardar o dia, pois todos eles já o guardavam como um dever Cristão; mas os pagãos não guardavam nenhum dia semanal. Conseqüentemente, a lei era endereçada a eles, e, é claro, foi usado um termo pagão para aquele dia, “o dia do sol”. Esta é a explicação óbvia para ter sido utilizado o nome pagão. Gibbon diz: “Constantino intitula o Dia do Senhor de 'Dies Solis' (Dia do Sol), um nome que não ofenderia os ouvidos de seus súditos pagãos” (History of Roma, Cap. 20, Nota 8).

Doutor Schaff diz: “Durante o tempo em que o Cristianismo não era reconhecido e protegido pelo estado, a observância do Domingo era puramente religiosa, um estrito culto voluntário” (History of the Church, Vol. III, pág. 379). “Constantino é o fundador, ao menos em parte, da observância civil do Domingo”. Antes da lei, todos os Cristãos guardavam voluntariamente o Dia do Senhor como um dever religioso. Agora a lei civil obrigava os pagãos a respeitarem o dia Cristão de descanso. Esta é a pura verdade e tudo sobre ela.

Doutor Schaff, pág. 380, continua: “Cristãos e pagãos estavam acostumados com festas de descanso. Constantino fez com que os descansos sincronizassem e deu preferência ao Domingo, dia em que todos os Cristãos, desde o princípio, celebravam a ressurreição do seu Senhor e Salvador. Isto, e nada mais, estava contido no famoso decreto de 321”.

Os festivais pagãos eram somente anuais, não semanais. Agora eles eram obrigados a guardar um dia de descanso semanal no Domingo, de modo a se harmonizarem com os Cristãos. Os Adventistas atualmente guardam voluntariamente o Sábado como um dever sagrado, embora a lei civil não os obrigue a isto. Do mesmo modo, os Cristãos guardavam voluntariamente o Dia do Senhor como um dever religioso, embora não houvesse lei civil exigindo isso. Agora a lei civil obrigou também os pagãos a respeitarem o dia dos Cristãos, o dia que era então observado pelo imperador e toda a sua corte.

Quanto à confiabilidade do Doutor Schaff como historiador, o Ancião Waggoner diz: “O Doutor Schaff é considerado de forma justa como um homem de extensa erudição, e cujo testemunho sobre fatos ninguém colocará em dúvida” (Replies to Canright, pág. 132). Bom e verdadeiro. Doutor Schaff diz que desde o princípio os Cristãos guardavam voluntariamente o dia da ressurreição, e que Constantino fez uma lei civil obrigando os pagãos a fazerem com que seus dias de festas se harmonizassem com o dia Cristão estabelecido. Os pagãos tiveram que se adequar ao dia Cristão, não os Cristãos ao dia pagão.

Como já comprovamos abundantemente no Capítulo V, os pagãos Romanos não tinham festas semanais. As festas eram todas anuais, como o nosso 4º de Julho, Ação de Graças, etc. Mas o dia do Cristão era semanal, todo Domingo. Constantino fez com que se sincronizassem. Como? Dando preferência ao Domingo, o dia Cristão. Isso está claro o suficiente.

Observe cuidadosamente uma cláusula do decreto, a saber, “aqueles nos campos” tinham plena liberdade para cuidar dos negócios da agricultura. Doutor Schaff dá uma razão para isso: “Ele excluiu de forma expressa os distritos do campo, onde o paganismo ainda prevalecia” (Church History, 3º per., Par. 75, pág. 379). Isto é verdade, e mostra que os pagãos não guardavam o Domingo e nem desejavam fazê-lo. Mas nas cidades, onde havia muitos Cristãos, seus negócios seculares deveriam parar. A lei foi feita para proteger os Cristãos e o dia dos Cristãos; não para proteger os pagãos e um dia pagão. Pelo fato de Constantino, sendo um pagão entre pagãos, reverenciar Apolo, o deus-sol, os Adventistas argumentam que ele reverenciava o Dia do Sol (Domingo) como um dia sagrado; mas este argumento é enganoso. Dia do Sol era simplesmente o nome astrológico para o dia, nomeado a partir do astro, o sol. Ele não tinha qualquer significado religioso, nenhuma conexão com a adoração de Apolo. Este não era adorado no Domingo mais do que em qualquer outro dia da semana. O argumento está fundamentado sobre um jogo de palavras, mas não sobre fatos (ver Capítulo V).

O pai e a mãe de Constantino eram Cristãos, e ele venerava a ambos grandemente. Sua mãe era a santificada Helena, uma das Cristãs mais devotas dos primeiros séculos. Sua influência sobre o filho sempre foi grande. O próprio Constantino declara dessa forma as razões que o levaram a acreditar no Deus de seu pai: “Meu pai reverenciava o Deus Cristão e prosperou continuamente, enquanto os imperadores que adoravam deuses pagãos morreram uma morte miserável. Portanto, para que eu possa desfrutar de uma vida e reinado felizes, vou seguir o exemplo de meu pai e juntar-me à causa dos Cristãos, que estão crescendo diariamente, enquanto os pagãos estão diminuindo”. (Schaff, 3º per. Vol. I, Sec. 2 pág. 19-20). Ele usou este raciocínio quando foi feito imperador em 306 D. C. A respeito dele, Ridpath diz: “Ele percebeu a conclusão do maior silogismo na lógica dos eventos. Ele viu que o destino estava prestes a escrever Finis (Fim) na parte de baixo da última página do paganismo. Logo, por política o imperador começou a favorecer os Cristãos” (History of the World, Vol. I, Cap. III, pág. 881, 882).

No ano 312 D. C., quando da marcha com seu exército em direção à Roma para encontrar seu inimigo, o Imperador Magêncio, ele viu nos céus, ou pelo menos acredita que viu, o sinal da cruz com as palavras “Sob este símbolo vencerás”. Então ele o adotou como estandarte para o seu exército, sob o qual seguiu marchando e sempre para a vitória. Aqui ele professa abertamente a conversão para a religião Cristã. Imediatamente emitiu um edito em favor dos Cristãos. Este se perdeu. A Schaff-Herzog Encyclopedia, artigo “Constantine”, diz: “Pelo segundo (Milan 313), ele garantiu a eles não apenas liberdade de adoração religiosa e seu reconhecimento por parte do estado, mas também reparação das perdas previamente incorridas... Uma série de editos em 315, 316, 319 e 323 completaram a revolução”. Por esses editos o paganismo foi demolido e finalmente prescrito em 323 (ver a vida de Constantino em qualquer livro de história ou enciclopédia).

Os Adventistas tentam colocar incorretamente a sua conversão depois da sua lei Dominical (321 D. C.). Assim fala a Sra. White: “A primeira medida de ordem pública impondo a observância do Domingo foi a lei feita por Constantino dois anos antes de sua confissão ao Cristianismo” (Great Controversy, edição de 1884, Cap. 30, pág. 391; O Grande Conflito, pág. 574, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=1&p=574>). Esta declaração por si só destrói a sua pretensão à inspiração, pois introduz nove anos de atraso, e foi feita com a intenção evidente de provar que a sua lei era pagã.

O Ancião J. H. Waggoner, depois de nomear o decreto de 321, diz: “No tempo em que esses decretos foram emitidos ele não havia feito confissão ao Cristianismo” (Replies to Canright, pág. 29). É espantoso que um homem possa colocar no papel uma declaração tão inteiramente inverídica como esta. Nada está mais claramente estabelecido na história do que o fato de Constantino ter professado abertamente o Cristianismo nove anos antes de seu edito ter sido emitido. (ver a vida de Constantino escrita por Eusébio). Durante anos, antes da lei, ele mesmo e toda a sua casa observaram piamente o Dia do Senhor. (ver Eusébio, mencionado acima).

A New Schaff-Herzog Encyclopedia, artigo “Constantine”, diz: “A impressão produzida pela aparição (a visão da cruz) encontra sua consumação num sonho noturno. A partir das fontes, é certo que a conversão decisiva de Constantino ao Cristianismo deve ser fixada no início da campanha, ou na primavera de 312; e também que a conversão baseou-se em uma experiência única, a aparição ou o sonho, mas a experiência preparatória colaborou com ela... Nas passagens relatadas por Eusébio, e em todas as outras nas quais Constantino fala de uma religião ou crença em Deus, ele se refere ao Cristianismo histórico, e convida, não os Cristãos, mas os pagãos, para essa doutrina; por meio dessa luz, sozinha, fez-se entender pelos seus contemporâneos Cristãos e pagãos”.

Aqui está um claro testemunho de uma autoridade imparcial, partindo de uma reunião de todos os fatos pertinentes que situa a profissão de fé do imperador em 312 D. C., exatamente onde todos os historiadores confiáveis a colocam. Ela se deu nove anos antes da sua lei Dominical. Dean Stanley (History of the Eastern Church, Palestra 6, pág. 201, 202) coloca a conversão de Constantino na mesma data, 312, antes da sua visão da cruz. Ele diz: “Que algumas das mudanças, efetuadas por alguns meios, realizaram-se neste momento de crise, é confirmado não só pelo fato de Constantino ter adotado a fé Cristã imediatamente depois, mas também pela introdução específica do padrão da cruz no exército”.

Gibbon, em seu History of Roma, Vol. XI, Cap. XX, pág. 184, diz: “Cerca de cinco meses depois da conquista da Itália (313 D. C.) o imperador fez uma declaração solene e autêntica de seus sentimentos através do famoso edito de Milão, que restabeleceu a paz para a Igreja Católica”.

Deste tempo em diante ele mesmo se juntou aos Cristãos; fez tudo o que poderia fazer de forma segura para favorecer a estes e contra o paganismo até que, em 323, o baniu completamente. A Encyclopedia Britannica, artigo “Constantine”, diz: “Roma era naturalmente o reduto do paganismo, ao qual a grande maioria do Senado se apegava com grande devoção. Constantino não desejava fazer violência aberta contra tal sentimento, e por isso resolveu fundar uma nova capital”.

Stanley relata como o imperador recusou tomar parte em uma procissão pagã popular em Roma. Ele a ridicularizou abertamente. Diz Stanley: “O povo romano ficou furioso; um tumulto eclodiu nas ruas”. Sua estátua foi apedrejada. Esta é uma boa prova de seu desprezo pelo paganismo. Sua oposição ao paganismo foi a razão para abandonar Roma. Ele fez com que seus filhos recebessem uma educação Cristã. Motivos de conveniência política, porém, levou-o a adiar o pleno reconhecimento do Cristianismo como a religião do estado até que ele se tornou o único governante do império.

Os Adventistas são culpados por interpretar de forma errada a mais evidente intenção da lei. Eles afirmam que a lei obrigou os pagãos e Cristãos igualmente a parar de trabalhar no Domingo, exceto no campo, onde para ambos era permitido trabalhar. Então eles enfatizam o fato de que essa foi a primeira lei já promulgada proibindo o trabalho no Domingo. Assim fala o Ancião Waggoner: “Está plenamente provado que o decreto de Constantino foi a primeira imposição para o descanso no Domingo” (Replies to Canright, pág. 136). Sim, certamente, mas para quem a lei se aplicava? Para os pagãos. Ela foi a primeira lei civil feita pelo estado, depois que seu chefe se tornou Cristão.

Novamente Waggoner diz: “No campo era permitido a todos trabalhar, tanto pagãos quanto Cristãos” (Replies to Canright, pág. 150). Sobre isto é conveniente citar: “Uma meia verdade é tão ruim quanto uma mentira”. De algum modo a lei menciona os Cristãos? Não. Waggoner assume que ela menciona, e baseado nesta falsa suposição conclui que os Cristãos trabalhavam no Domingo, quando não há nenhum indício de tal coisa na lei. A nossa lei atual permite às pessoas muitas coisas que nenhum Cristão faria. Naquele tempo os Cristãos reverenciavam o Dia do Senhor independentemente daquilo que a lei civil permitia.

Pelo fato de a lei permitir aos camponeses trabalharem no Domingo, os Adventistas afirmam que os Cristãos trabalhavam no Domingo até aquela data. Eles não possuem prova disto (ver Capítulo VI). Por trezentos anos o Domingo já vinha sendo um dia sagrado para os Cristãos. Eles o guardavam voluntariamente, como Doutor Schaff declarou acima, e por isso a lei não se aplicava a eles de modo algum, mas obrigou os pagãos, especialmente nas cidades, onde os Cristãos eram numerosos, a parar de trabalhar naquele dia.

O próprio Constantino, sua mãe Helena, todos os seus filhos, sua casa e seus servos observavam devotadamente o Dia do Senhor ao tempo em que o edito foi emitido, em 321. Os Adventistas tentam ignorar tudo isso para promover sua teoria de que era uma lei pagã exigindo que os Cristãos reverenciassem um dia pagão. Esta é uma causa ruim, que exige um raciocínio igualmente ruim.

Outro defensor do Sétimo Dia, Rev. A. H. Lewis, D.D., diz: “O edito não faz referência a algum dia como o Sábado, o Dia do Senhor ou a qualquer outro relacionado com o Cristianismo. Tampouco é um edito endereçado aos Cristãos” (Sabbath and Sunday, pág. 142). Esta é uma boa confissão e exprime exatamente a verdade. A lei era para pagãos que jamais descansaram aos Domingos. A lei os obrigava a fazer aquilo que eles nunca haviam feito antes – parar de trabalhar no Domingo. Os Cristãos não necessitavam dela, pois guardavam o dia como um dever religioso sem qualquer lei civil que os obrigasse. Teria sido um absurdo e inútil para Constantino emitir um edito proibindo os Cristãos de trabalharem no Dia do Senhor, quando por trezentos anos isso já fazia parte da sua fé sagrada.

O próprio argumento que os Sabatistas elaboram para provar que a lei era endereçada aos pagãos, em termos pagãos, serve para provar que os Cristãos não precisavam de tal lei. Eles guardavam o Domingo voluntariamente. Veja o absurdo da teoria Adventista: Os pagãos guardavam o Domingo; os Cristãos não, mas em vez disso, guardavam o Sábado. Constantino desejava que todos guardassem o mesmo dia. Para quem, então, ele teria endereçado a lei? Para os Cristãos, é claro, exigindo deles que mudassem o seu dia. Mas ele não fez tal coisa, pois não havia necessidade disso.

O Ancião J. H. Waggoner faz esta confissão: “Constantino não fez nada que possa ser interpretado como uma mudança do Sábado. Em seu decreto ele não diz uma única palavra, seja a favor ou contra guardar o Sábado da Bíblia. A isto ele não se referiu de modo algum” Replies to Canright, pág. 149, 150). É claro que não, pois sua lei foi endereçada apenas para pagãos que não guardavam nem Sábado ou Domingo. Mas, após a sua conversão, professada em 312, ele não manteve pagãos em cargos elevados? Ele não ordenou que sacrifícios fossem feitos a deuses pagãos? Ele não ordenou que alguns ritos pagãos fossem executados para ele mesmo? Sim. Por que? Por causa da política. Ele teve que agir desse modo para evitar uma rebelião dos seus súditos pagãos, os quais ainda eram numerosos e poderosos. Ele teve que aguardar as oportunidades, como fazem todos os governantes e reformadores.

Ele não poderia mudar a religião e costumes de todo um império num só dia. Ele usou o senso comum, como fez Lincoln ao abolir a escravidão. Lincoln retardou-a por alguns anos mesmo depois dos radicais o censurarem por suas indecisões e meias medidas. Atualmente todos concordam com o curso que ele tomou. Constantino seguiu o mesmo curso sábio ao abolir o paganismo. Da mesma forma os Adventistas o acusam de ser meio pagão, por ele não representar o papel de tolo fanático e não ter feito imediatamente o que era impossível. Quando ele se tornou imperador, os pagãos estavam em maioria e ocupavam todos os cargos importantes. Ele teve que contar com eles até que pudesse gradualmente mudar todo o contexto. Seguindo tal curso, evitou uma oposição que o teria derrotado. Posteriormente ele levou à cabo a revolução religiosa em um período de tempo notavelmente curto – dez anos. Nem antes, nem depois, o mundo testemunhou uma revolução tão tremenda em tão curto período de tempo, mas a sua conversão ao Cristianismo fez isto.

Tenho diante de mim a “Vida de Constantino”, escrita por Eusébio, Bispo de Cesaréia, na Palestina. Ele estava frequentemente com o imperador em seu palácio, à sua mesa, na igreja, nos concílios da Igreja. Ele relatou como o imperador favoreceu os Cristãos e suprimiu o paganismo tão rápido quanto possível; fechou seus templos, proibiu a adoração, escreveu e pregou contra ídolos.

Mas Constantino, muito tempo depois de professar o Cristianismo, manteve o título e ofício pagãos de “Pontifex Maximus”, ou “Supremo Pontífice” do paganismo. Sim, porque isto ainda dava a ele autoridade para regulamentar aquela adoração, e usou o cargo para reduzir gradualmente uma coisa após a outra naquela religião, até que, em 323, suprimiu-a inteiramente. Nisto ele seguiu uma política de sucesso, isso é tudo.

Nas páginas anteriores provamos claramente que os Cristãos guardavam o Domingo como um dia sagrado séculos antes do tempo de Constantino. Eusébio, que viveu com Constantino, fala repetidamente que todos os Cristãos guardavam o Domingo naquele tempo e antes dele. Provamos categoricamente, umas poucas páginas atrás, que os pagãos Romanos não descansavam no Domingo, e conseqüentemente não possuíam um Domingo de descanso para oferecer aos Cristãos.

Nada pode ser mais razoável e simples do que o fato de que, quando Constantino professou o Cristianismo ele poderia, tão cedo quanto possível, fazer uma lei para proteger o dia Cristão de descanso, o mesmo que os líderes Cristãos haviam feito desde sempre. Isto é exatamente o que ele fez, e é tudo sobre a questão. Não vem ao caso para o assunto se ele era realmente um homem convertido ou um mero mestre da política. Ele professou ser um Cristão e todos os seus editos foram emitidos para favorecê-los, a lei Dominical com o restante.

Eusébio declara categoricamente, em seu “Vida de Constantino”, Capítulo XVIII, que a lei foi decretada especialmente para proteger o Dia do Senhor para adoração Cristã. Eusébio viveu exatamente onde a lei foi feita, e na época que foi editada. Ele era intimamente ligado a Constantino e afirmou claramente a razão da lei ter sido promulgada. Saberia ele mais do que alguns Adventistas partidários de dezesseis séculos depois? Ouça Eusébio:

“Ele [Constantino] ordenou, também, que um dia fosse considerado como uma ocasião especial para oração; quero dizer, aquele que é verdadeiramente o primeiro e principal de todos, o Dia do nosso Senhor e Salvador. Todo o cuidado de sua casa foi confiado a diáconos e outros ministros consagrados para o serviço de Deus, e destacados pela sobriedade de vida e muitas outras virtudes; enquanto seus guarda-costas de

confiança, fortes em afeto e fidelidade à sua pessoa, acharam em seu imperador um instrutor na prática da piedade, e, como ele, mantinham em honra o salutar Dia do Senhor e cumpriam naquele dia as devoções que ele amava.

A mesma observância foi recomendada pelo abençoado príncipe para todas as classes de seus súditos; sendo o seu desejo sincero conduzir gradualmente toda a humanidade à adoração de Deus. Desse modo ordenou a todos os seus súditos do Império Romano que observassem o Dia do Senhor como dia de descanso”.

Note que todos os servidores na casa de Constantino eram Cristãos e todos guardavam o Dia do Senhor junto com o imperador. Ele ordenou que todos os seus súditos descansassem nesse dia, de modo que os Cristãos pudessem estar livres para participar da adoração no Dia do Senhor.

Muitos Cristãos eram escravos de senhores pagãos e não poderiam descansar, a menos que seus donos fizessem o mesmo. A lei obrigava os senhores pagãos a parar de trabalhar naquele dia. Assim seus escravos poderiam guardar o dia do Senhor.

Constantino considerava a si mesmo alguém chamado por Deus para cuidar da Igreja nas coisas externas, como os bispos eram chamados para cuidar das questões internas. Ele disse: “Vós sois bispos cuja jurisdição está dentro da Igreja. Eu também sou um bispo ordenado por Deus para supervisionar tudo o que é externo à Igreja” (Eusébio, Vida de Constantino, Capítulo XXIV).

Foi por isso que ele fez a sua lei Dominical – para socorrer a Igreja. Existe um outro testemunho confiável para o fato de que a lei Dominical de Constantino visava proteger o Dia do Senhor, não proteger um dia pagão. O historiador Sozomeno nasceu na Palestina, o lar dos apóstolos, a apenas cerca de sessenta anos após a morte de Constantino. Ela foi um renomado advogado em Constantinopla, lar de Constantino. Portanto, estava familiarizado com todas as leis do imperador e conhecia os seus objetivos. Sobre a lei Dominical, ele diz: “Ele também ordenou a observância do dia denominado Dia do Senhor, porque nele Cristo ressuscitou da morte” (Historia Ecclesiastica, Cap. IX, pág. 22).

Este testemunho vindo de uma autoridade que viveu naquele contexto deve ser, e é, decisivo. A lei visava proteger o Dia do Senhor, porque Cristo ressuscitou naquele dia, não porque era um dia pagão de festa. Qualquer homem honesto há de ver a realidade. Isto explode completamente a teoria Adventista de que era uma lei pagã impondo um dia pagão.

Quando o Ancião A. T. Jones foi editor do periódico de sua igreja, era o historiador mais bem esclarecido do Adventismo do Sétimo Dia. Em seu recente livro, “The Reformation”, publicado em 1913, ele não apenas admite, mas declara abertamente, que a lei Dominical de Constantino foi emitida por ordem de Constantino para ajudar a Igreja. Ele diz: “A instituição do Domingo, e tudo o que estava relacionado com ela, foi inteiramente para a Igreja. E quando vindo da união das Igrejas o Estado aceitou e incorporou na lei essa instituição exclusivamente eclesiástica; e isto, pelo simples fato de ter sido feito, causou a união da Igreja com o Estado... Foi só pelo favorecimento do grande esquema montado pelos bispos e a combinação entre as Igrejas que foi possível estabelecer o Estado como 'o Reino de Deus'” (pág. 315).

Temos aqui a real verdade sobre a lei Dominical. Ela foi emitida por um imperador professadamente Cristão, para favorecer a Igreja Cristã, protegendo seu dia Cristão de adoração que já era há muito tempo considerado sagrado por eles. Constata-se de pronto que o zelo de Constantino em ajudar a Igreja foi imprudente e prejudicial em seus resultados; mas o fato permanece exatamente o mesmo.

O edito de Constantino foi o primeiro já feito por alguém proibindo os negócios seculares no Domingo. Todos os historiadores concordam nisto. Esse próprio fato arruína a reivindicação Adventista de que o dia, como um dia de descanso, se originou com os pagãos.

Considere agora: se os pagãos Romanos viessem guardando o Domingo como um dia sagrado de adoração, por que nunca antes eles tiveram uma lei proibindo o trabalho naquele dia? Será que os pagãos, durante séculos, paravam voluntariamente o seu trabalho naquele dia sem nenhuma lei exigindo isto? Mesmo em terras Cristãs, com leis rigorosas contra os negócios no Domingo, é difícil levar as pessoas a observarem o dia. Eram os pagãos mais religiosos do que os Cristãos? O imperador Romano sempre foi o líder da religião pagã, da mesma forma que o Papa é o líder da Igreja Católica. Seu edito era lei para eles. Ele era o “Pontifex Maximus”, o que lhe autorizava regulamentar a adoração pagã. Se fosse parte da religião pagã considerar o dia como sagrado, por que essa foi a primeira lei já emitida, até que o imperador professasse o Cristianismo, proibindo o trabalho no Domingo? Fiz esta pergunta aos Adventistas, e eles me deram apenas

uma resposta evasiva. O fato simples é: até o tempo de Constantino os Cristãos eram terrivelmente perseguidos e estavam em minoria, e assim não poderiam ter influenciado numa lei civil proibindo o trabalho no Domingo, o dia que todos eles já guardavam, como temos visto.

Os pagãos não observavam o Domingo, mas trabalhavam neste dia, do mesmo modo que todos os outros dias. Logo eles não queriam nenhuma lei proibindo o trabalho que estavam acostumados a fazer naquele dia. Uma lei Dominical era justamente aquilo que os pagãos não queriam; e por isso Constantino, através da sua autoridade como imperador, emitiu um edito obrigando os súditos pagãos a descansarem no Domingo, o mesmo que os Cristãos faziam e vinham fazendo por trezentos anos. A lei foi feita para favorecer os Cristãos, não os pagãos. Os Adventistas admitem que a lei foi feita em prol dos Cristãos.

Novamente o Ancião Jones, no Battle Creek Journal, 11/Dezembro/1888, diz: “Está demonstrado que a primeira lei Dominical decretada foi a pedido da Igreja, em favor da Igreja e expressamente para ajudar a Igreja”.

Tal reconhecimento verdadeiro derruba a reivindicação de que a lei era uma lei pagã para proteger um dia pagão. Foi exatamente o contrário – uma lei para obrigar os pagão a pararem de trabalhar no dia em que os Cristãos guardavam com dia sagrado. Junte a isto o reconhecimento de Waggoner citado acima, a saber, que “a idéia de descanso do trabalho secular em sua adoração era inteiramente nova para os pagãos”. Assim era, mas os Cristãos já guardavam o dia por séculos. Com quem, então, “se originou” o costume de descansar do trabalho no Domingo e guardá-lo como um dia sagrado de adoração? Ele teve a sua origem com os Cristãos, não com os pagãos.

CAPÍTULO IX

O DIA DO SENHOR NOS CONCÍLIOS DE NICÉIA, 325 D. C., E DE LAODICÉIA, 364 D. C.

O mundialmente famoso concílio foi realizado em Nicéia, território grego próximo à Constantinopla, em 325 D. C. Ele foi o primeiro concílio geral da Igreja Cristã. Dean Stanley, em seu *History of the Eastern Church*, dedica cem páginas ao concílio. Na página 99 ele diz que o concílio foi Oriental, realizado no centro da Igreja Oriental; seus decretos foram aceitos por toda a Cristandade “como uma determinação das doutrinas fundamentais do Cristianismo” (pág. 102). “Foi uma assembléia democrática; nenhum Papa governou sobre ele” (pág. 107).

Na convocação do concílio, o Bispo de Roma não foi consultado; nem ele ou algum bispo da Itália compareceram. Somente dois presbíteros vieram para representar Roma e apenas cinco ou seis bispos de todo o oeste. Estavam presentes trezentos e dezoito bispos; todos eram das Igrejas Gregas Orientais, exceto os seis mencionados acima. Ele foi enfaticamente um concílio Grego Oriental, realizado em território grego e conduzido na língua grega. A *Encyclopedia Britannica*, artigo “Nice” (Nicéia), diz: “O oeste foi o mais fracamente representado. Dois presbíteros, como delegados do Bispo de Roma, Silvestre I, estavam presentes. Assim, a imensa maioria do Sínodo veio do leste.”

A *Encyclopedia*, de McClintock e Strong, diz: “A maioria das províncias Orientais estava solidamente representada”. Dean Stanley nomeia as origens dos bispos presentes: do “alto Nilo”, do “interior da Ásia”, um da Armênia e um da longínqua Índia.

A *Catholic Encyclopedia* diz: “A maioria dos bispos presentes era grega”. Encontravam-se presentes apenas cinco bispos ocidentais. Eusébio, em seu *Vida de Constantino*, Capítulo VII, nomeia os muitos países de onde vieram os bispos, como “Sírios e Cilícios, Fenícios e Arábicos, delegados da Palestina e outros do Egito, Tebanos e Líbios, com os que vieram da região da Mesopotâmia”. Um bispo Persa também estava presente na conferência, e nem mesmo um Cita foi achado em falta entre eles. Ponto, Galácia, Panfília, Capadócia, Ásia e Frígia forneceram os mais destacados prelados, enquanto os que habitavam nos distritos mais remotos da Trácia e Macedônia, da Acaia e Eubéia, não obstante estavam presentes. Até mesmo da Espanha veio um. É de se destacar que essa lista está de acordo com os países nomeados em Atos 2, em Pentecoste. Bispos vieram de todos aqueles países, mas nem Roma ou a Itália foram sequer mencionados por Eusébio. Uma vez que esse foi um concílio geral da Cristandade em 325 D. C., revela-se quão pouca influência a Igreja Romana possuía naquele tempo.

Naquela data existiam milhares de bispos Gregos, representando três milhões de Cristãos do leste. O Doutor Schaff estima que havia de mil e duzentos a mil e quinhentos indivíduos do baixo clero no concílio, além dos trezentos e dezoito bispos, ou seja, mil e oitocentos ao todo. Destes, apenas seis eram do oeste. No vigésimo Artigo, aceito de forma unânime pelo concílio, lemos:

“Uma vez que alguns se ajoelham no Dia do Senhor e no dia de Pentecoste, o santo sínodo decidiu pela observância de uma regra geral, que todos devem oferecer suas orações a Deus de pé”.

Será visto adiante que isto simplesmente ratifica o Dia do Senhor como um dia Cristão de adoração familiar bem conhecido de todos no grande concílio Oriental. Não houve discussão sobre ele, nenhuma oposição a ele. Ali estavam mil e oitocentos bispos e clérigos, praticamente todos pertencentes às Igrejas Orientais. Algum deles objetou que todos deveriam guardar o Sábado ao invés do Dia do Senhor? Não, nem

uma única alusão ao Sábado. Todos concordaram quanto ao dia, e isso aconteceu cerca de cem anos antes do Papado ter nascido e apenas quatro anos depois da lei de Constantino, de 321 D. C., referente ao Domingo.

Algum daqueles mil e oitocentos ministros das antigas Igrejas Gregas estabelecidas se opôs dizendo que o Dia do Senhor era um dia novo e pagão, que teria sido imposto a eles recentemente? Poderia toda a Cristandade mudar tão rápido e facilmente numa matéria tão importante como esta, e sem que um único delegado levantasse uma objeção? O fato simples de que o grande concílio, não muito distante dos dias dos apóstolos, de forma unânime, sem nenhum questionamento, confirmasse o Dia do Senhor, é prova positiva de que a observância do Dia do Senhor já era há muito tempo um costume estabelecido de toda a Igreja. O Bispo de Jerusalém, a primeira Igreja de todas, estava presente e votou com o restante. O que foi dito sobre guardar o Sábado? Nenhuma palavra. Ele não foi nem ao menos mencionado de algum modo. Isso mostra que ele havia sido descontinuado há muito tempo antes do concílio.

Um editorial do Advent Review and Herald, 26/Fevereiro/1914, cita o seguinte: “Descobri que trezentos e vinte e cinco anos depois do Cristianismo ter nascido, um concílio de seres humanos, chamado de Concílio de Nicéia, convocado por um ser humano chamado Constantino o Grande, instituiu Sábado o primeiro dia, para substituir Sábado o sétimo dia”. O editor confirma a colocação do autor: “A posição que o escritor do texto assume é invencível e os argumentos irrespondíveis”.

Assim, de acordo com o Review, para o editor e o escritor, o primeiro dia foi “instituído” como Sábado naquela data e por esse grande concílio! Mas, como temos visto, este foi um concílio Oriental, não Ocidental; um concílio Grego, não um Romano. Dos trezentos e dezoito bispos presentes, apenas seis eram do Oeste ou território Romano; apenas dois presbíteros de Roma ou Itália. As Igrejas de Roma, Itália, e o Oeste, estavam em número tão reduzido no grande concílio que Eusébio, em seu extenso relato, nem menciona Roma ou a Itália! Assim, então, se o editor e seu escritor estivessem corretos, o Dia do Senhor teria sido instituído pela Igreja Grega Oriental, não pela Igreja Romana, nem pelo Papa, nem pelo Papado, pois nenhum destes teve qualquer influência no concílio. Seu próprio argumento contraria a sua declaração de que Roma mudou o dia.

Entretanto, como indicado acima, o concílio Grego em Nicéia, em 325 D. C., de forma alguma “instituiu” Sábado o primeiro dia para substituir Sábado o sétimo dia. Não existe o menor vestígio de tal coisa. Isto é puramente uma invenção Adventista, um claro exemplo de suas premissas desprovidas de fundamento. O Sábado nem ao menos foi mencionado. Simplesmente é reconhecido o Dia do Senhor como uma instituição existente bem conhecida; e apenas foi regulamentada a atitude de oração no dia. A mudança do dia não foi nem ao menos mencionada. O Sábado Judaico só pode ser defendido por meio de afirmações não comprovadas como essas.

Ali, então, estava em seu majestoso corpo os mais sábios e devotados delegados Cristãos recém saídos das chamas do martírio, representando cerca de três milhões de Cristãos Gregos Orientais das igrejas estabelecidas pelos apóstolos há apenas um curto período de tempo anterior. Todos foram unânimes em guardar o Dia do Senhor. Teriam os pagãos, dos então longínquos rincões de Roma, conseguido trazer um dia pagão para estas Igrejas Gregas devotadas; e teriam cerca de três milhões de Cristãos Gregos – todos de forma imediata – desistido do antigo Sábado e aceitado prontamente esse novo dia pagão Romano, sem nenhum argumento de protesto? E os Adventistas nos pedem para crer em tudo isso, ou senão estamos perdidos!

Agora atente para o seguinte texto retirado da última edição do Advent History of the Sabbath, 1912: “O Gnosticismo e o concílio puseram de lado o Sábado de Jeová... O imperador e o concílio mostraram aversão ao Sábado do Senhor” (pág. 394, 395).

É triste para alguém ler tamanha deturpação dos fatos mais evidentes da história. Nem o imperador ou o concílio mencionaram o Sábado de modo algum. Como eles poderiam, então, mostrar aversão pelo Sábado? Tais afirmações sem fundamento podem ser encontradas com frequência por todo o seu History of the Sabbath (História do Sábado) e em outros livros.

O CONCÍLIO DE LAODICÉIA, 364 D. C.

Há cerca de vinte anos atrás, em um artigo que circulou amplamente, de autoria do presente escritor, afirmei que fora dos catecismos Católicos os Adventistas não poderiam produzir prova alguma de que os Papas, ou o Papado, ou a Igreja Romana mudaram o Sábado. O Ancião J. H. Waggoner, um de seus mais

hábeis autores, foi indicado para a tarefa de contestar. Todas as facilidades foram concedidas a ele; as bibliotecas da América e Europa foram vasculhadas. Como resultado do melhor que podia fazer, ele selecionou o Concílio de Laodicéia, 364 D. C., como o lugar e tempo, onde e quando, o Sábado foi mudado pelo Papa. O vigésimo-nono cânon do concílio está assim redigido: “Os Cristãos não devem judaizar e descansar no Sábado, mas trabalhar nesse dia, mas preferir o Dia do Senhor. Devem descansar, se possível, como Cristãos. Pelo que, se forem achados judaizando, sejam amaldiçoados de Cristo”.

Sobre isto o Ancião Waggoner diz: “Agora, se qualquer um consegue imaginar o que poderia ter mudado o Sábado, se não for isto, eu ficaria extremamente feliz em aprender o que poderia ser... Agora afirmo que satisfiz sua exigência; mostrei a data, o lugar e o poder que mudou o Sábado” (Replies to Canright, pág. 141, 161). Ele declara que aquele foi “um concílio Católico”, e que “historiadores antes e depois fizeram muita menção” a este concílio. Agora vamos examinar sua posição.

1. Se o Papa mudou o Sábado pelo Domingo no concílio, como afirma, então certamente ele não foi mudado antes ou depois, nem em qualquer outro lugar. Logo, se isso for falho, toda a sua causa estará perdida. Permita-se o leitor prestar atenção na importância desta colocação.

2. Ele admite o que todo estudioso já sabe: que até após o tempo de Constantino, o Bispo de Roma “não possuía qualquer autoridade sobre os outros bispos”, e assim não poderia ter mudado o Sábado antes daquele tempo. Ele diz: “Foi o próprio Constantino quem lançou os alicerces do Papado” (Replies to Canright, pág. 148). Seguramente o Papado não existia antes dos seus alicerces serem lançados.

3. Ele admite, como já mostrado, que Constantino não fez nada para mudar o Sábado.

4. Mas já provamos abundantemente nas páginas precedentes que muito antes dessa data todos os Cristãos eram unânimes em observar o Dia do Senhor. Este simples fato prova o total absurdo da afirmação de que o Sábado foi mudado em Laodicéia, 364 D. C., ou pelo Papado em qualquer tempo.

5. No ano 324, ou exatamente quarenta anos antes do Concílio de Laodicéia, Eusébio, Bispo de Cesaréia, na Palestina, escreveu sua célebre História do Cristianismo. Ele tinha todas as oportunidades possíveis para saber aquilo que os Cristãos faziam por todo o mundo. Ele diz: “E todas as coisas que eram dever fazer no Sábado, essas nós transferimos para o Dia do Senhor como mais honorável do que o Sábado Judaico” (Sabbath Manual, pág. 127). Este era o modo como o Sábado e o Domingo se mantinham na Igreja quarenta anos antes de Laodicéia. Eles não guardavam o Sábado, mas guardavam o Dia do Senhor; haviam transferido todas as coisas para este. Quanta verdade, então, pode haver na posição de que o Sábado foi mudado para o Domingo pelo Papa, quarenta anos depois?

Vamos olhar para os fatos reais do concílio de Laodicéia. Os Adventistas do Sétimo Dia afirmam duas coisas, a saber, que o Sábado foi mudado pela Igreja Romana; e que isto foi feito pela autoridade do Papa. Então eles escolheram o Concílio de Laodicéia como o lugar e a época, mas:

1. Laodicéia não é Roma. Ela está situada na Ásia Menor, cerca de 1.600 quilômetros a leste de Roma. Ela ficava na Ásia, não na Europa. Era uma cidade Oriental, não Ocidental; não era uma cidade Latina.

2. Ela era uma cidade Grega, não uma cidade Romana.

3. O Papa de Roma não compareceu ao concílio em Laodicéia (364 D. C.). Waggoner afirma que ele compareceu? Não, porque ele sabe que o Papa não compareceu.

4. O Papa não compareceu, nem enviou um emissário ou um delegado ou qualquer outro para representá-lo. Na verdade, nem a Igreja Católica nem o Papa tiveram nada a ver com qualquer coisa do concílio, seja na formação ou na condução. Ele se realizou independentemente do seu conhecimento ou consentimento.

5. Naquela data antiga, 364 D. C., os Papas, ou melhor, os Bispos de Roma, não tinham autoridade sobre outros bispos. O concílio realizou-se duzentos anos antes de eles serem investidos com autoridade sobre as Igrejas Ocidentais. Nem o Papa nem o Papado jamais tiveram qualquer autoridade, seja de que tipo fosse, sobre as Igrejas do Oriente, onde esse pequeno concílio foi realizado (ver *History of the Popes*, de Bower, ou qualquer livro sobre história da igreja). Falando de Silvestre I, que foi Bispo de Roma em 314 a 336 D. C., apenas vinte e oito anos antes do concílio em Laodicéia, o Ancião Waggoner diz: “O Bispo de Roma não tinha, então, ainda obtido qualquer tipo de autoridade sobre os outros bispos” (*Replies to Canright*, pág. 143). Isto é correto. Teriam eles, nos vinte e oito seguintes, ganhado autoridade para mudar a guarda do Sábado de um dia para o outro, e isso em todo o mundo? Irracional!

6. Libério era Bispo de Roma na época do concílio em Laodicéia. Ele foi degradado de seu ofício, banido e tratado com o máximo desprezo. Bower diz que, de modo a terminar seu exílio, Libério “escreveu da forma mais submissa e chorosa aos bispos Orientais” (*History of the Popes*, Vol. I, pág. 64). E este foi o Papa que mudou o Sábado, num concílio destes mesmos bispos Orientais, distante 1.600 quilômetros, ao qual ele não compareceu!

7. O Concílio de Laodicéia foi apenas um concílio local, um acontecimento de importância reduzida, e não um concílio geral. O Ancião Waggoner o magnifica transformando-o em um grande “concílio [geral] Católico”, uma afirmação que é completamente falsa. Os concílios gerais foram: 1. o de Nicéia, 325 D. C.; 2. o de Constantinopla, 381 D. C.; 3. o de Éfeso, 431 D. C.; etc. (ver Capítulo VIII deste livro. Ver também a lista na *Cyclopedia*, de Johnson, ou qualquer história eclesiástica). Bower, em sua extensa obra *History of the Popes* (História dos Papas), dá um relato de todos os concílios gerais; dos concílios locais importantes e de todos nos quais Roma ou os Papas estavam relacionados, mas ele nem ao menos menciona o de Laodicéia. Ele diz: “Diversos outros concílios foram realizados do ano 363 a 368, dos quais não temos comentários em particular” (Vol. I pág. 79).

8. Eu pesquisei em um grande número de enciclopédias e livros de história da igreja, e na maioria deles não encontrei absolutamente qualquer menção ao concílio de Laodicéia; apenas umas poucas linhas em alguns. Doutor Schaff, em seu *History of the Church*, dá um relato extenso de todos os concílios gerais e dos concílios locais importantes, mas não faz qualquer menção ao de Laodicéia. Rev. W. Armstrong, um estudioso de Canton, Pa., diz: “Este concílio não é mencionado por Mosheim, Milner, Euter, Reeves, Socrates (Scholasticus), Somozen, nem por quatro outros historiadores que estão sobre a minha mesa”. A *Cyclopedia*, de McClintock e Strong, diz desse concílio: “Estavam presentes trinta e dois bispos de diferentes províncias da Ásia”. Todos bispos da Igreja Oriental, nem um único da Igreja Romana! E ainda assim este foi o tempo e o lugar, quando e onde, de acordo com os pontos de vista Adventistas, a Igreja Romana e os Papas mudaram o Sábado! Naquela data havia cerca de dois mil bispos e oito milhões de Cristãos, espalhados por todo o mundo.

9. Agora pense sobre isto: esse pequeno concílio local de trinta e dois bispos revoluciona o mundo inteiro com relação à guarda do Sábado, de forma instantânea e sem oposição!

10. O fato é que o concílio simplesmente regulamentou nesta localidade uma instituição já há muito estabelecida, o Dia do Senhor, do mesmo modo que também o fizeram concílios posteriores. Se isso mudou o Sábado para o Domingo, então ele foi mudado uma centena de vezes desde então! Os Sabatistas apontam para essas diferentes resoluções como sendo muitos atos na mudança do Sábado, quando as mesmas não têm a mais remota relação com tal coisa; em analogia, não são mais do que as resoluções relacionadas com guarda do Domingo que são passadas atualmente de ano em ano em todas as nossas

assembléias religiosas. O Ancião E. J. Waggoner faz esta declaração verdadeira: “Os decretos dos concílios não tiveram, como regra geral o objetivo de serem leis arbitrárias ditando o que deveria ser, mas eram formulações das opiniões e práticas amplamente dominantes de seu tempo... A infalibilidade foi atribuída ao Papa centenas de anos antes de se tornar dogma da Igreja” (Fathers of the Catholic Church, pág. 333). Exatamente, e da mesma forma o Dia do Senhor tinha sido guardado pela Igreja centenas de anos antes de o Concílio de Laodicéia tê-lo mencionado.

11. A Igreja de Laodicéia, onde o concílio foi realizado, foi fortalecida pelo próprio Paulo (Col. 4: 13, 16). Ela era uma das sete Igrejas para as quais João escreveu (Apoc. 3:14). Conseqüentemente é certo que ela era bem instruída e fundamentada nas doutrinas dos apóstolos. Entre Paulo e o concílio, isto é, em 270 D. C., Anatólio foi Bispo de Laodicéia. Ele escreveu: “Nossa consideração pela ressurreição do Senhor, que se deu no Dia do Senhor, nos conduzirá a celebra-lo sobre o mesmo princípio” (Cânon 16). Aqui temos que a Igreja guardava o Domingo cem anos antes do concílio.

12. Finalmente, se o Concílio de Laodicéia mudou o Sábado, como dizem os Adventistas, então ele foi mudado pela Igreja Grega, ao invés da Igreja Romana; mudado pelas Igrejas Orientais sobre as quais Roma não tinha autoridade; mudado antes de o Papado ser estabelecido; por um pequeno concílio local ao qual nem o Papa ou qualquer de seus servidores compareceu. O absurdo desta afirmação é manifesto sem maiores argumentos.

Mas, afinal, o que esse concílio fez em relação ao Sábado? Ele diz que os Cristãos não deveriam judaizar guardando o Sábado, mas deveriam guardar o Dia do Senhor. O que ocasionou tal repreensão? Eusébio, o primeiro historiador da Igreja, escrevendo quarenta anos antes, tem em seu Capítulo XXVII, “A Heresia dos Ebionitas”:

“Eles também observam o Sábado e outros preceitos dos Judeus, assim como eles, mas, por outro lado, também celebram o Dia do Senhor exatamente como nós, em comemoração da Ressurreição”.

Em seu “História da Igreja”, Eusébio apresenta as doutrinas e práticas da grande Igreja Cristã, que contava então com cinco milhões. Mas havia uma pequena seita herética denominada Ebionitas. Qual era o seu erro? No que eles diferiam da Igreja universal? Eles insistiam em guardar o Sábado Judaico juntamente com o Dia do Senhor. Desse modo, quarenta anos antes de Laodicéia, guardar o sétimo dia era rotulado como heresia por toda a Igreja, exatamente como é hoje. Isso era praticado apenas por uns poucos, e o concílio os condenou. A Igreja Grega Oriental foi a única que criticou abertamente a observância do Sábado Judaico, isto é, se este foi o tempo e lugar onde isso foi feito. Como fica, então, a afirmação de que a mudança do Sábado foi feita pelo Papa, o Papado, ou a Igreja Romana?

Agora que o Ancião Waggoner apoiou seu caso no Concílio de Laodicéia quanto ao tempo e lugar, quando e onde o Sábado foi mudado; ele não desapontou e desapontou totalmente? Como visto acima, aquele foi um concílio de bispos Orientais, um concílio Grego, ao qual nem o Papa nem qualquer representante seu compareceram. Nem o Papa, nem o Papado ou a Igreja Romana tiveram a mais remota coisa a ver com o concílio. É como a reivindicação de que a Rússia estabeleceu o nosso Quatro de Julho. No fracasso de Waggoner, a denominação fracassou, pois ele foi escolhido para defendê-la neste ponto vital.

CAPÍTULO X

O PAPADO E O DIA DO SENHOR.

”O Papado mudou o Sábado” (Replies to Canright, pág. 119). Este é um princípio condutor na fé dos Adventistas do Sétimo Dia, insistido fortemente em todos os seus ensinamentos. Aqui está um exemplo em suas próprias palavras, extraído de Word of Truth, Série nº 33: “Eles crêem que a mudança do Sábado, do sétimo dia para o primeiro dia da semana, foi levada a cabo pelo Papado, e que esta mudança é predita em profecia (Dan. 7:25), e que ela se constitui do sinal ou marca do Papado”. Toda a sua literatura, especialmente a da Sra. White, abunda nestas afirmações enfáticas. Nada poderia estar mais longe da verdade do que essa afirmação. Toda a história é contra ela.

Deveria ser entendido de forma cuidadosa que o Papado é distintivamente e inteiramente um produto da Igreja local em Roma, a Igreja Latina, a Igreja no oeste, na Itália. O “Papado”, em qualquer sentido da palavra, só começou a existir após quatro ou cinco séculos depois de Cristo. A princípio ele estava restrito inteiramente à Itália; então foi gradualmente ampliado sobre as Igrejas Ocidentais. Mesmo lá ele não foi plenamente estabelecido até 600 D. C. Ele nunca foi reconhecido no Leste pela grande Igreja Grega Oriental, nem mesmo até o dia de hoje. A Schaff-Herzog Encyclopedia, artigo “Papacy” (Papado), diz: “Durante o primeiro período após a fundação da Igreja Cristã, os Bispos de Roma não exerciam a primazia. O Concílio de Nicéia (325) não reconhece nada sobre uma primazia de Roma sobre o restante da Igreja”. Isto é exatamente no quarto século.

A New Universal Cyclopædia, de Johnson, artigo “Pope” (Papa), diz: “Nenhuma supremacia foi reivindicada ou reconhecida durante o primeiro, segundo e terceiro séculos; e quando em 343, no Concílio de Sardica, a supremacia da Sé Romana sobre as Igrejas Cristãs foi comentada pela primeira vez em termos indisfarçáveis, os bispos Orientais protestaram e deixaram o concílio”. Novamente isto é perto da metade do quarto século, mas mesmo ali houve oposição e o concílio nunca foi reconhecido no Leste.

Mas as próprias autoridades Adventistas irão estabelecer este ponto. O Ancião J. H. Waggoner diz: “Silvestre I era Bispo de Roma durante a maior parte do reinado de Constantino (312-336). Ele decretou que o Domingo deveria ser chamado de Dia do Senhor (não existe tal decreto. D.M.C.). Mas isso só poderia afetar a Igreja de Roma, pois na época o Bispo de Roma não tinha obtido qualquer autoridade sobre os outros bispos... Foi o próprio Constantino quem lançou os alicerces do Papado” (Replies to Canright, pág. 143, 148).

O Ancião Waggoner admite a história abundantemente comprovada, a saber, que até o quarto século o Bispo de Roma não tinha autoridade sobre outros bispos, e que o alicerce do Papado não havia sido lançado até 325 D. C., no Concílio de Nicéia. Com certeza, então, o Papado não existiu antes do alicerce que o lançou. Mas no Capítulo VI deste livro fornecemos provas abundantes de que o Domingo era observado por todos os Cristãos em pelo menos 140 D. C., ou cerca de duzentos anos antes que os alicerces do Papado fossem lançados, como Waggoner admite. Volte algumas páginas e leia onde Justino Mártir diz: “E no dia chamado Domingo, todos os que vivem nas cidades ou nos campos se reúnem em um só lugar”, e então descreve seus encontros quase do mesmo modo como nós conduzimos atualmente. Novamente ele diz: “Mas Domingo é o dia no qual temos nossa assembleia comum”, etc. Aqui nós temos o Domingo observado por todos os Cristãos duzentos anos antes do Papado existir; antes que o Bispo de Roma pudesse exercer autoridade sobre outros bispos. Fica patente a tolice de atribuir o início da guarda do Domingo ao Papado de duzentos anos depois.

Descendo mais adiante para a metade do quinto século, Waggoner cita com aprovação o texto da McClintock and Strong Cyclopedia: “Leão I, santo e Papa, denominado O Grande, é apontado como o real fundador do Papado”.

Isso foi aproximadamente na metade do quinto século. No mesmo artigo McClintock e Strong falam da tentativa de Leão para comandar outras Igrejas: “Uma forte oposição foi rapidamente organizada, tanto no Oeste como no Leste, a qual logo assumiu uma atitude de desafio aberto”. Ainda assim, apenas uma pequena parte do Oeste deu ouvidos às reivindicações de Leão. O Leste o desafiou. Quanta influência poderia ter o Papado naquela data para mudar o Sábado em todo o mundo? Absolutamente nenhuma.

O periódico Católico mensal The Ecclesiastical Review, Fevereiro de 1914, pág. 237, falando da controvérsia da Páscoa, em 154 D. C., diz: “Tímida, então, como sempre tem sido para assimilar observâncias ocidentais, a Igreja Oriental enviou São Policarpo à Roma”, para protestar contra tal intromissão no costume oriental. Como o autor Católico admite, a atitude da Igreja Grega Oriental em relação à Roma sempre foi a de oposição. Como, então, poderia o Papado impor sobre aquelas grandes Igrejas Orientais independentes um dia pagão que eles nunca haviam guardado? Os Adventistas se apóiam no Concílio de Laodicéia, 364 D. C., e afirmam que o Sábado foi mudado ali. Sobre o decreto desse concílio, Waggoner diz: “mostrei a data, o lugar e o poder que mudou o Sábado” (Replies to Canright, pág. 151).

Aqui está a sua prova de que o Papado mudou o Sábado e ele aposta tudo sobre ela. Mas no Capítulo IX demonstramos que aquele foi um concílio Grego Oriental, realizado em território Grego, na Ásia Menor, pela Igreja Grega, onde participaram apenas bispos Gregos. Nem uma única pessoa da Igreja de Roma. Latina ou do Leste estava lá. Nem o Papa ou o Papado tiveram a mínima coisa a ver com o concílio. Portanto, é um fracasso a tentativa de provar que o Papado mudou o Sábado ali. Além disso, nem o Papa ou o Papado sequer existiam. Naquele tempo o Bispo de Roma não tinha autoridade sobre outros bispos de mesma graduação, os quais eram numerosos.

O Papado era inteiramente uma questão particular Romana, durante séculos limitado à Itália e posteriormente ganhando influência sobre as Igrejas Ocidentais. Mas no Leste, entre os milhões de Cristãos Gregos que por séculos foram muito maior em número, conhecimento e influência, qualquer coisa como um Papado era totalmente desconhecida. Até o dia de hoje nenhuma autoridade centralizada jamais foi reconhecida. Lá governam quatro patriarcas com igual autoridade nominal. Eles estão em Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria. No quarto, quinto e sexto séculos, quando o Papado Romano tencionava reivindicar alguma jurisdição por lá, ele foi veementemente repudiado por todas as Igrejas Orientais. A oposição entre estas duas grandes seções da Igreja floresceu com amargura crescente até 1052 D. C., quando o Leste excomungou Roma, porque jamais iria reconhecer qualquer autoridade do Papado Romano. Atualmente elas estão separadas.

A Igreja Grega atual afirma ter uma membresia de aproximadamente cento e cinquenta milhões. Com as Igrejas Protestantes, que somam cerca de cento e cinquenta milhões, todos repudiando o Papado, isso significa que a metade ou mais de toda a Cristandade está fora do Papado Romano e se opõe a ele. Igualmente deve ser lembrado que a Igreja Católica Romana, ou o Papado, ou o Papa, jamais governou mais do que uma parte dividida das Igrejas Cristãs. E ainda, todas as Igrejas que nunca estiveram sujeitas à Roma guardam o Domingo e sempre o guardaram. Isto prova que a observância do Domingo não veio de Roma.

Outro fato muito importante deve ser destacado aqui, a saber, que nos primeiros quatro séculos, durante os quais a observância do Dia do Senhor estava plenamente estabelecida em toda a Cristandade, a Igreja Romana era muito menor em membros, em grandes líderes Cristãos, em conhecimento e em influência.

Aqui está outro fato: todas as doutrinas fundamentais das Igrejas Ortodoxas – seja Protestante, Papal ou Grega – foram inicialmente elaboradas e estabelecidas na sua forma presente por estudiosos e líderes de igrejas pertencentes à Igreja Cristã Oriental, bem como por concílios ecumênicos comandados pela Igreja Oriental. Nessas doutrinas se incluem o cânon das Santas Escrituras, a Divindade de Cristo, a Trindade, a transferência do Sábado Judaico, a observância do Dia do Senhor, etc. A Igreja Papal aceitou todas essas doutrinas da Igreja Oriental e posteriormente as endossou, mas não originou nenhuma delas. Isto corta pela raiz a teoria Adventista de que a guarda do Domingo originou-se com o Papado.

O Concílio Geral Grego, em 680, excomungou o Papa Honório. Sobre o incidente, a Schaff-Herzog Cyclopedia, artigo “Councils” (Concílios), diz: “Um fato bastante constrangedor para o dogma da infalibilidade Papal”. Vemos quão pouca influência os Papas ou o Papado tinham até o ano de 680, e quão pouca atenção a Igreja Grega tributava a Roma. O History of the Church, de Schaff, Vol. III, pág. 325, diz:

“Ele se constituiu de quinhentos e vinte bispos, apenas cinco dos quais era do Oeste ou da Igreja Romana; todo o restante eram gregos e Orientais” – e esta é a data em que Leão I era Bispo de Roma, o único de quem é dito ser o primeiro fundador do Papado. Revela-se quão pouca influência nos grandes concílios da Igreja aquele prelado tinha na época. Stanley diz: “O Concílio de Constantinopla foi declaradamente uma assembléia exclusivamente Oriental; nem um único bispo Ocidental estava presente” (Hist. East. Pág. 102). Ainda assim ele foi um concílio geral e aceito por Roma.

Mas, de acordo com os argumentos dos próprios Adventistas, o Sábado foi mudado pelo concílio Grego de Laodiceia, 364 D. C., oitenta e sete anos antes de o Papado sequer ter sido fundado! Em vista dos fatos acima, como fica a afirmação de que o Sábado foi mudado pelo Papado? Os Adventistas não podem apresentar uma única testemunha declarando que o Papado mudou o Sábado. Mesmo assim este é o principal suporte da sua teoria.

Os próprios argumentos dos Adventistas convergem para derrubar seus pilares. Assim, sobre o ano de 300 D. C., o seu *History of the Sabbath*, pág. 373, 374, edição de 1912, diz: “Agora seguimos a história do Domingo desde o tempo em que foi primeiramente mencionado pelo Gnóstico Pseudo-Barnabé, 120 D. C., como o misterioso oitavo dia, até que se destaca clara e definitivamente como o primeiro dia da semana, chamado o Dia do Senhor”. Aqui, então, 300 D. C., ele era clara e definitivamente “o Dia do Senhor”. Isso eles admitiram. Chegando ao Concílio de Nicéia, 325 D. C., o *Advent Review*, 26/Fevereiro/1914, diz: “O Concílio de Nicéia instituiu Sábado o primeiro dia, para substituir Sábado o sétimo dia”. Logo, aqui, em não mais do que 325 D. C., eles têm o Sábado mudado pelo grande concílio Grego Oriental.

Da mesma forma o seu *History of the Sabbath*, edição de 1912, fala sobre esse concílio: “Pelo Cânon 20, o concílio colocou seu selo sobre a lei Dominical de Constantino emitida pelo Estado. Dali em diante o Domingo não era apenas o dia de descanso legal do Estado, mas sua observância foi reconhecida e regulamentada pela ação do primeiro concílio geral da Igreja... Assim, as mais altas autoridades civis e eclesiásticas obrigaram que o Domingo fosse o dia de descanso semanal universal e legal para todos os súditos do vasto império” (pág. 406). Muito bem. Agora, se a observância do Domingo foi firmemente estabelecida dessa forma, tanto pelo Estado quanto pela Igreja em 325 D. C., a sua observância não teria sido colocada em prática para sempre? Certamente. Como, então, poderia o dia ser mudado por um Papado que não foi fundado até cerca de cem anos depois? E se a mudança do Sábado foi promovida e colocada em prática pela Igreja e o Estado em todo o vasto império em 325 D. C., como poderia o Sábado ser mudado novamente em Laodiceia, em 364 D. C., cerca de quarenta anos depois?

Suas teorias variadas e contraditórias devoram umas às outras. Como vimos, a *Encyclopedia* e Waggoner concordam que Leão foi o real fundador do Papado. Mas, como descrito acima, o próprio Waggoner coloca definitivamente a mudança do Sábado em 364 D. C., ou pelo menos setenta e seis anos antes do fundador do Papado ter tomado posse!

Quando o Papado foi realmente estabelecido? Os próprios Adventistas o situam em 528 D. C. Smith, em *Thoughts on Daniel and Revelation*, sobre Dan 7:2, diz que Justiniano “emitir o famoso decreto cuja finalidade era constituir o Papa como cabeça de todas as Igrejas, sendo que a execução da supremacia Papal é datada em 538”. Isso foi no sexto século. A grande obra *History of the Popes*, de Bower, Vol. I pág. 426, 427 situa o estabelecimento do Papado em 600 D. C.

Por duzentos anos antes disso o Bispo de Constantinopla mantinha o título de “cabeça universal da Igreja Católica”. O título havia sido concedido a ele pelos imperadores e por um grande concílio (ver Bower mencionado acima, mesma página). O *History of Romanism*, de Dowling, é outra alta autoridade sobre o assunto. Na pág. 39, lê-se: “A supremacia Papal não estava estabelecida no quarto século”. Na página 41, ele diz que o Concílio de Calcedônia (451 D. C.) decretou a igualdade dos Bispos de Roma e de Constantinopla. Os grandes patriarcas de Antioquia e Alexandria ficaram subordinados ao Bispo de Constantinopla, que se tornou assim maior do que o Bispo de Roma, e a este se opôs implacavelmente. Na página 51, Dowling diz: “Durante os últimos anos do sexto século, a disputa pela supremacia entre os Bispos de Roma e de Constantinopla foi travada com maior amargor do que em qualquer período anterior. O Bispo de Constantinopla não reivindicava apenas uma soberania irrestrita sobre as Igrejas Orientais, mas também afirmava que a sua Igreja não era, em questão de dignidade, de nenhuma forma inferior à de Roma.” Roma não possuía influência sobre as Igrejas Orientais, e por isso não poderia ter efetuado qualquer mudança no seu dia de adoração, se isto fosse tentado.

Existe alguma declaração, em qualquer registro da história, dizendo que o Papa ou o Papado tenham alguma vez tentado mudar a guarda do dia na Igreja Oriental? Não existe o mais remoto vestígio de tal coisa.

Os Católicos Romanos jamais mencionaram isto, nunca reivindicaram isto. É inútil seguir a história do Dia do Senhor pela vertente de Laodicéia, 364 D. C., pois até mesmo os Adventistas sugerem que a mudança do dia teria ocorrido por aquele tempo. Todos concordam, e os Adventistas admitem, que o Papado só foi formado depois do concílio – muito depois. Logo o Papado não poderia ter mudado o Sábado, quando este já teria sido mudado centenas de anos antes de existir qualquer Papado.

Entretanto, os Adventistas tentam vencer essa dificuldade da seguinte forma: Eles dizem que “O espírito do Papado existia antes da real fundação do Papado ter ocorrido”. Resposta: O que é o espírito do Papado? É centralizar toda a autoridade da Igreja e do Estado em uma pessoa, o Papa de Roma. É a centralização, um homem, personagem autocrático com poder despótico que esmaga toda oposição à sua vontade. Este é o espírito do Papado. Mas na grande Igreja Oriental, composta da vasta maioria da Cristandade, por quatro ou cinco centenas de anos, desde o início sempre houve oposição mortal a qualquer espírito de autoridade centralizada. Até o dia de hoje, isso jamais foi tolerado naquela Igreja. Desde o primeiro concílio em Jerusalém (Atos 2), até o presente, sempre existiu um espírito democrático dominante. Stanley diz: “Uma mudança similar é concedida à instituição do clero Oriental, pela ausência de uma tendência organizacional e centralizadora que prevaleceu no Leste” (History of the Eastern Church, pág. 83). Novamente: “A centralização do Oeste, como exibida no Papado, é desconhecida no Leste” (pág. 85). Novamente: “Os patriarcas Orientais falam, em seus documentos solenes, da supremacia Papal como sendo a principal heresia dos dias recentes (pág. 90).

Nunca houve qualquer Papado ou espírito de Papado na Igreja Oriental, ou qualquer reconhecimento do Papado Romano, mas sim uma oposição amarga e hostil, até que, finalmente, isto causou a separação das duas Igrejas, em 1052. Desse modo, o “Espírito do Papado” jamais existiu na Igreja Oriental, onde o Sábado teria sido mudado.

Marque especialmente este fato: A observância e santificação do Dia do Senhor estava plenamente estabelecida em todas as grandes Igrejas Orientais muito antes de que o Papado Romano pudesse governar, ainda que fosse no Oeste, e muito menos no Leste.

Os Adventistas cometem o seguinte erro: Começando logo depois dos apóstolos, onde quer que encontrem Cristãos caindo em falsos conceitos ou doutrinas heréticas, ou adotando costumes mundanos, eles rotulam tudo isso como sendo “o espírito do Papado”. Todos os seus livros sobre a história do Sábado e do Domingo foram amplamente elaborados com esse tipo de argumento. Mas isto é uma falácia. Na atualidade temos numerosas Igrejas que não são nem ortodoxas ou evangélicas, tais como os Universalistas, Unitarianos, Cientistas Cristãos, Swedenborgianos, etc., mas nenhuma delas possui qualquer espírito do Papado. Semelhantemente temos muitos Cristãos mundanos e muitas igrejas mundanas, mas eles não são a favor de qualquer Papado.

Igualmente nos primeiros séculos, aqueles na Igreja Oriental que decaíram da fé, ou caíram no mundanismo, não se tornaram papistas por causa disso, nem possuíam o espírito do Papado. O Papado, desde o seu início mais primevo até o seu pleno estabelecimento, estava inteiramente restrito à Igreja local em Roma e aos bispos daquela Igreja. Pelo fato de ser a cidade imperial, ao final os bispos se tornaram ambiciosos para governar sobre outras Igrejas. Eles esquematizaram, trabalharam, e depois de longos séculos subjugaram gradualmente Igreja após Igreja, bispo após bispo e diocese após diocese, até que, em cerca de 600 D. C., o Papado Romano estava estabelecido no Oeste, mas jamais no Leste.

O “espírito do Papado” nasceu em Roma, nos Bispos de Roma, e estava totalmente confinado à Igreja Católica Romana, no oeste. Ele nunca foi tolerado na Igreja Oriental nem jamais teve a mínima coisa a ver com a questão do Sábado no oriente. Mas o Dia do Senhor estava firmemente estabelecido em toda a Cristandade, leste e oeste, séculos antes que o Papado tivesse sucesso em se estabelecer até mesmo em Roma. Por isso é totalmente falso, absurdo e contrário às mais evidentes declarações de toda a história, dizer que o Dia do Senhor se originou com o Papado em Roma, e que foi depois imposto às grandes Igrejas Orientais sobre as quais o Papado nunca teve qualquer autoridade.

“Li este capítulo, e o considere correto” – Bispo Raphael.

Bispo Raphael foi educado em três seminários: Damasco, Constantinopla e Kiev, na Rússia. Por duas vezes ele recebeu o grau de “Doutor em Divindade”. Ele é o chefe da Igreja Ortodoxa Grega na América. Por conseguinte, é bem qualificado para declarar corretamente a posição da Igreja Oriental nessa questão.

CAPÍTULO XI

A MARCA DA BESTA – O QUE É ISTO?

Os Adventistas do Sétimo Dia ensinam que a besta de dez chifres de Apoc. 13:1-10 é o Papado; e que a besta de dois chifres dos versos 11-18 é os Estados Unidos. Nenhum comentarista ou estudioso Cristãos, desta ou de qualquer outra época da Igreja, concordam com eles. Explicações plausíveis desses símbolos têm sido apresentadas, um grande número delas muito mais bem fundamentadas do que a interpretação que os Adventistas inventaram. De minha parte estou seguro de que eles estão errados quanto às duas bestas, mas não argumentarei sobre este ponto, por não considerá-lo essencial à questão que está diante de nós. Admitindo-se sua declaração de que a besta é o Papado, então a pergunta é: Qual a marca suprema do Papado? Isto é facilmente resolvido.

1. Os Adventistas do Sétimo Dia declaram da maneira mais categórica possível que o Papa mudou o Sábado para o Domingo. “O Papa mudou o dia de descanso do sétimo para o primeiro dia” (Sra. White, Early Writings, pág. 55; Primeiros Escritos, pág. 65, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=127&p=65>).

2. Então eles afirmam que “a guarda do Domingo é a marca da besta” (The Marvel of Nations, de Uriah Smith, pág. 183). “O Domingo Sabático é puramente um filho do Papado. Ele é a marca da besta” (Advent Review, Vol. I, Nº 2, Agosto/1850). “O Domingo é a marca característica do poder papal”. Este é o título do capítulo XXII de seu History of the Sabbath, 1912. Todo o capítulo é dedicado ao tema. Eles trovejam isso nos ouvidos do povo e os ameaçam com a ira de Deus se guardarem o Domingo, atemorizando almas ignorantes até que desistam dele.

3. Essa mudança no Sábado, dizem eles, foi feita pelo Papa no Concílio de Laodicéia, 364 D. C. (Replies to Elder Canright, pág. 151). Isto foi há cerca de 1.500 anos atrás.

4. Todos os que guardam o Domingo, eles afirmam, adoram a besta e recebem a sua marca. “A guarda do Domingo é uma instituição da primeira besta, e todos os que se submetem a obedecer esta instituição adoram enfaticamente a primeira besta e recebem sua marca, 'a marca da besta'... Aqueles que adoram a besta e sua imagem observando o primeiro dia são certamente idólatras, como foram os adoradores do bezerro de ouro” (Advent Review Extra, pág. 10 e 11, Agosto/1850). Esta linguagem é clara demais para estar equivocada. Todos os que guardam o Domingo são idólatras e possuem a marca da besta.

5. Mas, é estranho dizer, agora todos eles negam que alguma pessoa já tenha tido a marca da besta. “Nós nunca afirmamos isso”, diz Smith (Marvel of Nations, pág. 184). Tudo certo, embora esta seja uma negativa radical daquilo que uma vez ensinaram, como mostrado acima. Isto é algo comum para eles – mudar sua posição e depois negar a anterior. Continuamos:

6. Os Estados Unidos logo irão aprovar uma rigorosa lei Dominical e unir Igreja e Estado; então todos os que guardam o Domingo terão a marca (Marvel of Nations, pág. 185).

RESPOSTA.

A Bíblia diz que a marca da besta é guardar o Domingo? Certamente que não. Esta é apenas mais uma de suas suposições. Para fundamentá-la eles são obrigados a elaborar um conjunto longo e sinuoso de argumentos construídos sobre deduções, as quais nenhuma delas é confiável. Sua teoria é falsa, porque:

1. O Sábado Judaico foi abolido na cruz (Col. 2:16). Logo, ele não foi mudado pelo Papa.

2. O Dia do Senhor, de Apoc. 1:10, é o Domingo.

3. O Papa nunca mudou o Sábado. Este ponto provamos conclusivamente. Este fato, sozinho, desmorona todo o seu argumento da marca da besta.

O ABSURDO DA SUA POSIÇÃO.

1. A guarda do Domingo tem sido a marca da besta por 1.500 anos. Durante todo esse longo tempo, milhões guardaram o Domingo sob a autoridade exclusiva da Igreja Romana, e mesmo assim nenhum deles recebeu a marca!

2. A guarda do Domingo foi e continua sendo imposta em muitos países por meio de lei e de severas penalidades, exatamente como eles dizem que será no futuro também aqui, e mesmo assim nenhum daqueles que o guardam, obrigados dessa forma, teve a marca da besta!

3. Igreja e Estado se uniram em muitos países, e impingiram a instituição do Papado, como eles a chamam, e mesmo assim não se fez cumprir a marca da besta!

4. Por cerca de 1.500 anos, tomando suas próprias datas, todos os piedosos da terra – os mártires, os reformadores, os Luteranos, Wesleyanos e Judsonianos – observaram o Domingo e desfrutaram das bênçãos de Deus; mas agora, todos de uma vez, o mundo todo, Cristãos e os demais, são amaldiçoados e bebem da ira de Deus por fazerem exatamente aquilo que todos os homens santos fizeram por eras! Sobre a guarda do Domingo no futuro, a Sra. White diz: “Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, sem mistura de misericórdia” (Great Controversy, pág. 282; O Grande Conflito, pág. 449, <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=1&p=449>). Esse terrível pecado é justamente aquilo que todas as Igrejas de Cristo praticaram durante séculos, e mesmo assim elas têm recebido as bênçãos de Deus. Que absurdo!

5. Tenta-se evitar este ponto argumentando-se que aqueles de outras eras não possuíam a luz sobre o Sábado. Isto não é verdade. Lutero, Bunyan, Baxter, Milton, todos tiveram a “luz” sobre a questão do Sábado, e o rejeitaram, e escreveram contra ele. Então eu também posso fazer isto e não ter a marca da besta, já que eles não tiveram.

6. Se adorar a besta for descansar do trabalho físico no Domingo, depois que alguém fica sabendo que o Domingo é o Sábado do Papa, então muitos Adventistas do Sétimo Dia são adoradores da besta. Por que? Porque eles frequentemente descansam no Domingo. Editores de livros, colportores, professores, caixeiros-viajantes, pessoas visitando parentes, ministros em novos locais, etc.; todos frequentemente descansam no Domingo, até mesmo vão à igreja e participam de encontros durante todo o dia! São eles adoradores da besta? Por que não? Você diria que fazem isso apenas por conveniência ou por prudência? Da mesma forma todos podem descansar no Domingo pela mesma razão, quando a lei assim o requerer, e ao fazerem isso não adoram a besta mais do que os Adventistas a adoram.

7. Embora eles possam negar, os ensinamentos dos Adventistas do Sétimo Dia tornam todos aqueles que guardam o Domingo, tanto agora quanto nas eras passadas, adoradores da besta, possuindo a marca da besta. Aqui está a prova em suas próprias palavras:

I. O Papa mudou o Sábado. O Domingo é apenas o dia do Papa (ver acima).

II. “A marca da besta é a mudança que a besta fez na lei de Deus”, no Sábado (Marvel of Nations, pág. 175). Então a marca da besta existe desde a mudança que foi feita, a qual eles situam há 1.500 anos atrás.

Esta conclusão não é inevitável? Se a marca da besta é a mudança do Sábado que foi feita pelo Papado no quarto século, então a marca tem existido desde então. Não há como escapar desta conclusão.

III. Todos os que têm guardado a lei Dominical desde essa data, da forma como foi elaborada pela besta, são adoradores da besta, não adoradores de Deus. Aqui está o seu próprio argumento para isto: Referindo-se à profecia de que o Papado “mudaria a lei e os tempos” (Dan. 7:25), a qual eles afirmam ter sido cumprida pelo Papa em 364 D. C., mudando o Sábado para o Domingo, diz o Ancião Smith: “Quando isso foi feito [há 1.500 anos atrás], o que as pessoas do mundo passaram a ter? Eles tiveram duas leis exigindo obediência – a lei de Deus e a lei do Papa. Se eles guardassem a lei de Deus, da forma como foi dada por Ele, estariam adorando e obedecendo a Deus; se guardassem a lei da forma como foi mudada pelo Papado, estariam adorando este poder... Por exemplo, se Deus diz que o sétimo dia é o Sábado, no qual devemos descansar, mas o Papa diz que o primeiro dia é o Sábado e que deveríamos guardar esse dia, e não o sétimo, então qualquer um que observe o preceito da forma como originalmente dada por Deus é, desse modo, caracterizado como um adorador de Deus; e aquele que o guarda da forma como foi mudado é, desse modo, marcado como um seguidor do poder que fez a mudança... Dessa conclusão nenhuma mente sincera pode discordar” (Marvel of Nations, pág. 174 e 175).

Assim, pelos últimos mil e quinhentos anos todos os que vêm guardando o Domingo têm sido “marcados” como seguidores da besta e têm adorado a ela! Partindo do seu próprio argumento, esta consequência não é inevitável? É claro que sim. Quando tentam negar e escapar dessa conclusão eles simplesmente se contradizem e desmentem a si mesmos. O seu argumento é uma falácia ou então essa conclusão deve seguir. Olhem para este horrível Moloque que eles erigiram para amedrontar o ignorante: o Papa, no quarto século, modificou a lei de Deus mudando o Sábado para o Domingo. Esta mudança é a marca da besta; qualquer um que depois disso guarde a lei assim modificada, não está guardando a lei de Deus, mas sim a lei do Papa; não está adorando a Deus, mas sim o Papa. Mas todos os Cristãos têm guardado o Domingo por mil e quinhentos anos, o Sábado do Papa, a marca da besta, e, como diz Smith, foram “desse modo marcados como seguidores do poder que fez a mudança”. Desta conclusão não há escape. E assim, todos os que guardam o Domingo receberam a marca da besta e a têm agora.

Mas eles dizem que não ensinam que alguém já tenha recebido a marca da besta. Isto mostra o absurdo de seu argumento. A guarda do Domingo é a marca da besta, mas os que guardam o Domingo não têm a marca da besta! Por exemplo: Eu tenho uma centena de notas falsas e com elas pago a cinquenta homens em Otsego, e eles pegam as notas e as mantêm consigo, mas nenhum daqueles homens possui uma nota falsa! Isto não está claro... como a lama? Mas eles não sabem que as notas são falsas, e por isso não são culpados por mantê-las consigo. Mas, de qualquer forma eles não têm notas falsas? Certamente. Logo, se a guarda do Domingo é a marca da besta, então eles a possuem, estejam sabendo disso ou não. Deus até pode não considerá-los culpados por isso, mas eles a possuem da mesma forma. Agora, tão logo esses cinquenta homens são informados de que suas notas são falsas, não são eles culpados se as usarem depois disto? Sim. Desse modo, tão logo um homem seja informado que o Domingo é a marca da besta, se ele continuar guardando-o após isto, não possuirá a marca da besta tão verdadeiramente como sempre a teve? E se ele ainda guardar o Domingo voluntariamente, não é tão culpado diante de Deus como a lei que o obrigou a guardar esse dia? Sim, e mais ainda, porque agora ele não tem desculpa e não poderia alegar que foi obrigado a fazê-lo. Portanto, não é necessário uma lei Dominical para dar aos homens a marca da besta. Todos os que guardam o Domingo já a possuem, e tão logo quanto sejam informados de que o Domingo é a marca da besta, eles são culpados como adoradores da besta. Mas os Adventistas do Sétimo Dia já informaram a milhares sobre essa questão. Então, se estes não têm a marca da besta, por que não têm? Lembre-se que Lutero, Milton, Baxter, Bunyan e William Miller, pai e fundador do Adventismo, foram todos informados sobre a questão do Sábado, e ainda assim escreveram contra ele ou guardaram o Domingo. Leitor, esta marca da besta Adventista é um absurdo e apenas um espantalho. Não fique amedrontado.

Mesmo se o Papa tivesse mudado o Sábado para Domingo, isto não tornaria o Domingo a sua marca. A marca de qualquer pessoa era aquilo que ela usava para marcar coisas pertencentes a ela. Nos tempos Bíblicos, um senhor colocava a sua marca sobre a mão direita ou na testa de seus escravos. Os deuses pagão tinham os seus adoradores marcados da mesma forma. Esse costume é resgatado e usado aqui como uma ilustração. Do mesmo modo será exigido aos adoradores da besta fazerem algo que irá marcá-los ou diferenciá-los como seus seguidores. Mas guardar o Domingo não diferencia um Católico dos membros de outras Igrejas, pois todas as Igrejas guardam o Domingo – a Grega, Armena, Luterana, Episcopal, Metodista, etc.

O Papa nunca usou o Domingo para diferenciar seus seguidores dos outros, nem como prova da sua autoridade como a cabeça da Igreja. Como prova de sua autoridade, ele aponta para as chaves de São Pedro e a regular sucessão apostólica a partir dele. Diz Dowling: “Os Papas proclamam o seu direito divino de supremacia em consequência da sua reivindicação de serem os sucessores do Apóstolo Pedro” (History of Romanism, pág. 44). Sobre isto, e não sobre a guarda do Domingo, eles fundamentam a sua reivindicação de poder. Algum escritor obscuro é citado reivindicando autoridade para a Igreja para “ordenar festas e dias santos”, porque aquela Igreja tornou o Domingo santo. Este argumento é infinitamente pequeno para fazer do Domingo a prova de toda a sua autoridade, a “marca” distintiva daquela Igreja.

IV. É absurdo dizer que observar o Domingo como o Sábado é um crime tão terrível quanto afirmam os Adventistas. Ouçam o Ancião Smith: “A guarda do Domingo é a marca da besta... Receber essa marca é algo que implica na maior ofensa que se poderia cometer contra Deus” (Marvel of Nations, pág. 170, 183). Desse modo guardar o Domingo é impiedade maior do que mentir, roubar ou até mesmo matar e idolatrar! Tal declaração é monstruosa. Na mente de qualquer homem sincero e pensante, ela se quebra sob o peso de sua própria absurdidade.

O QUE, ENTÃO, É A MARCA DA BESTA?

O que os próprios Católicos afirmam ser a marca da Igreja Papal? Eles mencionam o que ela é? Sim, da forma mais enfática. Em cada livro doutrinário que publicam, não importa quão pequeno seja, desde catecismos de poucas páginas, para os pequeninos, até as grandes enciclopédias de muitos volumes, essa marca sempre é mostrada em títulos destacados.

MARCAS DA IGREJA.

Aqui estão as marcas dessa Igreja, mostradas exatamente do mesmo modo em cada catecismo e obra doutrinal. A guarda do Domingo é uma delas? Não. Esta nunca é relacionada na lista de marcas. A coroa delas é reconhecer a autoridade do Papa de Roma. Assim, reconhecer sua autoridade suprema é reconhecer aquela Igreja como a Igreja verdadeira. Aqui você tem a marca da besta, se o Papado for esta besta!

Os Adventistas do Sétimo Dia dizem que a “Besta” de Apoc. 13: 1-10 é o Papado. Suponha que aceitemos isto. Então eles dizem que a guarda do Domingo é a “marca” da besta, o Papado. Isto nós negamos enfaticamente. A marca suprema, a característica distintiva do Papado, é a supremacia do Papa. Esta característica a distingue de todas as outras igrejas. Desse modo a New Universal Cyclopedia, de Johnson, diz: “Igreja Católica Romana, o corpo de Cristãos que reconhece a autoridade do Papa de Roma”. Novamente no mesmo artigo, ele diz: “O melhor resumo dos principais artigos da fé Romana está contido no credo do Papa Pio IV, que é obrigatório para todos os sacerdotes e mestres do povo, e que deve ser confessado por todos os convertidos”. Existem onze artigos; o décimo diz: “Prometo e juro verdadeira obediência ao Bispo de Roma, sucessor de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos e Vigário de Jesus Cristo”.

Todo Católico deve fazer este juramento; ninguém pode se tornar um membro sem ele. Qualquer um que confesse a sua adesão a este dogma é por meio dele marcado como um papista, diferenciado de todas as outras Igrejas. Quando jura aceitar esse artigo ele, por conseguinte, jura obediência a todas as exigências da Igreja Romana. Então, esta não é a marca daquela Igreja? Certamente.

Aqui estão mais algumas citações dos Católicos sobre o mesmo assunto: “A Igreja que Jesus Cristo estabeleceu pode ser definida brevemente como uma sociedade composta de todos aqueles que praticam religião de acordo com a orientação de Seu vigário (o Papa) na terra” (Manual of Theology for the Laity, pág. 185, do Rev. P. Geiermann).

“Todo o mundo Católico Romano, contando mais de duzentos e cinquenta milhões de almas, reconhece e obedece ao Papa, o Bispo de Roma, como o sucessor de São Pedro e o vigário de Cristo na terra” (mesmo livro, pág. 233).

Observe que em todo o tempo é a supremacia do Papa que é enfatizada como a marca importante da verdadeira Igreja. Foi um protesto contra esta reivindicação de supremacia do Papa que fez resplandecer a grande Reforma sob Lutero e outros. Assim Conway, um Católico, no “Question Box”, diz: “O

Reformadores do décimo-sexto século, na verdade, alegaram uma missão especial para derrubar o governo existente na Igreja, pela negação da jurisdição universal do Papa” (pág. 187).

Sim, foi um protesto contra a supremacia da autoridade do Papa que fez resplandecer a grande Reforma. Por isso o nome “Protestantes”. Roma ainda proclama com insistência o reconhecimento dessa marca papal. Em 29/Setembro/1913, o Cardeal Gibbons, no *Baltimore American*, diz: “A reunião dos ramos dispersos da Cristandade é um objetivo a ser ardentemente almejado. O primeiro requisito essencial é o reconhecimento do soberano pontífice, o qual, como sucessor de São Pedro, é apontado divinamente como o cabeça da Cristandade”.

Observe que “o primeiro requisito essencial” é reconhecer a supremacia do Papa. Esta é a questão suprema, o teste acima de todos os outros. Aceite isto, e tudo mais será facilmente resolvido! É óbvio, pois tal aceitação carrega consigo a obediência a todo o sistema papal. Aqui você tem a marca suficientemente clara.

“Existe uma característica distinguível por meio da qual todas as diferenças de cor, nacionalidade ou educação marcará inevitavelmente cada adepto do sistema e não deixará questionamentos quanto à sua relação com ele”. Um Católico pode ser um inglês, americano, chinês, japonês, um negro ou um indiano; não importa onde viva ou a que nação pertença; a única pessoa para quem a sua fidelidade nunca vacila é “O Santo Padre”, o Papa de Roma.

Até mesmo o Ancião Smith, Adventista, fala dessa marca: “Evidentemente será algum ato ou atos através dos quais será exigido aos homens reconhecerem a autoridade desse poder (o Papado) e produzir obediência às suas ordens” (*Thoughts on Revelations*, pág. 591). Isso está correto.

A cada Católico é exigido fazer exatamente isto, reconhecer a supremacia e infalibilidade do Papa de Roma e manifestar obediência implícita à sua autoridade e ordens. A guarda do Domingo faz isto?

Aqui está uma pergunta; assinale-a bem. Alguma vez Roma exigiu a alguma pessoa que promettesse guardar o Domingo como um teste de aceitação para ser membro? Nunca! Meu vizinho é um Católico praticante e mesmo assim ele trabalha em todos os Domingos. Poderia ele negar a supremacia do Papa e continuar um membro? Não. Qual, então, é a marca de lealdade à Roma? É a guarda do Domingo? Até mesmo um Adventista verá o absurdo disto.

Durante a longa noite da supremacia papal centenas de milhares foram perseguidos; seus bens confiscados e eles próprios conduzidos à morte como mártires, por não reconhecerem a autoridade suprema do Papa. É contra isso que todos os Protestantes guerrearam por trezentos anos e ainda continuam lutando. “A Supremacia do Papa de Roma” tem sido a questão controversa na história da Igreja desde o décimo-sexto século até hoje. A grande Igreja Oriental, ou Grega, jamais se submeteu a ela, e finalmente rompeu todos os vínculos com Roma por conta disso. A questão é tão proeminente hoje como sempre foi. As Igrejas Protestantes atualmente se levantam contra isso da mesma forma como no passado. Leiam os nossos periódicos eclesiásticos; também o *Menace*, *Protestant Magazine*, etc.

Se um homem confessa sua fé no pontífice Romano como sendo o cabeça da Igreja e infalível, ele não é enumerado por todos como um Católico Romano? Certamente. Agora contraste isto com a guarda do Domingo. Na minha cidade existem Batistas, Metodistas, Presbiterianos, Congregacionais, Episcopais, Discípulos, Luteranos, Irmãos Unidos e outras Igrejas, todos guardando o Domingo. Isto os marca como Católicos Romanos? Alguém pensa a respeito deles como papistas por causa disso? Alguma vez eles mesmos já pensaram que isso faria deles Católicos? Os próprios Católicos se consideram Católicos porque guardam o Domingo? Absolutamente não. Toda pessoa inteligente sabe que guardar o Domingo não marca ninguém como papista. Contudo, reconhecer o Papa como o cabeça infalível da Igreja, marca. Não é isto absolutamente verdadeiro? Então qual é a marca universal de um Católico Romano? É a guarda do Domingo? Todos nós sabemos o que é: é a lealdade ao Papa de Roma. Nenhum homem sincero negará isto; qualquer autoridade Católica concordará com isto. Aqui, então, está a “marca” do Papado.

Qual é a marca característica de um Muçulmano? É a sua lealdade à Maomé como profeta de Deus. Qual é a de um Cientista Cristão? Lealdade à Sra. Eddy como cabeça daquela Igreja. Qual a de um Cristão? Lealdade à Cristo como o cabeça da Igreja. Qual, então, é a principal marca de um papista? Lealdade ao Papa, o “Santo Padre”, como cabeça suprema e infalível do Papado. Todo Católico dirá isto. Aqui está a marca da besta, se o Papado for a besta, como afirmam os Adventistas.

CAPÍTULO XII

OS DEZ MANDAMENTOS NÃO FORAM MUDADOS PELOS CATÓLICOS – OS ADVENTISTAS DECAPITARAM O DECÁLOGO.

Os Adventistas do Sétimo Dia dizem que a Igreja Católica deceitou o segundo mandamento, o que fala contra as imagens; que mudou o preceito do Sábado e dividiu o décimo em dois, para mantê-los com dez. Como tentam provar isto? Eles citam catecismos Católicos – os menores – onde são dadas apenas uma poucas palavras dos mandamentos integrais, enquanto o restante é omitido. Os mandamentos mais curtos são descritos integralmente, e o nosso décimo é dividido em dois. Então eles comparam esses mandamentos existentes nos catecismos Católicos com os da nossa Bíblia. Isto é justo? Não. Eles deveriam comparar os mandamentos que estão nas Bíblias Católicas com aqueles de nossas Bíblias, e os mandamentos nos catecismos Católicos com aqueles dos catecismos Protestantes. Este é o único modo justo. Se fizessem isto não iriam encontrar diferenças materiais em nenhum dos mandamentos.

Tenho ambas as Bíblias diante de mim. Abrindo em Êxodo 20, todos os dez mandamentos, cada palavra de cada um – imagens, Sábado, o décimo e todos – são dados integralmente na Bíblia Católica; nenhuma palavra é omitida. Pegue uma e veja por você mesmo.

Agora compare o catecismo Católico com o catecismo Protestante. Existe alguma diferença material entre eles, ao citarem os mandamentos? De modo algum. Para estar seguro sobre este ponto gastei muito tempo investigando de forma exaustiva. Reuni um grande número de catecismos Católicos. Tenho eles aqui comigo agora. Depois pedi a pastores de Igrejas Protestantes – Batista, Episcopal, Presbiteriana, Luterana, Alemã Reformada – seus catecismos, e os examinei. Em todos eles verifiquei que foi feito praticamente o mesmo que nos Católicos.

No catecismo Protestante para crianças geralmente são dadas apenas umas poucas palavras dos mandamentos mais extensos, ao passo que os mandamentos curtos estão completos. O objetivo é economizar espaço e facilitar a memorização. Os católicos fizeram a mesma coisa e pela mesma razão. Assim cada Igreja, Protestante ou Católica, expõe do seu modo, mas os mandamentos em si são dados integralmente tanto em uma quanto na outra.

Em um lado da minha casa mora uma família Católica; do outro lado, uma família Protestante, Luterana. Peguei emprestado os catecismos de ambas. Aqui estão os dez mandamentos no catecismo menor Católico:

“Diga os dez mandamentos.

I. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estranhos diante de mim; não farás para ti qualquer coisa esculpida, nem a semelhança de nada que há em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas sob a terra. Não as adorarás nem as servirás.

II. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.

III. Lembra-te de guardar santo o dia de Sábado.

IV. Honra teu pai e tua mãe, para que te vá bem, e possas viver muito tempo sobre a terra.

V. Não matarás.

VI. Não cometerás adultério.

VII. Não roubarás.

VIII. Não produzirás falso testemunho contra teu próximo.

IX. Não cobiçarás a mulher do teu próximo.

X. Não cobiçarás os bens do teu próximo.”

Observe que os Católicos incluem no primeiro mandamento aquele que chamamos de segundo mandamento. A seguir o nosso décimo é dividido em dois. Os Luteranos os dividem exatamente do mesmo modo. Mais adiante eu darei as razões para isso. Observe que a ordem contra as imagens é dada integralmente. E este é um catecismo menor Católico usado pelo meu vizinho.

Agora aqui estão os mandamentos dados no catecismo menor usado por meu vizinho Luterano, um Protestante:

“I. Eu sou o Senhor teu Deus. Não terás deuses estranhos diante de mim.

II. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.

III. Guardarás o Sábado dia santo.

IV. Honra teu pai e tua mãe, para que vivas muito tempo sobre a terra que o Senhor teu Deus te dá.

V. Não matarás.

VI. Não cometerás adultério.

VII. Não roubarás.

VIII. Não produzirás falso testemunho contra teu próximo.

IX. Não cobiçarás a casa do teu próximo.

X. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seu servo, nem sua serva, nem seu boi, nem seu jumento, nem nada do que é do teu próximo.”

Observe neste catecismo Protestante que o nosso segundo mandamento é omitido inteiramente. Por que? Foi para se livrar dele porque proíbe imagens? Não, pois os Luteranos não usam imagens, mas se opõem a elas. Eles incluem o nosso segundo em seu primeiro, do mesmo modo como fazem os Católicos. Desse modo eles dão apenas as primeiras palavras e omitem a longa explicação. Isso é tudo. A seguir o décimo é dividido em dois, igual ao Católico. Nada disso foi feito, seja por Luteranos ou Católicos, para “mutilar a lei de Deus”, como dizem os Adventistas. Esses são modos de dividi-los, isto é tudo (ver explicação e tabela no final do capítulo).

Meu vizinho Católico mencionado acima também me emprestou um catecismo maior, que a sua filha usa para estudar na escola Católica superior daqui, “A Full Course of Instruction in Explanation of the Catechism, by Rev. J. Perry, for Colleges, Academies and Private Families, Endorsed by the Archbishop of St. Louis.” Observe que ele é usado em escolas superiores, colégios, academias e famílias. Começando na página 151, são cinquenta e nove páginas dedicadas aos dez mandamentos. Cada um deles é dado integralmente. O primeiro começa, de modo correto, com “Eu sou o Senhor teu Deus”, etc. Então todo o nosso segundo mandamento, cada palavra, é dado no primeiro; não é omitida nenhuma palavra contra imagens.

Chegando ao preceito do Sábado, o nosso quarto, mas o seu terceiro, leio: “Recite o texto completo do terceiro mandamento”. Então cada palavra do preceito do Sábado é dada integralmente, nenhuma palavra é omitida ou mudada, e igualmente para todos os dez. É ensinada obediência a cada um deles, do modo como os Católicos os interpretam.

Agora como fica a declaração de que os Católicos “mutilaram a lei de Deus” ou expurgaram um dos dez mandamentos? Esta não é a verdade. Tudo o que se pode dizer de forma honesta é que eles os explicam de forma diferente dos Protestantes, mas eles acreditam em todos, ensinam todos eles e publicam-nos integralmente em suas Bíblias e em seus catecismos maiores. Nos seus catecismos menores eles fazem

exatamente a mesma coisa que os Protestantes fazem em seus catecismos menores, a saber, dão umas poucas palavras para cada um. Consequentemente é injusto comparar esses catecismos menores com toda a lei em nossa Bíblia.

Os sacerdotes Romanos são culpados de sonegar a Bíblia completa ao seu povo, de modo que a grande massa deles nunca viu uma Bíblia. Quando os sacerdotes citam a Bíblia, eles a citam de forma suficientemente correta, mas explicam de modo que se adapte às suas crenças. Como são acusados de quebrar o segundo mandamento pelo uso de imagens, eles são cuidadosos, como visto acima, para colocar cada palavra daquele preceito mesmo em seus catecismos menores. Depois, é claro, eles têm que explicar de acordo como entendem. Eles perverteram todo o Evangelho, como também o Antigo Testamento.

Nem os Papas ou a Igreja Romana têm qualquer coisa a ver com a divisão do Decálogo. Cada palavra dos dez mandamentos é dada seja qual for o modo com que são divididos.

Deve ser lembrado que no Hebraico, idioma no qual o Decálogo foi escrito, as palavras corriam todas juntas para uma mesma direção. Não existia qualquer tipo de marca entre as palavras ou entre os mandamentos. Portanto, foi deixado livre para todos dividi-los da forma como cada um julgasse ser mais conveniente. Assim aconteceu de eles serem divididos diferentemente. Isso é tudo.

A DIVISÃO CATÓLICA DO DECÁLOGO.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm feito um grande alvoroço em relação ao modo como os Católicos dividem e enumeram os dez mandamentos. Eles elaboraram um quadro mostrando em uma coluna o Decálogo “mudado pelo Papa” e uma outra como foi “dado por Deus”. Ali eles mostram como “o Papa mudou a lei de Deus, em cumprimento de Dan. 7:25.” De acordo com o quadro, os Católicos incluíram no primeiro mandamento aquilo que nós temos nos dois primeiros. A seguir o nosso terceiro é o seu segundo; nosso quarto seu terceiro e assim sucessivamente até o nosso décimo, do qual eles fizeram dois.

Os Adventistas declaram que o Papa fez isso para suprimir o segundo mandamento e mudar o Sábado. Mas tudo isso é completamente falso, como pode ser visto consultando-se a palavra decálogo em qualquer enciclopédia religiosa. A Schaff-Herzog Encyclopedia, diz: “Existiam três arranjos do decálogo – o Talmúdico (Judaico), o Agostiniano (adotado pelas Igrejas Católica Romana e Luterana) e o Helenístico (Grego), na visão de Filo, Josefo, Orígenes e das Igrejas Grega e Reformadas, etc. A tabela seguinte exhibe as diferenças, sendo usado o registro em Êxodo 20.

Talmúdico	Helenístico	Agostiniano
1. Eu sou o Senhor, etc. (v. 2)	1. Contra ídolos (v. 3)	1. Contra ídolos e imagens
2. Contra ídolos e imagens (3-6)	2. Contra imagens (4-6)	2. Blasfêmia
3. Blasfêmia	3. Blasfêmia	3. O Sábado
4. O Sábado	4. O Sábado	4. Obediência filial
5. Obediência filial	5. Obediência filial	5. Assassinato
6. Assassinato	6. Assassinato	6. Adultério
7. Adultério	7. Adultério	7. Roubo
8. Roubo	8. Roubo	8. Falso testemunho
9. Falso testemunho	9. Falso testemunho	9. Não cobiçarás a casa do teu vizinho (17)
10. Cobiça	10. Cobiça	10. O restante do v. 17

Pode ser visto aqui que os Católicos simplesmente seguiram Agostinho, um dos primeiros Pais, enquanto nós seguimos os Gregos.

Agostinho, 353-430 D. C., não era um Papa e nem um papista. Depois de Paulo ele foi o ministro mais devotado e renomado que o Cristianismo produziu. Ele tinha a mais profunda reverência pelas Santas Escrituras. Os Católicos e Luteranos seguiram sua divisão do Decálogo. Portanto, essa divisão não foi feita pelo Papa e nem pelo Papado.

Uma pequena investigação dos fatos expõe a debilidade de muitos dos argumentos Sabatistas, tais como esse.

O DECÁLOGO DECAPITADO.

Por mais estranho que possa parecer, são os próprios Adventistas que “mutilam” os mandamentos. Eles deixam de fora a parte mais importante do Decálogo, a saber, a parte que fala quem deu a lei, quando ela foi dada e para quem ela foi dada. Consultando um advogado ele me disse que, para que tenha força coercitiva, toda lei emitida por um estado ou pelos Estados Unidos deve começar com aquilo que é chamado de “A Cláusula de Promulgação” (The Enacting Clause). Sendo assim, abrindo uma lei emitida pela legislatura de Michigan, 16/Fevereiro/1882, leio: “Seja promulgado pelo senado e pela casa de representantes do Estado de Michigan”, etc. Segue-se, então, o corpo da lei, da qual esta “cláusula de promulgação” é uma parte necessária. A cláusula introdutória diz quem deu a lei, quando ela foi dada e para quem foi dada. Deixe essas palavras de fora, e a lei se torna letra morta.

É exatamente assim com o decálogo. A cláusula de promulgação está lá em palavras claras.

Vamos examiná-la. Moisés fala claramente que as palavras que o Senhor disse foram escritas em tábuas de pedra: “E o Senhor me deu as duas tábuas de pedra, escritas com o dedo de Deus; e nelas estava escrito conforme todas as palavras que o Senhor tinha falado convosco no monte, no meio do fogo” (Deut. 9:10). Esse texto é importante demais para ser omitido. Tudo o que Deus falou foi escrito sobre as tábuas e fazia parte do decálogo. Aqui estão as palavras iniciais: “Então falou Deus todas estas palavras, dizendo: Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim”, etc. (Êx. 20:1-3). Estas palavras fazem parte do Decálogo tanto quanto qualquer outra do restante dele. Elas foram ditas por Deus desde o céu, escritas com Seu dedo, foram gravadas sobre a pedra e colocadas na arca.

Os Adventistas enfatizam que os dez mandamentos têm importância maior do que outras partes da lei, pelo fato de terem sido pronunciados diretamente pela própria voz de Deus, escritos com o Seu dedo, gravados na pedra, colocados na arca e guardados no Lugar Santíssimo. Muito bem, tudo isso é igualmente verdadeiro para palavras que fazem parte da cláusula de promulgação, as palavras iniciais. Estas palavras foram ditas por Deus, escritas por Deus, gravadas na pedra, colocadas na arca e depois no Lugar Santíssimo exatamente do mesmo modo que todo o restante dos mandamentos. Consequentemente, elas são tão sagradas quanto as outras e todas deveriam ser guardadas igualmente. Elas explicam diretamente quem é o autor da lei, a saber, o Senhor teu Deus que te tirou da escravidão Egípcia. Nada poderia ser mais claro. Eles deveriam deixá-las onde Deus as colocou.

Agora olhem para o quadro que os Adventistas penduraram como sendo a “Lei de Deus”. Aquelas palavras estão lá? Verdadeiramente, não. Elas são deixadas de fora. Se fossem colocadas iriam arruinar toda a sua teoria da lei.

Eles afirmam que o preceito do Sábado é a única coisa no Decálogo que diz quem o deu. Assim: “Afora este preceito [o Sábado], nada há no Decálogo para mostrar por que autoridade a lei é dada.” (Sra. White, em Great Controversy, pág. 284; O Grande Conflito, pág. 452 <http://www.ellenwhitebooks.com/?l=1&p=452>).

Isto não é verdade. As palavras de abertura da lei, “a cláusula de promulgação”, falam, da forma mais clara que as palavras poderiam expressar, quem a deu, quando ela foi dada e para quem foi dada. Veja quão claro é isso: “Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei do Egito. Não terás outros deuses diante de Mim.” A quem este “Mim” se refere? Somente uma resposta pode ser dada: se refere ao Senhor Deus que acabou de falar. Ele primeiro diz a eles quem Ele é, e então todos os mandamentos que seguem são dados sob Sua autoridade.

Mas os Adventistas mutilam a lei ao cortar logo a cabeça, ao eliminar a cláusula de promulgação, e depois afirmam que não há nada no Decálogo, com exceção do preceito do Sábado, que diga quem deu a lei! Isto não é enganoso?

Reúna uma platéia com cem pessoas, levante o quadro da lei da forma como os Adventistas a imprimiram, deixando de fora as palavras introdutórias; quantos da platéia notarão a omissão? Poucos, talvez ninguém. O pregador, então, declara que não há nada na lei, com exceção do preceito do Sábado, que diga quem deu a lei! Não é de admirar que as pessoas sejam enganadas. Na segunda descrição da lei, dada em Deut. 5:1-22, toda referência à criação é omitida, ao passo que cada palavra da cláusula de promulgação está lá. Isso mostra que o libertador da servidão no Egito era a autoridade que fez a lei.

Os Adventistas acusam os Católicos de mutilarem o Decálogo, mas é exatamente o contrário. Os Católicos incluem no primeiro mandamento todas as palavras introdutórias, e então as expõem todas juntas. Desse modo o livro *A Study of the Catholic Religion*, do Rev. Charles Coppens, pág. 283, diz: “O primeiro mandamento está assim descrito: 'Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estranhos diante de Mim'”, etc. Você pode ver que os Católicos sempre incluem a cláusula de promulgação no primeiro mandamento, exatamente como deveria ser. Quando os mandamentos são citados em todos os catecismos ou livros doutrinários Católicos, eles sempre começam do mesmo modo, com essas palavras, exatamente como o próprio Deus começou: “Eu sou o Senhor que te tirou do Egito”. Existem duzentos e cinquenta milhões de Católicos, metade da Cristandade, os quais todos citam os mandamentos dessa forma. De modo análogo também toda a Igreja Católica Ortodoxa Grega, contando com cento e cinquenta milhões, todos incluem essas palavras no primeiro mandamento. Fui até o seu sacerdote e ele me mostrou como eles citam. Então todos os Luteranos, cinquenta milhões, fazem o mesmo. Então todo o povo Judaico, quatorze milhões, fazem o mesmo. Igualmente os cerca de quinhentos milhões que acreditam na Bíblia, todos incluem aquelas palavras no primeiro mandamento. Mas os Adventistas deixam de fora essas palavras.

Ao deixarmos todas as palavras dos dez mandamentos exatamente como Deus as pronunciou, isto arruína o argumento de que o Sábado é o selo da lei. Para provar tal coisa eles declaram que não há nada mais na lei que diga quem a deu. Mas as primeiras palavras dizem quem a deu. Este fato justamente contradiz a sua posição, como é visto de pronto.

Eu os conclamo a que joguem fora seus quadros antigos dos dez mandamentos e os imprimam exatamente como Deus os deu.

No início, evidentemente os Adventistas não deixaram de fora essas importantes palavras com a intenção de enganar. Os Anciãos White, Bates, Rhodes, etc. – os primeiros líderes – não eram homens estudados. Ao imprimirem o quadro da lei eles simplesmente copiaram daqueles usados pela Igreja Episcopal e de outros utilizados nos cultos. Neles as palavras são omitidas para economizar espaço de repetição. Quando eu era ministro Adventista preguei centenas de vezes sobre este quadro e argumentava exatamente como eles fazem agora, sem a intenção de enganar. Naquela época eu simplesmente não conhecia nada melhor, e nem a maioria deles agora. Mas seus líderes que são mais bem preparados deveriam saber mais, porque já passados cerca de vinte anos eu tenho chamado sua atenção para essa omissão injustificada que contradiz plenamente o argumento de que o preceito do Sábado é a única coisa na lei que diz quem deu a lei.

“ELE CUIDARÁ EM MUDAR TEMPOS E LEIS” - DAN. 7:25.

Os Adventistas do Sétimo Dia consideram este texto fundamental. Eles argumentam que ele se refere ao Papa ou ao Papado. A seguir afirmam que o Papado mudou o Sábado, o quarto mandamento, cumprindo assim a profecia. A isto nos objetamos. No Capítulo VI, provamos que a mudança no dia foi feita na Igreja Apostólica centenas de anos antes que houvesse qualquer Papado. No Capítulo VII, vimos que a mudança no dia foi feita na Igreja Oriental, onde o Papado nunca governou.

O escrito de Dan. 7:25 mostra que o texto possui um significado muito mais amplo do que meramente mudar o Sábado. Era mudar “tempos e leis” – ambas no plural. Mudar o Sábado seria apenas mudar um tempo e uma lei. Isto não cumpriria a profecia. Mas o Papado mudou numerosos “tempos e leis”. Leia o texto seguinte extraído de *Systematic Study of the Catholic Religion*, de Charles Coppens, pág. 318:

“OS MANDAMENTOS DA IGREJA

As leis promulgadas pela Igreja, de modo a guiar seus membros à salvação eterna, são muitas e numerosas. Elas estão contidas no Cânon da Lei.”

Então segue-se uma longa lista de “tempos” santos e “leis” da igreja que não estão na Bíblia; e esses tempos e leis mudaram de tempos em tempos através dos séculos (ver qualquer comentário sobre Dan. 7:25).

A Igreja Romana cumpriu essa profecia muitas vezes, fora de qualquer alusão ao Sábado.

O Papa reivindica o direito de mudar ou anular as leis de pessoas ou estados, e frequentemente fez assim. Ele decreta dias santos e tempos santos, então os muda à sua vontade. Tudo isso tem sido manifesto na história do Papado durante as Eras das Trevas. Isso cumpriu amplamente a profecia, sem qualquer referência ao Sábado.

O texto de Dan. 7:25 é o único que os Adventistas contam para provar que o Papado mudou o Sábado. Eles o citam em todas as ocasiões como prova irrefutável sobre este ponto. Mas o leitor cuidadoso notará que eles são forçados a ler no texto aquilo que o Senhor se omitiu de colocar ali. O Sábado não é mencionado no texto de forma alguma. Eles têm que percorrer um longo caminho, e presumir muitas coisas, para fazer com que a sua teoria pareça plausível.

Exatamente como em Apoc. 14:12 – “Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus”, é seu grande texto para provar que o Sábado deve ser restaurado por eles na atualidade. Mas aqui novamente eles introduzem aquilo que o Senhor deixou de fora – o Sábado.

Se o Senhor quisesse se referir ao Sábado em ambos os textos, por que Ele não o mencionaria de forma clara, ao invés deixar para os Adventistas inseri-lo depois? Eles fazem com que esses textos dancem conforme a música que se adéque à sua teoria. Isso é tudo.

COMENTÁRIOS DO TRADUTOR

Irmão Adventista, veja estes versículos:

Gên. 15:6 – “E creu ele (Abraão) no Senhor, e **imputou-lhe isto por justiça**”. Aqui, no Antigo Testamento, **a norma do juízo é a FÉ**.

Rom. 4:3 – Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça”. Paulo confirma que **a norma do juízo é a FÉ**.

Fil. 3:9 – “E eu (Paulo) seja achado nele (Cristo), **não tendo a minha justiça que vem da lei**, mas **a que vem pela fé** em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus **pela fé**”. Aqui, no Novo Testamento, **a norma do juízo é a FÉ**.

Rom. 3:28 – “Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei”. Aqui **a norma do juízo é a FÉ**.

Efé. 2: 8, 9 – “Porque **pela graça** sois salvos, **mediante a fé**; e isso não vem de vós, é dom de Deus; **não de obras**, para que ninguém se glorie”. Aqui **a norma do juízo é a FÉ**.

Rom. 11:6 – “Mas, se é por graça, **já não é pelas obras**; de outra maneira, a **graça já não é graça**. Se, porém, é pela obras, **já não é mais graça**; de outra maneira a obra já não é obra”. Aqui **a norma do juízo é a FÉ**.

Agora veja o que diz a Sra. White sobre qual seria **a norma do juízo**, em seu “A Grande esperança” pág. 87 e 88:

“... Aparece então no céu a mão divina segurando duas tábuas de pedra. Aquela santa lei, proclamada no monte Sinai, **agora é apresentada como a norma do juízo**... Agora **são condenados por aquela lei** que desprezaram... Tarde demais, veem que **o sábado** do quarto mandamento **é o selo do Seus vivo**”.

Assim a Sra. White apresenta **um outro Evangelho**, cabendo-lhe o texto de Gál. 1:8 – “Mas, ainda que nós mesmos (**Paulo ou os Apóstolos**) ou um anjo do céu (**quanto mais a profetisa reprovada Sra. White...**) vos anuncie um outro evangelho (**cuja norma do juízo não seja a graça, mas uma obra, guardar o sábado**) além do que já vos tenho anunciado (**cuja norma do juízo é a graça, não a obra**), seja anátema”.

Os Adventistas confundem as pessoas, dizendo que a salvação é pela fé, não pelas obras, ao mesmo tempo em que declaram que **a norma do juízo é guardar o Sábado, ou seja, uma OBRA**. É como se falássemos para um estudante: “Para passar de ano precisa ter média acima de 7, mas a norma da aprovação é o comportamento”. Dá para entender que, no final, é o comportamento quem aprova ou reprova. Do mesmo modo, dá para entender que, entre a fé e o sábado, é a guarda ou não do sábado quem salva ou condena.

Moisés, Jesus, Paulo, os Apóstolos, os Pais da Igreja, os Mártires, os Católicos Romanos, os Católicos Ortodoxos, Lutero, Calvino, Zwinglio, Melancton, Moody, Spurgeon, George Whitefield, Jonathan Edwards, Charles Hodge, Augustus Hopkins Strong, Louis Berkoff, Billy Graham e os demais Evangelistas e teólogos da idade Moderna e Contemporânea – todos ensinaram que **a norma do juízo é a FÉ**. Só a Sra. White ensinou que **a norma do juízo é o SÁBADO**. Quem estaria errado? Seguramente, ela!

Os Adventistas dizem que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas recusam-se a aceitar o teste do profeta descrito em Deut. 18:21,22. Não aceitam a realidade de que a Sra. White foi reprovada, e por isso é profetisa falsa. Eles não conseguem comprovar que ela é infalível, pois os fatos mostram que falhou. Assim como na lei, quem quebrava um mandamento quebrava todos, no teste do profeta quem erra uma profecia erra em todas. Moisés, Elias, Eliseu, Daniel, Isaías, Jeremias, Jesus, etc. eram profetas, pois nunca falhou a palavra que disseram em nome do Senhor. A Sra. White, porém, falhou, e por isso é falsa profetisa. Os Adventistas não aceitam este fato. Pior cego é aquele que não quer ver.

Se cavucarmos a doutrina Adventista, constatamos que o único fundamento para toda essa estória de guardar o sábado é apenas uma visão da sua falsa profetisa. Ela relata em Primeiros Escritos, pág. 32-34 (<http://www.ellenwhitebooks.com/?l=27&p=32>):

“No lugar santíssimo **vi (a visão falsa)** uma arca, cujo alto e lados eram do mais puro ouro. Em cada extremidade da arca havia um querubim com suas asas estendidas sobre ela. Tinham os rostos voltados um para o outro, e olhavam para baixo. Entre os anjos estava um incensário de ouro. Sobre a arca, onde estavam os anjos, havia o brilho de excelente glória, como se fora a glória do trono da habitação de Deus. Jesus estava junto à arca, e ao subirem a Ele as orações dos santos, a fumaça do incenso subia, e Ele oferecia suas orações ao Pai com o fumo do incenso. Na arca estava a urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão que florescera e as tábuas de pedra que se fechavam como um livro. Jesus abriu-as, e eu vi os Dez Mandamentos nelas escritos com o dedo de Deus. Numa das tábuas havia quatro mandamentos e na outra seis. Os quatro da primeira tábua eram mais brilhantes que os seis da outra. **Mas o quarto, o mandamento do sábado, brilhava mais que os outros (eis o único fundamento – falso – para a guarda do sábado)**; pois o sábado foi separado para ser guardado em honra do santo nome de Deus. **O santo sábado tinha aparência gloriosa – um halo de glória o circundava. Vi que o mandamento do sábado não fora pregado na cruz (aqui ela decide que a salvação é pelas obras – guardar o sábado, pois esta “está fora” da cruz)**. Se tivesse sido, os outros nove mandamentos também o teriam, e estaríamos na liberdade de transgredi-los a todos, bem como o quarto mandamento. Vi que Deus não havia mudado o sábado, pois Ele jamais muda. Mas Roma tinha-o mudado do sétimo para o primeiro dia da semana; pois deveria mudar os tempos e as leis.

E eu vi que se Deus tivesse mudado o sábado do sétimo dia para o primeiro, Ele teria mudado a redação do mandamento do sábado, escrito nas tábuas de pedra, que estão agora na arca no lugar santíssimo do templo no Céu; e seria lido assim: O primeiro dia é o sábado do Senhor teu Deus. Mas eu vi que nele se lê da mesma maneira como foi escrito nas tábuas de pedra pelo dedo de Deus, e entregue a Moisés no Sinai: “Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus.” Êx. 20:10. Vi que o santo sábado é, e será, o muro de

separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos, e que o sábado é o grande fator que une os corações dos queridos de Deus, os expectantes santos.

Vi que Deus tinha filhos que não reconheciam o sábado e não o guardavam. Eles não haviam rejeitado a luz sobre este ponto. E ao início do tempo de angústia fomos cheios do Espírito Santo ao sairmos para proclamar o sábado mais amplamente. Isso enfureceu as igrejas e os adventistas nominais, pois não podiam refutar a verdade do sábado. **E nesse tempo os escolhidos de Deus viram todos claramente que tínhamos a verdade** (*eis o fundamentos mentiroso de que eles são os únicos certos*), e saíram e enfrentaram a perseguição conosco”.

Miller, o fundador do Adventismo, não guardava o sábado. Tudo começou com esta visão da falsa profetisa, e depois montou-se uma enxurrada de “argumentos” para justificar a guarda do sábado, além de mentiras inventadas, como a de que “o Papa” mudou o Sábado para o Domingo”.